



**Faculdade e Seminário
Teológico Nacional**
**Cursos Online de Teologia
Ensino à Distância**

CURSO SUPERIOR DE TEOLOGIA

DISCIPLINA: BIBLIOLOGIA



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

CONCEITO GERAL DE BIBLIOLOGIA



Imagen meramente ilustrativa.

O nosso assunto é o estudo introdutório e auxiliar das Sagradas Escrituras, para sua melhor compreensão. É também chamado Isagoge nos cursos superiores de Teologia. Este estudo auxilia grandemente a compreensão dos fatos da Bíblia. Um ponto saliente nele é a história de como a Bíblia chegou até nós. A necessidade desse estudo é que, sendo a Bíblia um livro divino, veio a nós por canais humanos, tornando-se, assim, divino-humano, como também o é a Palavra Viva: Cristo, que se tornou também divino-humano (Jo 1.1; Ap 19.13).

Através da Bíblia, Deus se revela em linguagem humana, para que o homem possa entendê-lo. Por essa razão, a Bíblia faz alusão a tudo que é terreno e humano. Ela menciona países, montanhas, rios, desertos, mares, climas, solos, estradas, plantas, produtos, minérios, comércio, dinheiro, línguas, raças, usos, costumes, culturas etc. Isto é, Deus, para fazer-se compreender, vestiu a Bíblia da nossa linguagem, adaptando-a ao modo humano de perceber as coisas.

A Bíblia é, sem dúvida, um dos mais apreciados legados literários da humanidade. Contudo o seu valor não se firma de maneira substancial no fato literário. A riqueza da Bíblia consiste no caráter essencialmente religioso da sua mensagem, que a transforma no livro sagrado por excelência, tanto para o povo de Israel quanto para



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

a Igreja cristã. Nessa coleção de livros, a Lei se apresenta como uma ordenação divina (Êx 20; Sl 119), os Profetas têm a consciência de serem portadores de mensagens da parte de Deus (Is 6; Jr 1.2; Ez 2-3) os Escritos ensinam que a verdadeira sabedoria encontra em Deus a sua origem (Pv 8.22-31).

Esses valores religiosos aparecem não só no título de Sagradas Escrituras, mas também na forma que Jesus e, em geral, os autores do Novo Testamento se referem ao Antigo, isto é, aos textos bíblicos escritos em épocas precedentes. Isso ocorre, por exemplo, quando lemos que Deus fala por meio dos profetas ou por meio de algum dos outros livros (Mt 1.22; 2.15; Rm 1.2; 1Co 9.9) ou quando os profetas aparecem como aquelas pessoas mediante as quais “se diz” algo ou “se anuncia” algum acontecimento, forma hebraica de expressar que é o próprio Deus quem diz ou anuncia (Mt 2.17; 3.3; 4.14); também quando se afirma a permanente autoridade das Escrituras (Mt 5.17-18; Jo 10.35; At 23.5), ou quando as relaciona especialmente com a ação do Espírito Santo (At 1.16; 28.25). Formas magistrais de expressar a convicção comum a todos os cristãos em relação ao valor das Escrituras são encontradas em passagens como 2Tm 3.15-17 e 2Pe 1.19-21.

A Igreja cristã, desde as suas origens, tem descoberto na mensagem do evangelho o mesmo valor da palavra de Deus e a mesma autoridade do Antigo Testamento (Mc 16.15-16; Lc 1.1-4; Jo 20.31; 1Ts 2.13), por isso, em 2Pe 3.16, se equiparam as epístolas de “nossa amado irmão Paulo” (v.15) às “demais Escrituras”. Gradativamente, a partir do século II d.C., foram sendo reconhecidos os 27 livros que formam o Novo Testamento a sua categoria de livros sagrados e, em consequência, a plenitude da sua autoridade definitiva e o seu valor religioso.

Tal reconhecimento, que implica o próprio tempo da presença, direção e inspiração do Espírito Santo na formação das Escrituras, não descarta, em absoluto, a atividade física e criativa das pessoas que redigiram os textos. Elas mesmas se referem a essa atividade em diversas ocasiões (Ec 1.13; Lc 1.1-4; 1Co 15.1-3,11; Gl 6.11). A presença de numerosos autores materiais é, precisamente, a causa da extraordinária riqueza de línguas, estilos, gêneros literários, conceitos culturais e reflexões teológicas que caracterizam a Bíblia.

A expressão “a palavra de Deus” (também “a palavra do Senhor”, ou simplesmente “a palavra”) possui várias aplicações na Bíblia. Obviamente, refere-se, em primeiro lugar, a tudo quanto Deus tem falado diretamente. Quando Deus falou a Adão e Eva (Gn 2.16,17; Gn 3.9-19), o que Ele lhes disse era, de fato, a palavra de Deus. De modo semelhante, Ele se dirigiu a Abraão (Gn 12.1-3), a Isaque (Gn 26.1-5), a Jacó



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

(Gn 28.13-15) e a Moisés (Êx 3-4). Deus também falou à totalidade da nação de Israel, no monte Sinai, ao proclamar-lhe os dez mandamentos (Êx 20.1-19). As palavras que os israelitas ouviram eram palavras de Deus.

Além da fala direta, Deus ainda falou através dos profetas. Quando eles se dirigiam ao povo de Deus, assim introduziam as suas declarações: “Assim diz o Senhor”, ou “Veio a mim a palavra do Senhor”. Quando, portanto, os israelitas ouviam as palavras do profeta, ouviam, na verdade, a palavra de Deus.

A mesma coisa pode ser dita a respeito do que os apóstolos falaram no Novo Testamento. Embora não introduzissem suas palavras com a expressão “assim diz o Senhor”, o que falavam e proclamavam era, verdadeiramente, a palavra de Deus. O sermão de Paulo ao povo de Antioquia da Pisídia (At 13.14-41), por exemplo, criou tamanha comoção que, “no sábado seguinte, ajuntou-se quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus” (At 13.44). O próprio Paulo assegurou aos Tessalonicenses que, “havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus” (1Ts 2.13; At 8.25).

Além disso, tudo quanto Jesus falava era palavra de Deus, pois Ele, antes de tudo, é Deus (Jo 1.1,18; 10.30; 1Jo 5.20). Lucas, escritor do terceiro evangelho, declara explicitamente que, quando as pessoas ouviam a Jesus, ouviam na verdade a palavra de Deus (Lc 5.1). Note como, em contraste com os profetas do ANTIGO TESTAMENTO, Jesus introduzia seus ditos: Eu “vos digo...” (Mt 5.18, 20, 22, 23, 32, 39; 11.22, 24; Mc 9.1; 10.15; Lc 10.12; 12.4; Jo 5.19; 6.26; 8.34). Noutras palavras, Ele tinha dentro de si mesmo a autoridade divina para falar a palavra de Deus. É tão importante ouvir as palavras de Jesus, pois “quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação” (Jo 5.24). Jesus, na realidade, está tão estreitamente identificado com a palavra de Deus que é chamado “o Verbo” [“a Palavra”] (Jo 1.1,14; 1Jo 1.1; Ap 19.13-16; Jo 1.1). A palavra de Deus é o registro do que os profetas, apóstolos e Jesus falaram, isto é, a própria Bíblia. No Novo Testamento, quer um escritor usasse a expressão “Moisés disse”, “Davi disse”, “o Espírito Santo diz”, ou “Deus diz”, nenhuma diferença fazia (At 3.22; Rm 10.5, 19; Hb 3.7; 4.7); pois o que estava escrito na Bíblia era, sem dúvida alguma, a palavra de Deus.

Mesmo não estando no mesmo nível das Escrituras, a proclamação feita pelos autênticos pregadores ou profetas, na igreja de hoje, pode ser chamada a palavra de Deus. Pedro indicou que, a palavra que seus leitores recebiam mediante a



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

pregação, era palavra de Deus (1Pe 1.25), e Paulo mandou Timóteo “pregar a Palavra” (2Tm 4.2). A pregação, porém, não pode existir independentemente da Palavra de Deus. Na realidade, o teste para se determinar se a palavra de Deus está sendo proclamada num sermão, ou mensagem, é se ela corresponde exatamente à Palavra de Deus escrita.

O que se diz de uma pessoa que recebe uma profecia, ou revelação, no âmbito do culto de adoração (1Co 14.26-32)? Ela está recebendo, ou não, a palavra de Deus? A resposta é um “sim”. Paulo assevera que semelhantes mensagens estão sujeitas à avaliação por outros profetas. Todavia, há a possibilidade de tais profecias não serem palavras de Deus (1Co 14.29 “E falem dois ou três profetas, e os outros julguem”). É somente em sentido secundário que os profetas, hoje, falam sob a inspiração do Espírito Santo; sua revelação jamais deve ser elevada à categoria da inerrância (1Co 14.3).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

1 - A BÍBLIA - ORIGEM E VOCÁBULOS

1.1 *Origens da Escrita*

Tem sido difícil determinar com exatidão, onde, como e quando a escrita teve a sua origem. A escrita se originou quando o ser humano sentiu a necessidade de guardar seus feitos para que a posteridade os conhecesse. A escrita primitiva foi pictográfica onde figuras representavam objetos. Logo a seguir aparece à ideográfica, assim chamada pelo fato das figuras representarem idéias. Num terceiro estágio aparece o fonograma – figuras representando sons. Dos povos antigos, os dois que mais se destacaram, no desenvolvimento da escrita, foram os babilônicos e os egípcios. Cada um destes teve a sua destacada e particular escrita: os babilônicos criaram a escrita cuneiforme, assim denominada por consistir de pequenas cunhas, feitas especialmente em pedras; enquanto os egípcios usavam pequenas figuras para representar objetos e idéias, os famosos hieróglifos. A história nos relata que a decifração dessas escritas exigiu muito esforço e concentração. A escrita cuneiforme foi decifrada pelo oficial inglês Henrique Rawlinson, após 18 anos de labores intensos. Quanto à escrita hieroglífica, todos sabem que foi Champollion, o notável egíptólogo francês, o primeiro a desvendar-lhe os mistérios.

1.1.1 *A Escrita Cuneiforme*

A princípio, certa espécie de marca representava uma palavra inteira, ou uma combinação de palavras. Desenvolvendo-se a arte de escrever, passou a haver 'marcas' que representavam partes de palavras, ou sílabas. Era este o gênero de escrita em uso na Babilônia no alvorecer do período histórico. Havia mais de 500 marcas diferentes, com umas 30.000 combinações. Geralmente, essas marcas se faziam em tijolos ou placas de barro macio (úmido), medindo de 2 a 50 centímetros de comprimento, uns dois terços de largura, e escritos de ambos os lados; depois eram secados ao sol ou cozidos no forno. Por meio dessas inscrições cuneiformes, em placas de barro, é que chegou até nós a vasta literatura dos primitivos babilônios.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

1.1.2 Origem do Alfabeto

Tem sido um assunto bastante controvertido a origem do alfabeto. Em geral se aceita que o alfabeto de 22 letras foi inventado pelos fenícios e por eles levado aos gregos e depois aos latinos. Até a pouco se afirmava que a descoberta do alfabeto tinha sido pelos séculos XII ou XI a.C., sendo este argumento apresentado para provar que Moisés não podia ter escrito o Pentateuco, visto que em seu tempo não tinham ainda inventado a arte de escrever.

Ira M. Price no livro *The Ancestry of Our English Bible*, p. 13, escreveu: "A escrita é muito antiga na Palestina [...] O trabalho dos arqueólogos nos mostra muitos exemplos de escrita antes de Moisés". Escavações arqueológicas em Ur têm provado que Abraão era cidadão de uma metrópole altamente civilizada. Nas escolas de Ur os meninos aprendiam leitura, escrita, aritmética e geografia.

Três alfabetos foram descobertos: junto do Sinai, em Biblos e em Ras Shamra, que são bem anteriores ao tempo de Moisés (1.500 a.C.). Estudiosos modernos, baseados em evidências irrefutáveis, sustentam que Moisés escolheu a escrita fonética para escrever o Pentateuco. O arqueólogo W. F. Albright datou esta escrita de início do século XV a.C. (tempo de Moisés). Interessante é notar que esta escrita foi encontrada no lugar onde Moisés recebeu a incumbência de escrever seus livros. Em *Êxodo 17.14* encontramos a ordem divina para que Moisés escrevesse num livro.

Note-se ainda a frase de Merrill Unger sobre a escrita do Antigo Testamento: "A coisa importante é que Deus tinha uma língua alfabética simples, pronta para registrar a divina revelação, em vez do difícil e incômodo cuneiforme de Babilônia e Assíria, ou o complexo hieróglifo do Egito". Sobre o problema de Moisés ter escrito ou não seus livros vale acrescentar o que escreveu o Dr. Renato Oberg: "Os primeiros livros da Bíblia a serem escritos foram os que compõem o Pentateuco e o de Jó, sendo a autoria deles atribuída a Moisés pela tradição judaica que, por sua vez, é aceita sem contestação por grande número de cristãos. O Talmude Babilônico afirma que 'Moisés escreveu o seu próprio livro e as passagens e respeito de Balaão e Jó' (SDABC, vol. III, p. 493).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Como vimos, nem todos aceitam Moisés como sendo o real autor destes livros, especialmente o de Jó. Os que o fazem, dão Jó como tendo sido o primeiro dos livros escritos, e Moisés o teria feito quando pastoreava os rebanhos do seu sogro nas campinas de Midiã, após ter fugido do Egito. Os cinco livros que compõem o Pentateuco foram escritos posteriormente. Os que não aceitam esta tese, já escreveram muito a respeito do assunto, procurando arrazoar com argumentos os mais variados. Inclusive a diferença de estilo entre os livros e até dentro de cada um deles.

Um dos argumentos mais fortes, porém senão o mais forte de todos, foi o que começou a dominar desde o fim do último quartel do século passado, quando Wellhausen, professor da Universidade de Greifswald, chegou a afirmar que se fosse tão-somente possível saber que Moisés pudesse escrever, seria ridículo não aceitá-lo. Evidentemente, segundo tudo o que se conhecia até então, quando as primeiras grandes descobertas arqueológicas começaram a empolgar o mundo e quando se dizia que tudo tem de ser decidido pela razão, tinha-se como certo que a invenção do nosso alfabeto se devia aos fenícios que o tinham criado no afã de facilitar suas transações comerciais pelo mundo todo. Foi então que a decifração dos hieróglifos feita por Champollion revelou o conteúdo de uma série enorme de documentos com sinais tidos por muitos como decoração e misticismo religioso, e cujo conteúdo era, até então, desconhecido completamente. Ora sendo o alfabeto inventado pelos fenícios, cuja existência foi bem posterior à de Moisés, e se as escritas anteriores, hieróglifos e cuneiformes, foram apenas decifradas no século passado, como poderia Moisés ter escrito aqueles livros? Se o tivesse feito, só o poderia fazer em hieróglifos, língua na qual a própria Bíblia diz que Moisés era perito (Atos 7.22) e, neste caso ela, a Bíblia do Velho Testamento, teria ficado desconhecida por nós até Champollion! Daí a frase de Wellhausen.

Acontece, porém, que no princípio do século XX ou, mais precisamente, nos anos de 1904 e 1905, Sir Flinders Petrie, fazendo escavações na Península do Sinai, patrocinadas pela Escola Britânica de Arqueologia no Egito, descobriu algumas inscrições muito diferentes do cuneiforme, mas embora aparentassem alguma semelhança com o hieróglifo, não o eram, em absoluto. O caso despertou enorme interesse entre os que cuidavam do assunto, especialmente quando começaram a aparecer mais vasos e óstracos (cacos de vasos com inscrições) portadores de sinais idênticos, em outros lugares na Palestina. Para encurtar a história, os estudos que arqueólogos famosos como, inclusive, W. F. Albright fizeram, elucidaram completamente o caso e hoje se sabe perfeitamente que os sinais descobertos por



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Flinders Petrie pertencem à escrita chamada de proto-fenícia, proto-sinaítica ou cananita e [...] era alfabetica! Com esta descoberta, a origem do nosso alfabeto se transportava da época dos fenícios para a dos seus antecessores, séculos antes, os cananitas que viveram no tempo de Moisés e antes dele. Foram estes antepassados dos Fenícios que simplificaram a escrita, passando a usar o alfabeto em lugar dos hieróglifos, isto é, sinais que representam sons ao invés de sinais que representam idéias. Para nós, porém, assume importância igualmente grande o fato de estes cananitas, inventores da escrita alfabetica, serem justamente os da região onde Moisés pastoreava as ovelhas do seu sogro. Convém, portanto que os conheçamos um pouco mais.

A partir da XII dinastia, os egípcios começaram a explorar as minas de cobre e turquesa da região do Sinai, e uma das maiores delas ficava em Serabitel-Khadem, acerca de oitenta quilômetros do tradicional Monte Sinai, onde foram dados os Dez Mandamentos. Em termos de jornada, esta região distava cerca de três dias de viagem do Egito. Neste local trabalhavam para os egípcios muitos semitas que praticavam uma religião muito semelhante à dos israelitas, tal como pode ser observado pelos restos deixados por eles e descobertos pelos arqueólogos. Esta região era a mesma naquele tempo conhecida também pelo nome de 'Terra de Midiá', para onde Moisés fugiu da presença de Deus (Êx 2.15). Com estas descobertas, perderam sua razão de ser muitos dos argumentos contrários à Bíblia feitos pela Crítica Histórica, porque se verificou que a história bíblica daquele período passou a ser perfeitamente comprehensível dentro dos costumes da época, inclusive a boa convivência de Moisés com o sacerdote Jetro, cujas religiões eram fundamentalmente as mesmas.

Ora vivendo Moisés quarenta anos nesta região, é óbvio que tomou contato com a escrita rude daquele povo, viu nela a escrita do futuro e passou a usá-la por duas grandes razões que teria julgado decisivas: a primeira foi a impressão grandiosa que teve de usar uma língua alfabetica para seus escritos e que se compunha apenas de vinte e dois sinais bastante simples comparados com os ideográficos que aprendera nas Escolas do Egito; a outra teria sido o fato de compreender que estava escrevendo para seu próprio povo, cuja origem era semita como a dos habitantes da terra onde vivia, tendo estes uma religião idêntica à dos primeiros, ambas, porém, deturpadas pelas influências pagãs e oriundas do pecado; seus leitores seriam homens e mulheres, moços e moças do povo, especialmente israelitas que, não sendo versados em hieróglifos por causa da sua posição de escravos no Egito, aprenderam com muito mais facilidade os poucos e simples sinais alfabeticos que



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

representavam sons do que os inúmeros e complicados hieróglifos que representavam idéias.

1.2 Materiais Usados para Escrever

1.2.1 Manuscritos

Vulgarmente os dicionários registram MANUSCRITO como "escrito à mão". Em sentido técnico, esse nome refere-se à volumosa bagagem de rolos ou fragmentos escritos à mão com textos das Escrituras Sagradas. Em um sentido mais particular, alude aos escritos do Antigo e Novo Testamentos, desde os tempos patriarcais até à invenção da imprensa, na metade do século XV.

De conformidade com o Prof. Antonio Gilberto (1996, p.74,75), “desde os tempos mais remotos o homem tem usado vários materiais e técnicas sobre as quais tentava de alguma forma passar idéias, fatos de geração a geração”, alguns dos materiais usados foram:

- a) *Pedra*. Os caracteres eram gravados nas colunas dos templos, como os de Lúxor e Camaque, no Egito; ou em cilindros, como o código de Hamurabi; ou nas rochas, como em Persépolis; ou mesmo em lápides, como a pedra Roseta, decifrada por Champolion, nos dias de Napoleão.
- b) *Cerâmica*. Material usado desde tempos imemoriais na região da Mesopotâmia. Dois tipos de cerâmica têm sido encontrados pelos arqueólogos: seca ao sol e seca ao forno.
- c) *Linho*. Tem sido encontrado nas descobertas arqueológicas.
- d) *Tábuas recobertas de cera* (Is 8.1; Lc 1.63).
- e) *Papiro*. O papiro se destaca como o principal material antigo usado para escrever. Planta originária do Egito, muito comum nas margens lodosas do Nilo, e usada abundantemente na preparação de uma espécie de papel. Ele só cresce em terrenos alagadiços, por isso em Jó 8.11 há a seguinte pergunta: Pode o papiro crescer sem lodo? Normalmente se escrevia só de



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

um lado do papiro e as folhas mais longas eram enroladas. Estes rolos recebiam o nome de volumes, palavra do latim – volvere que significa enrolar. Os egípcios guardavam ciosamente o segredo da preparação do papiro para a escrita. No século VI a.C. começaram a exportá-lo para a Grécia e depois para outros povos que habitavam nas margens do Mediterrâneo, onde se criou um importante comércio desta especialidade, mormente na cidade da Biblos. Quem hoje chega ao Cairo, capital do Egito, pode visitar às margens do rio Nilo um navio-escola, onde se prepara o papiro com finalidades culturais e turísticas, mas não comerciais. The Interpreter's Dictionary of the Bible, vol. 3, p. 649, diz o seguinte sobre o papiro: "O papel, palavra derivada de papiro, era preparado de finas faixas da parte inferior da folha do papiro arranjadas verticalmente, com outra camada aplicada horizontalmente em cima. Um adesivo era empregado (Plínio diz que era água do Nilo!) e pressão aplicada para ligá-las formando uma folha. Após secar, era polida com instrumentos de concha ou pedra; depois as folhas eram atadas, formando rolos".

- f) *Pergaminho.* A preparação do pergaminho para receber a escrita tem uma interessante história. De acordo com a História Natural de Plínio, o Velho (Livro XIII, capítulo XXI), foi o rei Eumene de Pérgamo, uma cidade da Ásia Menor, quem promoveu a preparação e o uso do pergaminho. Este rei planejou fundar uma biblioteca em sua cidade, que se rivalizasse com a famosa biblioteca de Alexandria. Esta ambição não agradou a Ptolomeu do Egito, que imediatamente proibiu a exportação de papiro para Pérgamo. Esta proibição forçou Eumene a preparar peles de carneiro ou ovelha para receber a escrita, dando-lhe o nome do lugar de origem – pergaminho. O pergaminho era muito superior ao papiro, por causa da maior durabilidade. Os principais manuscritos bíblicos estão escritos em Pergaminhos. Paulo na sua segunda Epístola a Timóteo (4.13) roga ao jovem ministro para que lhe trouxesse os pergaminhos. Em grego a palavra não é pergaminho, mas membrana. O pergaminho continuou a ser usado até o fim da Idade Média quando o papel inventado pelos chineses e introduzido na Europa pelos comerciantes árabes tornou-se popular, suplantando todos os outros materiais da escrita. Os judeus eram bastante cuidadosos com a preparação de manuscritos destinados a receber os escritos sagrados, exigindo que a pele fosse de animal limpo e preparada por um judeu.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

- g) *Palimpsesto.* Em virtude de crises econômicas o pergaminho tornava-se muito caro, era então raspado, lavado e usado novamente. Estes manuscritos eram chamados palimpsestos (do grego palin = de novo e psesto = raspado). Um famoso manuscrito – o Códice Efraimita está escrito em um palimpsesto. Por meio de reagentes químicos e raios ultravioletas eruditos têm conseguido fazer reaparecer a escrita primitiva desses palimpsestos. Dos 250 manuscritos unciais conhecidos hoje, do Novo Testamento, 52 são palimpsestos.

1.2.2 Caracteres dos Manuscritos

Na antiguidade havia dois tipos distintos de escrita em grego: o cursivo e o uncial. O cursivo, escrita rápida, empregado em escritos não literários, tais como: cartas, pedidos, recibos. Neste tipo de escrita eram comuns as contrações e abreviações. O uncial, usado mais em obras literárias, caracterizava-se por serem as letras maiores e separadasumas das outras. Assemelhar-se-iam às nossas letras maiúsculas. Os manuscritos bíblicos apresentam estes dois tipos de escrita, porém, não nos devemos esquecer que os principais se encontram em letras uncias.

No início do século IX a.D., houve uma reforma na maneira de escrever e uma escrita com letras pequenas, chamadas minúsculas, era usada na produção de livros. Letras minúsculas, economizando tempo e material, faziam com que os livros ficassem mais baratos e pudessem ser adquiridos por maior número de pessoas. Nos manuscritos bíblicos primitivos, normalmente, nenhum espaço era deixado entre as palavras e até o século VIII a pontuação era escassamente usada. De acordo com J. Angus em História, Doutrina e Interpretação da Bíblia, Vol, I, p. 39, somente no século VIII é que foram introduzidos nos manuscritos alguns sinais de pontuação e no século IX introduziram o ponto de interrogação e a vírgula. Sentidos distintos têm surgido, quando uma simples vírgula é mudada de lugar, como se evidencia da leitura da conhecida passagem: "Em verdade te digo hoje, comigo estarás no paraíso". Muitas outras passagens bíblicas podem ser lidas com sentido totalmente diferente ao ser mudada a sua pontuação como nos confirmam os seguintes exemplos: "Ressuscitou, não está aqui." "Ressuscitou? não, está aqui." "A voz daquele que clama no deserto: preparai o caminho do Senhor"; "A voz daquele que clama: no deserto preparai o caminho do Senhor."



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

1.2.3 Manuscritos gregos

- a) *Papiros.* O texto do Novo Testamento continuou sendo escrito sobre papiro até ao século VII. Mas sabemos que a partir do século IV já se usava o pergaminho. Há nada menos de 76 papiros que contêm porções do Novo Testamento.
- b) *Unciais e Cursivos.* Existia uma variedade de escritos unciais e cursivos. Há 252 cópias unciais, atribuídas de 4 a 9 e mais ou menos 2646 cópias em cursivos, de 9 a 11 d.C.
- c) *Lecionários.* Igualmente escritos em pergaminho. Há 1997 cópias. Eram leituras escolhidas do texto do Novo Testamento, para serem lidas nas reuniões públicas nas igrejas. Portanto, há nada menos de cinco mil manuscritos gregos. De todas as obras literárias antigas, nenhuma é tão bem documentada como o Novo Testamento.
- d) *Ostracas.* Eram pedaços de jarros quebrados, grafados com pequenas porções do Novo Testamento ou de outras obras literárias. Do Novo Testamento há apenas vinte e cinco, com os seguintes textos: Mt 27.31,32; Mc 5.40,41; Lc 12.13-16; Jo 1.1-9,14-17; 18.19-25 e 19.15-17.
- e) *Amuletos.* Também chamados "talismãs da sorte." Eram pedaços de lança, madeira, barro, pergaminho e papiro, com inscrições, algumas com breves porções do Novo Testamento, inclusive a oração do Pai Nosso. Pertencem aos séculos IV à XIII.

1.2.4 Manuscritos Importantes do Antigo Testamento

Muitos dos manuscritos medievais do Antigo Testamento exibem uma forma positivamente padronizada do texto hebraico. Essa padronização reflete o trabalho de copistas medievais conhecidos pelo nome de massoretas (500-900 d.C.). O texto resultante desse trabalho é denominado texto massorético. A maioria dos manuscritos importantes, datados do século XI d.C. ou posteriores reflete essa mesma tradição textual básica. Mas, visto que o texto massorético não se firmou até



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

bem depois de 500 d.C., muitas questões relacionadas ao seu desenvolvimento nos séculos precedentes não podiam ser respondidas. Então, a primeira tarefa para os críticos textuais do Antigo Testamento foi comparar as testemunhas antigas, a fim de descobrir como o texto massorético surgiu e como ele e os testemunhos antigos da Bíblia hebraica estão relacionados, o que nos leva à primeira tarefa da crítica textual: a compilação de todos os registros possíveis dos escritos bíblicos.

Todas as fontes primárias das Escrituras hebraicas são manuscritos (grafados à mão), geralmente escritos em peles de animais, em papiros ou, às vezes, em metais. O fato de serem escritos à mão é fonte de muitas dificuldades para o crítico textual. O erro humano e a interferência editorial são freqüentemente culpados pelas muitas leituras variantes nos manuscritos do Antigo e do Novo Testamento. Pela razão de os antigos manuscritos estarem escritos em peles ou em papiros, gera-se outra fonte de dificuldades. Devido à deterioração natural, a maioria dos antigos manuscritos subsistentes está fragmentária, difícil de ler [...] Há muitas testemunhas secundárias para o texto primitivo do Antigo Testamento, incluindo traduções para outras línguas, citações usadas tanto por amigos quanto por inimigos da religião cristã e evidências dos primeiros textos impressos. Grande parte das testemunhas secundárias passou por processos similares às testemunhas primárias. Elas também contêm numerosas variantes por causa de erros, não só intencionais como também acidentais, e estão fragmentárias como resultado da degeneração natural. Considerando que as leituras variantes realmente existem nos antigos manuscritos que subsistiram, estes devem ser compilados e comparados. O trabalho de comparar e alistar as leituras variantes é conhecido por colação (COMFORT, 1998, p. 215).

1.2.5 O Texto Massorético

A história do texto massorético é um relato por si mesmo significativo. Esse texto da Bíblia hebraica é o mais completo que existe. Forma a base para nossas modernas Bíblias hebraicas e é o protótipo pelo qual todas as comparações são feitas no estudo textual do Antigo Testamento. É chamado massorético porque, em sua presente forma, foi baseado na Massora, a tradição textual dos eruditos judeus conhecidos como os massoretas de Tiberíades (local dessa comunidade, no mar da Galiléia). Os massoretas, cuja escola de erudição prosperou entre 500 e 1000 d.C.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

padronizaram o tradicional texto consonantal, adicionando pontos vocálicos e notas marginais (o antigo alfabeto hebraico não tinha vogais).

O manuscrito massorético de data mais antiga é o Códice Cairense (895 d.C. atribuído a Moisés ben Aser. Esse manuscrito compreende os livros tanto dos primeiros profetas (Josué, Juízes, Samuel e Reis) quanto dos últimos (Isaías, Jeremias, Ezequiel e os 12 Profetas Menores). O resto do Antigo Testamento está faltando no manuscrito [...] Outro importante manuscrito subsistente atribuído à família Ben Aser é o Códice Alepo. De acordo com nota conclusiva encontrada no manuscrito, Aron ben Moisés ben Aser foi responsável por escrever as notas massoréticas e colocar os pontos vocálicos no texto. Esse manuscrito continha todo o Antigo Testamento e data da primeira metade do século X d.C. De acordo com notícias divulgadas, foi destruído em um tumulto antijudaico em 1947, porém mais tarde tal informe comprovou-se ser apenas parcialmente verdadeiro. Uma grande parte do manuscrito subsistiu e será usada como base para uma nova edição crítica da Bíblia hebraica a ser publicada pela Universidade Hebraica de Jerusalém [...] O manuscrito conhecido como Códice Leningradense, atualmente guardado na Biblioteca Pública de Leningrado, é de especial importância como testemunha ao texto de Ben Aser. Segundo nota contida no manuscrito, esse códice foi copiado, em 1008 d.C., de textos escritos por Aron ben Moisés ben Aser. Visto que o mais antigo texto hebraico completo do Antigo Testamento (o Códice Alepo), não estava disponível aos eruditos no início do século XX, o Códice Leningradense foi usado como base textual para os populares textos hebraicos de hoje: a Bíblia Hebraica, editada por R. Kittel, e sua revisão, a Bíblia Hebraica Stuttgartensia, editada por K. Elliger e W. Rudolf [...] Há um número muito grande de códices de manuscritos menos importantes, que refletem a tradição massorética: o Códice de Petersburgo dos Profetas e os Códices de Erfurt. Também há vários manuscritos que não existem mais, embora tenham sido usados pelos eruditos no período massorético. Um dos mais distintos é o Códice Hillel, tradicionalmente atribuído ao rabino Hillel ben Moisés ben Hillel, de aproximadamente 600 d.C. Esse códice era dito como muito exato e foi usado para a revisão de outros manuscritos. Leituras desse códice são repetidamente citadas pelos antigos massoretas medievais. O Códice Muga, o Códice Jericó e o Códice Jerusalmi, também não mais subsistentes, foram igualmente citados pelos massoretas. [...] A despeito da perfeição dos manuscritos massoréticos da Bíblia hebraica, um importante problema ainda permanece para os críticos do Antigo Testamento. Os manuscritos massoréticos, antigos como são, foram escritos entre um e dois mil anos depois dos autógrafos originais. (COMFORT, 1998, p. 215-219).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

1.2.6 Manuscritos do Mar Morto



Imagen meramente ilustrativa.

Num dia de verão, em 1947, o pastor beduíno árabe, Muhammad ad Dib, da tribo dos Taa'mireh, que se acampa entre Belém e o Mar Morto, saiu a procura de uma cabra desgarrada nas ravinas rochosas da costa noroeste do referido mar, e encontrou um inestimável tesouro bíblico. Estava o pastor junto à encosta rochosa do uádi Qümramo Ao atirar uma pedra numa das cavernas ouviu um barulho de cacos se quebrando. Entrou na caverna e encontrou uma preciosa coleção de MSS bíblicos: 12 rolos de pergaminho e fragmentos de outros. Um dos rolos era um MS de Isaías do ano 100 a.C., isto é, mil anos mais antigo que os exemplares até então conhecidos. Os rolos estão escritos em papiro e pergaminho e envolvidos em panos de linho. Outras cavernas foram vasculhadas e novos MSS foram encontrados.

Novas luzes estão surgindo na interpretação de passagens difíceis do Antigo Testamento. Exemplos: em Êxodo 1.5, o total de pessoas é 75, concordando assim com Atos 7.14. (O hebraico não tem algarismos para os números e sim letras; daí, para um erro não custa muito) Em Isaías 49.12, o novo MS de Isaías diz "Siene" e não "Sinin". Ora, Siene era uma importante cidade fronteiriça do Egito, às margens do Nilo, junto à Etiópia. É hoje a moderna Assuam, com sua extraordinária represa.

Ezequiel 29.10 e 30.6 referem-se a essa cidade; a versão ARC grafa "Sevené". Muitos eruditos pensavam até agora que o termo "Sinin" de Isaías 49.12 fosse uma alusão à China. É muito confortante saber que os textos desses MSS encontrados concordam com os das nossas Bíblias. Pesquisas revelam que os MSS do mar Morto foram escondidos pelos essênios - seita ascética judaica - durante a segunda revolução dos judeus contra os romanos em 132/135 d.C. Os responsáveis por um



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

grande mosteiro agora descoberto, ao verem aproximar-se as tropas romanas, esconderam ali sua biblioteca! Nas 267 cavernas examinadas, foram encontrados fragmentos de 332 obras, ao todo. Encontraram, inclusive, cartas do líder dessa revolta: Bar Kochba, em perfeito estado, estando sua assinatura bem nítida. Nos MSS encontrados há trechos de todos os livros do Antigo Testamento, exceto Ester.

1.2.7 Escritos em Blocos de Pedra

Dos escritos em blocos de pedra há documentos que se tornaram famosos pela antiguidade e conteúdo. Dentre estes se destacam: o Código de Hamurábi e a Pedra de Roseta.

1.2.7.1 Código de Hamurabi

Foi esta uma das mais importantes descobertas arqueológicas que já se fizeram. Hamurabi, rei da cidade de Babilônia, cuja data parece ser 1792-1750 a.C., é comumente identificado pelos assiriólogos com o "Anrafel" de Gn 14, um dos reis que Abraão perseguiu para libertar Ló. Foi um dos maiores e mais célebres dos primitivos reis babilônios. Fez seus escribas coligir e codificar as leis do seu reino; e fez que estas se gravassem em pedras para serem erigidas nas principais cidades. Uma dessas pedras originalmente colocada na Babilônia foi achada em 1902, nas ruínas de Susa (levada para lá por um rei elamita, que saqueara a cidade de Babilônia no século 12 a.C.) por uma expedição francesa dirigida por M. J. de Morgan. Acha-se hoje no Museu do Louvre, em Paris. Trata-se de um bloco lindamente polido de duro e negro diorito, de 2 m 60 cm de altura, 60 cm de largura, meio metro de espessura, um tanto oval na forma, belamente talhada nas quatro faces, com gravações cuneiformes da língua semito-babilônica (a mesma que Abraão falava). Consta de umas 4.000 linhas, equivalendo, quanto à matéria, ao volume médio de um livro da Bíblia; é a placa cuneiforme mais extensa que já se descobriu. Representa Hamurabi recebendo as leis das mãos do rei-sol Chamás: leis sobre o culto dos deuses dos templos, a administração da justiça, impostos, salários, juros, empréstimos de dinheiro, disputas sobre propriedades, casamento,



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

sociedade comercial, trabalho em obras públicas, isenção de impostos, construção de canais, a manutenção dos mesmos, regulamento de passageiros e serviço de transporte pelos canais e em caravanas, comércio internacional e muitos outros assuntos.

1.2.7.2 A Pedra de Roseta

É a chave da língua egípcia antiga. A língua da antigo Egito era hieroglífica, escrita de figuras, um símbolo para cada palavra. Pelo ano 700 a.C. uma forma mais simples de escrita entrou em uso, chamada 'demótica', mais aproximada do sistema alfabético, e que continuou como língua do povo até aos tempos dos romanos. No 5º século d.C. ambas caíram em desuso e foram esquecidas. De sorte que tais inscrições se tornaram ininteligíveis, até que se achou a chave de sua tradução. Essa chave foi a Pedra de Roseta. Achou-a M. Boussard, um dos sábios franceses que acompanharam Napoleão ao Egito (1799), numa cidade sobre a foz mais ocidental do Nilo, chamada Roseta. Encontra-se hoje no Museu Britânico. É de granito negro, cerca de 1,30 m de altura, 80 cm de largura, 30 cm de espessura, com três inscrições, uma acima da outra, em grego, egípcio demótico, e egípcio hieroglífico, o grego era conhecido. Tratava-se de um decreto de Ptolomeu V, Epífanes, feito em 196 a.C. nas três línguas usadas então em todo o país, para ser colocado em várias cidades. Um sábio francês, de nome Champollion, depois de quatro anos (1818-22) de trabalho meticoloso e paciente, comparando os valores conhecidos das letras gregas com os caracteres egípcios desconhecidos, conseguiu deslindar os mistérios da língua egípcia antiga.

1.2.8 Formato dos Livros

O livro, através da sua longa existência, apresentou duas formas bem distintas: o rolo e o códice.

- (a) Rolo. Entre o povo judeu, bem como no mundo grego-latino, os livros eram normalmente publicados em forma de um rolo feito de papiro ou pergaminho. Formava-se o rolo colocando várias folhas de papiro ou couro uma ao lado da



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

outra. O tamanho médio de um rolo entre os gregos era de 11 metros. Alguns rolos chegaram a ter o comprimento de 30 metros. O maior rolo de papiro, conhecido, é uma crônica do rei egípcio Ramsés II, com a extensão de 40 metros, conhecido como o Papiro Harris. O comprimento médio de um rolo bíblico estava entre 9 e 11 metros. Livros longos como Reis, Crônicas e Isaías eram divididos em dois rolos. Os dois maiores livros do Novo Testamento, Lucas e Atos, cada um preencheria um rolo de mais ou menos 10 metros de comprimento. O manuseio de um rolo era mais difícil do que o de um livro atual, porque o leitor necessitava empregar as duas mãos, uma para desenrolá-lo e a outra para enrolá-lo. Além disso, as comunidades cristãs primitivas, em breve descobriram que era difícil encontrar específicos tópicos das escrituras num rolo. Diante dessas dificuldades, o engenho humano idealizou o livro nos moldes em que o temos hoje. Estes livros em seus primórdios eram chamados códices.

(b) Códices. A palavra códice vem do latim "codex", que designava primitivamente um bloco de madeira cortado em várias folhas ou tabletes para escrever. O códice era formado de várias folhas de papiro ou pergaminho sobrepostas e costuradas. Estes códices começaram a substituir os primitivos rolos no segundo século a.D. A afirmativa de que as comunidades cristãs começaram a usar os códices nas igrejas, para diferenciar dos rolos, usados nas sinagogas, pode ser verdadeira, levando-se em conta o seguinte. Dos 476 manuscritos não cristãos descobertos no Egito, copiados no segundo século a.D., 97% estão na forma de rolo. Em contrapartida, dos 111 manuscritos bíblicos cristãos dos primeiros 4 séculos da Era Cristã, 99 estão na forma de códice.

As vantagens dos códices sobre os rolos, no caso dos manuscritos bíblicos, são evidentes pelas seguintes razões: Permitia que os quatro Evangelhos, ou todas as Epístolas paulinas se achassem num livro; era bem mais fácil o manuseio do livro; adaptava-se melhor para receber a escrita de ambos os lados, baixando assim o custo do livro; a procura de determinadas passagens era mais rápida.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

1.3 O Vocabulário "Bíblia"

Este vocabulário não se acha no texto das Sagradas Escrituras. Consta apenas na capa. De onde, pois, vem? Vem do grego, a língua original do Novo Testamento. É derivado do nome que os gregos davam à folha de papiro preparada para a escrita - "biblos". Um rolo de papiro de tamanho pequeno era chamado "biblion" e vários destes eram uma "Bíblia". Portanto, literalmente, a palavra "Bíblia" quer dizer "coleção de livros pequenos". Com a invenção do papel, desapareceram os rolos, e a palavra "biblos" deu origem a "livro", como se vê em biblioteca, bibliografia, bibliófilo etc.

É consenso geral entre os doutos no assunto que o nome Bíblia foi primeiramente aplicado às Sagradas Escrituras por João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, no Século IV. E porque as Escrituras formam uma unidade perfeita, a palavra Bíblia, sendo um plural, como acabamos de ver, passou a ser singular, significando o Livro, isto é, o Livro dos livros; o Livro por excelência. Como Livro divino, a definição canônica da Bíblia é "A revelação de Deus à humanidade". Os nomes mais comuns que a Bíblia dá a si mesma, isto é, os seus nomes canônicos, são: Escrituras (Mt 21.42); Sagradas Escrituras (Rm 1.2); Livro do Senhor (Is 34.16); Palavra de Deus (Mc 7.13; Hb 4.12); Oráculos de Deus (Rm 3.2).

1.4 Nomes atribuídos a Palavra de Deus

- a) *Bíblia*. A palavra Bíblia, usada com referência às Escrituras Sagradas desde o IV século, é a forma latina da palavra grega Bíblia, plural neutro de Biblion, que por sua vez é diminutivo de Biblos – nome grego para a planta da qual se fazia o papel – papiro. Pelo uso que se fez do papiro é que biblos veio a significar livro e biblion um livro pequeno. Os fenícios se ocupavam grandemente do comércio de papiro, por isso no segundo século a.C. deram o nome de Biblos ao seu principal porto, passando depois à cidade, e conservado até hoje para as suas ruínas. A palavra Biblos encontra-se em Marcos 12.26 como referência a um livro de Velho Testamento, ou a um grupo no plural para designar os livros dos profetas – Daniel 9.2. O plural usado no Velho Testamento passou à Igreja Cristã e as Escrituras são designadas por livros, livros divinos, livros canônicos. O nome Bíblia para o conjunto dos livros sagrados foi usado pela primeira vez por Crisóstomo, no



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

IV século. Alguns pais da Igreja denominaram as Escrituras de Biblioteca Divina.

- b) *Escrituras*. O Novo Testamento, que ocupa menos da terceira parte do Velho, usa a expressão – Os Escritos ou as Escrituras para os livros do Antigo Testamento, em Mateus 21.42 e João 5.39.
- c) *Outras Expressões*: A Palavra de Deus (Hb 4.12); A Escritura de Deus (Êx 32.16); As Sagradas Letras (1Tm 3.15); A Escritura da Verdade (Dn 10.21); As Palavras da Vida (Atos 7.38); As Santas Escrituras (Rm 1.2).
- d) *Nomes figurativos*: Uma luz. "Uma luz para o meu caminho" (Sl 119:105); Um espelho (Tg 1.23); Ouro fino (Sl 19.10); Uma porção de alimento (Jó 23.12); Leite (1Co 3.2); Pão para os famintos (Dt 8.3); Fogo (Jr 23.29); Um martelo (Jr 23.29); Uma espada do Espírito (IOF 6.17).
- e) *Pentateuco*. Etimologicamente, Pentateuco significa cinco estantes, onde se colocavam os livros e depois, por metonímia, os próprios livros. Pesquisando um pouco mais se tem a impressão de que as estantes eram aqueles pedaços de madeira que sustentavam os rolos, vindo depois a designar os próprios rolos. O termo Pentateuco, de origem grega, significando cinco rolos tem sido usado para os cinco livros de Moisés, enquanto o nome hebraico para estes mesmos livros é Torá. Este vocábulo começou a ser usado para os primeiros cinco livros da Bíblia depois da tradução da Septuaginta. Estes livros constituem a primeira divisão do Cânon Hebraico, que é formado, como é do conhecimento geral, da Lei, dos Profetas e dos Escritos. Eruditos modernos têm usado o termo "Hexateuco" em vez de Pentateuco, por adicionarem aos primeiros livros da Bíblia o livro de Josué, por notarem muita afinidade entre os seis. Nenhuma razão plausível existe para a aceitação desta nova nomenclatura, desde que o termo tem sido usado por críticos que não admitem tenha sido Moisés o autor do Pentateuco.
- f) *Testamento*. Este vocábulo não se encontra na Bíblia como designação de uma de suas partes. Sabemos que toda a Bíblia se divide em duas partes chamadas Antigo Testamento e Novo Testamento. Contendo a primeira, os escritos elaborados antes de Cristo, a segunda registra o que foi redigido no primeiro século da nossa era. A palavra portuguesa testamento corresponde à palavra hebraica "berith" – aliança, pacto, contrato, e designa aquela aliança que Deus fez com o povo de Israel no Monte Sinai, aliança



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

sancionada com o sangue do sacrifício como vemos em Éxodo 24.1-8; 34.10-28. Sendo esta aliança quebrada pela infidelidade do povo, Deus prometeu uma nova aliança (Jr 31.31-34) que deveria ser ratificada com o sangue de Cristo. (Mt 26.28). Os escritores neotestamentários denominam a primeira aliança de antiga (Hb 8.13), contrapondo-lhe a nova (2Co 3.6,14). Os tradutores da Septuaginta traduziram "berith" para "diatheke", embora não haja perfeita correspondência entre as palavras, desde que berith designa aliança (compromisso bilateral) e diatheke tem o sentido de "última disposição dos próprios bens", "testamento" (compromisso unilateral). Pela figura de linguagem, conhecida como metonímia, as respectivas expressões "antiga aliança" e "nova aliança" passaram a designar a coleção dos escritos que contém os documentos respectivamente da primeira e da segunda aliança. O termo testamento veio até nós através do latim quando a primeira versão latina do Velho Testamento grego traduziu diatheke por testamentum. São Jerônimo revisando esta versão latina manteve a palavra "testamentum", equivalendo ao hebraico "berith" – aliança, concerto, quando a palavra como já foi visto não tinha essa significação no grego. afirmam alguns pesquisadores que a palavra grega para contrato, aliança deveria ser suntheke, por traduzir melhor o hebraico "berith". As denominações Antigo Testamento e Novo Testamento, para as duas coleções dos livros sagrados, começaram a ser usadas no final do II século a.D. quando os evangelhos e outros escritos apostólicos foram considerados como Escrituras. O cristianismo distinguiu duas etapas na manifestação do dom de Deus à humanidade: A antiga – feita por Deus ao povo de Israel (2Co 3.14); A segunda ou nova designa a união que o próprio Deus, tomando a forma humana, selou com o homem pela oblação de Cristo (2Co 3.6).

- g) *Torah.* Palavra derivada do verbo Yarah, que no "hifil" significa lançar, jogar (Êx 15.4, 1Sm 20.36) e de modo especial lançar flechas para se conhecer a vontade divina (Js 18.6; 2Rs 13.17). O mesmo verbo é usado no sentido de mostrar com a mão, apontar com o dedo (Gn 46.28; Êx 15.25). A significação fundamental de yarah é, portanto; indicar uma direção. O substantivo cognato tem o sentido bíblico mais corrente: ensinamento, instrução, como se deduz da leitura de Isaías 30.9; 42.4; Mq 4.2; Ml 2.6; Jó 22.22, onde esta palavra aparece. Do estudo desta palavra conclui-se que o termo português "lei" não traduz o vocabulário hebraico em toda a sua extensão. A torah é o ensinamento que inspira bom procedimento em nosso viver.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

- h) O termo “Palavra”. No Antigo Testamento, a palavra dābhār de Deus é usada por 394 vezes para designar alguma comunicação divina provinda da parte de Deus aos homens, na forma de mandamento, profecia, advertência ou encorajamento. A fórmula usual é “a palavra de Yahweh veio (literalmente, foi) a...”, ainda que algumas vezes a palavra de Deus seja vista como uma visão (Is 2.1; Jr 2.31; 38.21). A palavra de Yahweh é uma extensão da personalidade divina, investida de autoridade, e deve ser ouvida tanto pelos anjos como pelos homens (Sl 103.20; Dt 12.32). A palavra de Deus permanece para sempre (Is 40.8), e uma vez proferida não pode deixar de ser cumprida (Is 55.11). É usada como sinônimo da lei, tōrah, de Deus, em Sl 119, onde a referência é à mensagem escrita e não à mensagem falada da parte de Deus. No Novo Testamento, “palavra” geralmente traduz dois termos gregos, logos e rhema, a primeira é usada supremamente para designar a mensagem do evangelho cristão (Mc 2.2; At 6.2; Gl 6.6), embora a última esteja revestida da mesma significação (Rm 10.8; Ef 6.17; Hb 6.5 etc.). Nos pontos seguintes veremos maiores detalhes.

1.5 A Palavra “Rhema”

Rhema Aquilo que é dito, palavra, dito, expressão (Mt 12.36; Mc 9.32). Ameaça (At 6.13). Coisa, objeto, assunto, evento (Mt 18.16; Lc 1.37; 2.15, 19, 51). Nosso Senhor falou sobre a palavra de Deus (na parábola do semeador, Lc 8.11; Mc 7.13; Lc 11.28), porém, nos evangelhos sinópticos Ele sempre usava o plural para indicar a Sua própria mensagem (“minhas palavras”, Mt 24.35 e paralelos; Mc 8.38; Lc 24.44). No quarto evangelho, entretanto, pode-se encontrar o singular com freqüência. Para a Igreja primitiva, a palavra era uma mensagem revelada da parte de Deus em Cristo, que deveria ser pregada, ministrada e obedecida. Era a palavra da vida (Fp 2.16), da verdade (Ef 1.13), da salvação (At 13.26), da reconciliação (2Co 5.19), e da cruz (1Co 1.18).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

1.6 A Expressão “Logos”

Significado etimológico. Tem um grande número de diferentes significados: sua tradução básica é “palavra”, isto é uma declaração significativa, de onde se desenvolvem seus muitos sentidos “afirmação, declaração, discurso, assunto, doutrina, questão” e, mediante outro tipo de desenvolvimento, “razão, causa, motivo, respeito”. Na Bíblia: palavra (Mt 12.37), dizer a palavra (Mt 8.8), assunto sob discussão, matéria, coisa, ponto, tema (Mt 5.32; Mc 9.10), declaração, asserção, afirmação (Mt 12.32; 15.12). A tradução do logos irá, freqüentemente, variar de acordo com o contexto.

Como termo gramatical significa uma sentença finita, em uma declaração lógica de fatos, definição ou julgamento, e na retórica significa uma declaração de oratória corretamente construída.

Como termo de psicologia e metafísica, foi empregado pela Stoá, seguindo Heráclitos, para significar o poder ou função divina pela qual o universo recebe sua unidade, coerência e significado. Logos spermatikos, palavra seminal que, à semelhança de semente, dá forma à matéria disforme. O homem foi criado de acordo com o mesmo princípio, e em si mesmo se diz possuir um Logos, tanto internamente (logos endiathetos, razão), e que se expressa pela fala externamente (logos prophorikos). O termo é igualmente usado como padrão ou norma mediante a qual o indivíduo pode viver “de conformidade com a natureza”.

Na Septuaginta o termo “Logos” é usado para traduzir a palavra hebraica dābhār. A raiz desta palavra significa “aquilo que está por trás” e assim quando é traduzida por palavra, também significa som compreensível; e também pode significar coisa. De acordo com uma característica comum da psicologia dos hebreus, o dābhār de um homem é considerado como, em certo sentido, uma extensão de sua personalidade, e, além disso, como algo que possui uma existência substancial toda própria. A palavra de Deus, portanto, é Sua auto-revelação através de Moisés e dos profetas. Também pode ser usada para designar tanto visões isoladas e oráculos como o conteúdo total da revelação inteira, e assim, especialmente o Pentateuco. A palavra possui um poder semelhante ao de Deus, o qual a profere (Is 55.11) e efetua Sua vontade sem qualquer resistência. Por conseguinte o termo pode referir-se à palavra criadora de Deus.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

1.7 A Palavra Escrita e o Verbo Vivo

A revelação que Deus fez de si mesmo centraliza-se em Jesus Cristo. Ele é o Logos de Deus. Ele é o Verbo Vivo, o Verbo encarnado, que revela o Deus eterno em termos humanos. O título Logos só pode ser encontrado nos escritos joaninos, embora o emprego do termo haja sido relevante na filosofia grega daqueles dias. Alguns têm procurado uma ligação entre a linguagem de João e a dos estóicos, dos primeiros gnósticos, ou dos escritos de Filo de Alexandria. Estudos mais recentes sugerem que João foi influenciado primariamente pelos seus alicerces no Antigo Testamento e na fé cristã. É provável, porém, que tivesse consciência das conotações mais amplas do termo, e que a tivesse empregado deliberadamente, com o propósito de transmitir um significado adicional e especial.

O Logos é identificado com a Palavra de Deus na Criação e também com sua Palavra autorizada (a lei para toda a humanidade). João deixa nossa imaginação atônita quando introduz o Logos eterno, o Criador de todas as coisas, o próprio Deus, como o Verbo que se encarnou a fim de habitar entre a sua criação (Jo 1.1-3,14). "Deus nunca foi visto por alguém. O filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (Jo 1.18). O Verbo Vivo tem sido visto, ouvido, tocado, e agora proclamado mediante a Palavra escrita (1Jo 1.1-3). Quando do encerramento do cânon sagrado, o Logos vivo de Deus, o Fiel e Verdadeiro, está em estado de prontidão no Céu, prestes a voltar à Terra como Rei dos reis e Senhor dos senhores (Ap 19.11-16).

A suprema revelação de Deus acha-se no seu Filho. Durante muitos séculos, mediante as palavras dos escritores do Antigo Testamento, Deus havia se revelado progressivamente. Tipos, figuras, sombras e prefigurações desdobravam paulatinamente o plano de Deus para a redenção da humanidade (Cl 2.17). Depois, na plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho para revelar o Pai de forma mais perfeita e para executar aquele gracioso plano mediante a sua morte na Cruz (1Co 1.17-25; Gl 4.4). Toda a revelação bíblica, antes e depois da Encarnação de Cristo, centraliza-se nEle. As muitas fontes originárias e maneiras da revelação anterior indicavam e prenunciavam a sua vinda à terra como homem. Toda a revelação subsequente engrandece e explica a sua vinda. A revelação que Deus fez de si mesmo começou pequena e misteriosa, progrediu no decurso do tempo, e chegou ao seu ponto culminante na Encarnação do seu Filho. Jesus é a revelação mais completa de Deus.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Na Pessoa de Jesus Cristo, coincidem entre si a Fonte e o Conteúdo da revelação. Ele não era mais um meio de comunicar a revelação divina, conforme o foram os profetas e apóstolos. Ele mesmo é "o resplendor da sua glória, e a expressa imagem da sua pessoa" (Hb 1.3). Ele é "o caminho, e a verdade, e a vida"; conhecer a Ele é conhecer também o Pai (Jo 14.6-7). Os profetas diziam: "Veio a mim a Palavra do Senhor", mas Jesus afirmava: "Eu vos digo"! Jesus inverteu o uso do termo "amém", começando assim as suas declarações: "Na verdade [hb. amen], na verdade te digo" (Jo 3.3). Tendo Ele falado, a verdade foi declarada de modo imediato e inquestionável. Cristo é a chave que revela o significado das Escrituras (Lc 24.25-27; Jo 5.39,40; At 17.2,3; 28.23; 2Tm 3.15). Elas testificam de Ele e da salvação que Ele outorga mediante a sua morte. O enfoque que as Escrituras dedicam a Cristo não justifica, porém, o abandono irresponsável do texto bíblico nas áreas que parecem ter poucas informações abertamente cristológicas.

2 - LÍNGUAS, CARACTERÍSTICAS E AUTORIDADE

2.1 Línguas em que a Bíblia Escrita

Quase todos os estudantes da Bíblia sabem que o Velho Testamento foi escrito em hebraico, e o Novo, em grego, mas muitos desconhecem o fato de que há uma terceira língua na Bíblia – o aramaico.

2.1.1 Aramaico

O aramaico foi sem dúvida, desde muito tempo, a língua popular de Babilônia e da Assíria, cuja linguagem literária, culta e religiosa era o sumero-acadiano. Documentos assírios mencionam o aramaico desde 1100 a.C. Durante o reinado de Saul e Davi, os estados aramaicos ou sírios são mencionados na Bíblia (1Sm 14.47; 2Sm 8.3-9; 10.6-8). O aramaico foi trazido para a Palestina porque os assírios



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

seguiam costume de transplantar os povos das nações subjugadas, por isso depois de terem vencido o reino de Israel, trocaram as pessoas e as espalharam através de todo o seu império. 2Rs 17.24 menciona explicitamente que entre os povos trazidos para Samaria a fim de repovoarem a terra devastada, encontravam-se aramaicos de Hamate. Esta língua dotada de grande poder de expansão tornou-se usual nas relações internacionais de toda a Ásia, e na própria Palestina propagou-se tão largamente, que venceu o próprio hebraico.

O lar original do aramaico foi a Mesopotâmia. Algumas tribos arameanas viviam ao sul de Babilônia, perto de Ur, outras tinham seus lares na alta Mesopotâmia entre o rio Quebar (Khabur) e a grande curva do Eufrates, tendo Harã como centro. O fato de os patriarcas Abraão, Isaque e Jacó terem conexões com Harã é provavelmente responsável pelo estatuto feito por Moisés de que Jacó era "arameano". Dt 26.5. Deste seu lar ao norte da Mesopotâmia o aramaico se espalhou para o sul de toda a Assíria.

Tudo indica que o aramaico foi preferido pelos assírios e babilônicos por ser mais simples do que a complicada escrita cuneiforme. A prova de sua simplicidade está relatada em 2Rs 18.26, quando Senaqueribe invadiu Judá no fim do VIII século a.C. os oficiais judeus que dominavam tão bem o hebraico quanto o aramaico, pediram ao general assírio que lhes falasse em aramaico. Esta ainda a razão porque durante os setenta anos do cativeiro babilônico os judeus se esqueceram muito do hebraico, adotando em seu lugar o aramaico. Ao voltarem do cativeiro continuaram falando o aramaico, como se depreende da leitura de Neemias 8.1-3 e 8. O aramaico era a língua usada por Jesus (Mc 5.41; 7.34; 15.34), pela maioria das pessoas na Palestina, bem como pelas primeiras comunidades cristãs. Segundo outros estudiosos entre os quais se destaca Robertson, Jesus falava aramaico na conversação diária, mas no ensino público e nas discussões com os fariseus a língua usada era o grego.

Já antes da Era Cristã suplantou totalmente o hebraico que se tornou a língua morta e exclusivamente religiosa. Na Ásia Ocidental, a língua aramaica se difundiu largamente, assumindo naquelas regiões e naquele tempo o mesmo papel que assumem em nossos dias o francês e o inglês. O aramaico, embora ainda utilizado em certas regiões, vai cedendo lugar ao árabe, e corre o perigo de desaparecer como língua falada, pois hoje é falada somente em algumas povoações da Síria. O aramaico desapareceu sob o impacto cultural do grego e do latim, já que deixou de ser conhecido pelos cristãos.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Quem conhece o hebraico pode com facilidade ler e entender o aramaico, dadas as suas marcantes semelhanças. As partes do Velho Testamento escritas em aramaico são as seguintes: A expressão "Jegar-Saaduta" de Gênesis 31.47; O verso de Jeremias 10.11; Alguns trechos de Esdras 4.8 a 6.18; 7.22-26; Partes do livro de Daniel, entre os capítulos 2.4 a 7.28.

2.1.2 Hebraico

A língua hebraica foi a língua dos Hebreus ou israelitas desde a sua entrada em Canaã. A sua origem é bastante misteriosa, porque além do Velho Testamento só possuímos escassos documentos para o seu estudo. O mais provável é que o hebraico tenha vindo do cananeu e foi falado pelos israelitas depois de sua instalação na Palestina. A atual escrita hebraica (chamada "hebraico quadrado") é cópia do aramaico e entrou em uso pouco antes da nossa era, em substituição ao hebraico arcaico. Os Targuns o denominam de "língua sagrada" (Is 19.18); e no Velho Testamento é chamado "a língua de Canaã" ou a língua dos judeus (Is 36.13, 2Rs 18.26-28). Salmo 114.1 mostra a grande diferença entre o hebraico e o egípcio. Israel por estar cercado de povos que falavam uma língua cognata – o aramaico – foi se esquecendo do hebraico, até que este veio a extinguir-se como língua falada. Era ainda a língua de Jerusalém no tempo de Neemias (13.24), cerca de 430 a.C., mas muito antes do tempo de Cristo foi substituída pelo aramaico.

O alfabeto hebraico consta apenas de consoantes, em número de 22. O hebraico é escrito da direita para a esquerda como o árabe e algumas outras línguas semíticas. Sua estrutura fundamental é, como em todas as línguas semíticas, a palavra raiz, composta de três consoantes. É uma língua bastante simples, seus melhores conhecedores sublinham sem hesitação a sua pobreza, quando comparado com o grego ou com línguas modernas, como o inglês e o português. De acordo com a Pequena Encyclopédia Bíblica o vocabulário hebraico na Bíblia conta com apenas 7.704 vocábulos diferentes. A Academia do Idioma Hebraico tem registrado o uso de cerca de 30.000 palavras. Quase não possui adjetivos nem pronomes possessivos, porém, é rica em advérbios. É uma língua quase indigente em termos abstratos.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Quase sempre os pronomes pessoais são ligados às formas verbais como se fossem sufixos ou prefixos. Com raras exceções não faz uso de palavras compostas. O alfabeto hebraico possui letras com sons bem próprios, por isso não apresentam nenhuma semelhança com o nosso alfabeto. Os dois exemplos mais característicos se encontram no "alef" e no "ayin". Se língua é um organismo vivo que se transforma, o hebraico quase pode apresentar-se como exceção, como comprovam os escritos de Moisés e de alguns profetas mil anos depois, cujas diferenças lingüísticas são insignificantes. Este fato tem levado a "alta crítica" a dogmatizar que os escritos do Velho Testamento foram produzidos num espaço de tempo bem pequeno.

Seus processos sintáticos são muito simples, usando pouco as orações subordinadas, preferindo sempre as coordenadas, quase sempre unidas pela conjunção "e" como inegável influência do hebraico. Os tempos do verbo, a exemplo do grego, indicam mais o "aspecto" da ação, conforme ela seja momentânea, prolongada ou repetida. Como língua semítica não classifica os fatos em passados, presentes e futuros, mas em realizados ou de ação acabada (perfeito), e não realizados ou de ação inacabada (imperfeito).

Uma das peculiaridades da língua hebraica com respeito ao sistema verbal é esta: a simples troca de um sinal vocálico determina uma mudança nas formas verbais. Não possui o verbo "ter", enquanto o verbo "ser" é ativo e significa existir eficazmente. Quando os judeus sentiram que o hebraico estava em declínio como língua falada, e que sua leitura correta ia perder-se, criaram um sistema de vocalização. Este trabalho foi feito pelos massoretas, por isso o texto hebraico usado hoje se chama massorético.

2.1.3 Grego Bíblico

Como é do conhecimento geral, o Novo Testamento foi escrito na Koinê, língua na qual também foi traduzido o Velho Testamento hebraico pelos Setenta. O termo Koinê significa a língua comum do povo entre os anos 330 a.C. e 330 a.D. Com exceção da Epístola aos Hebreus e da linguagem de Lucas (Evangelho e Atos) que se encontram num Koinê mais literário, os outros escritos pertencem à língua mais comum ou Koinê vulgar. O insigne erudito Gustav Adolf Deissmann foi quem primeiro mostrou a identidade do grego do Novo Testamento, salientando que o



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

grego da Bíblia era o Koinê, e não o grego erudito, nem a chamada "linguagem do Espírito Santo" ardorosamente defendida por alguns autores.

2.1.3.1 Características da Linguagem do Novo Testamento

Se fosse possível caracterizar o Koinê, língua em que foi escrito o Novo Testamento, sintetizando-a em uma palavra, a melhor seria "simplificação". Esta conclusão é facilmente deduzida estudando-lhe as características: Substituição dos casos pelas preposições; tendência para simplificar a morfologia e a sintaxe; uso escasso de orações subordinadas, tendo preferência pelas coordenadas ligadas pela conjunção "e"; eliminação do dual e uso parcimonioso do modo optativo, aparecendo apenas 67 vezes no Novo Testamento; uso mais freqüente do artigo; simplificação das riquíssimas formas verbais do grego clássico; mudança de sentido de muitas palavras do grego clássico, por influência religiosa, tais como: batizar, justiça, graça, amor, glória, carne, cruz, mundo, crer, espírito, cálice, dia, etc.; as formas diminutivas se tornam mais comuns; emprego mais generalizado de construções perifrásicas nos verbos; os adjetivos são mais usados no grau superlativo do que no comparativo; preferência pela ordem mais direta, pois no grego clássico predomina a ordem inversa; emprego freqüente dos pronomes sujeitos, em casos dispensáveis, por estarem eles subentendidos nas desinências verbais; idêntico valor fonético para as vogais gregas; emprego de vários latinismos, tais como: legião, centurião, denário, colônia e flagelo; uso freqüente do presente histórico nas narrativas; aparecimento generalizado da parataxe, com prejuízo da hipotaxe.

Parataxe é uma construção mais simples da frase, como as orações coordenadas, enquanto a hipotaxe é mais complexa, isto é, formada de orações subordinadas; uso de palavras que são empréstimos diretos do aramaico, a exemplo de: geena, Eli Eli, Hosana, litóstrotos (gabatá), Satã, Talita cumi, Rabi, Maranata; freqüência de hebraísmos, sobretudo na sintaxe, fastidioso emprego da conjunção "e", pois esta partícula aparece muito no Novo Testamento, em expressões como estas: "e ele falou dizendo", "e disse", "e aconteceu que". As frases: "Filhos da luz"; "filhos da perdição" são eminentemente semíticas.

Quanto à linguagem dos escritores do Novo Testamento haveria muito que dizer, mas fiquemos somente com as seguintes observações: Apenas Hebreus Lucas e alguns trechos de Paulo são escritos num estilo mais literário.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

O vocabulário mais rico não é o de Paulo, mas sim o de Lucas, que emprega 250 palavras novas no Evangelho e, mais ou menos 500, em Atos. Se a linguagem mais polida e mais erudita é a de Lucas, a mais pobre e menos aprimorada, quanto ao estilo, é a de Marcos e a de João, especialmente no Apocalipse. O doutor Benedito P. Bittencour no livro *O Novo Testamento*, página 67, chama-nos a atenção para a linguagem pouco aprimorada do Apocalipse, onde há violações flagrantes dos corretos cânones da gramática.

2.2 A Sobrenaturalidade da Bíblia

A Bíblia é um fenômeno que só é explicável de um modo: é a Palavra de Deus. Ela não é o tipo de livro que o homem escreveria se pudesse, ou que poderia escrever se quisesse. Outros sistemas religiosos também têm seus desvios excêntricos do curso comum do procedimento humano, desvios esses que não são muitos, e são de pequena importância; e estes, realmente, são de se esperar, considerando que o homem está sempre determinado a crer em um Deus, ou deuses, quer sua crença seja baseada em fatos ou não. O estudante da verdade sempre será convidado a reconhecer contra reivindicações extra-bíblicas e intrabíblicas. Aquilo que é extrabíblico encampa todo o campo das religiões humanamente arquitetadas e especulações filosóficas. O que é intrabíblico encampa todos os cultos e declarações parciais da verdade divina que, embora professem edificar seus sistemas sobre as Escrituras, fazem-no, entretanto, através de falsas ênfases ou negligência da verdade, provocando uma confusão de doutrina que é parente ou talvez até mais desencaminhadora do que o erro sem mistura. Embora não seja possível apresentar uma lista exaustiva, enumeramos aqui alguns dos muitos aspectos sobrenaturais da Bíblia:

2.2.1 O Livro de Deus

Com este título queremos chamar a atenção para a reivindicação que a Bíblia apresenta de que é a mensagem de Deus ao homem e não uma mensagem do homem aos outros homens, muito menos uma mensagem do homem a Deus. Neste



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Livro, Deus é apresentado como o Criador e Senhor de tudo. É a revelação dele próprio, o registro do que Ele tem feito e vai fazer, e, ao mesmo tempo, a revelação do fato de que cada coisa está sujeita a Ele e que só descobre suas vantagens mais elevadas e seu destino quando se conforma à Sua vontade. Cada palavra da Bíblia é o resultado de sublimes declarações como esta: "Não há Deus como tu, em cima nos céus nem em baixo da terra" (1Rs 8.23), e, novamente: "Tua, Senhor, é a grandeza, o poder, a honra, a vitória e a majestade; porque teu é tudo quanto há nos céus e na terra; teu, Senhor, é o reino, e tu te exaltaste por chefe sobre todos" (1Cr 29.11). "Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo, e grande em misericórdia e fidelidade" (Êx 34.6). "As suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras" (Sl 145.9). Quem, entre a humanidade cega, seria o escritor de ficção capaz de criar os conceitos de um Deus triúno de toda a eternidade que se encontra nas páginas das Escrituras? Quem, entre os homens, planejou o peculiar e perfeito equilíbrio das partes de cada Pessoa da Divindade na redenção, ou o caráter divino na sua consistente e inalterável exibição de santidade infinita e amor infinito: os juízos divinos, a avaliação divina de todas as coisas, inclusive das hostes angélicas e dos espíritos do mal? Quem, entre os homens, já foi capaz de conceber a criação de tais noções interdependentes, além de expressá-las perfeitamente numa história em andamento, a qual, sendo acidental, afinal não passa de imitação: uma imitação hipócrita e dissimulada da verdade? Que absurda é a presunção de que o homem sozinho poderia escrever a Bíblia, se assim o quisesse! Mas se o homem não deu origem a Bíblia, Deus o fez, e por causa disso sua autoridade tem de ser reconhecida.

2.2.2 A Bíblia e o Monoteísmo

O fato de que Deus é supremo implica em que não há nenhum outro que se lhe compare; mas quase universalmente a humanidade tem praticado, com uma contumácia que está longe de ser acidental, as abominações da idolatria. O povo judeu, de quem, considerando o lado humano, vieram as Escrituras, não ficaram imunes a esta tendência. Desde os dias do bezerro de ouro, através dos séculos seguintes, os israelitas estiveram sempre revertendo à idolatria e isto apesar da abundância de revelação e castigo. A história da igreja está manchada pelo culto de imagens esculpidas assimiladas do paganismo. Com que insistência o Novo Testamento adverte os crentes a fugir da idolatria e da adoração dos anjos! À luz



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

destes fatos, como poderíamos supor que os homens (até mesmo Israel) pudessem, à parte da direção divina, dar origem a um tratado que, com os olhos apenas na glória de Deus, estigmatiza a idolatria como um dos primeiros e mais ofensivos crimes e insultos contra Deus? A Bíblia não é o tipo de livro que o homem escreveria se pudesse.

2.2.3 *A Doutrina da Trindade*

Embora defendendo o monoteísmo sem modificação, a Bíblia apresenta o fato de que Deus subsiste em três Pessoas ou modos de ser. A doutrina bíblica da Trindade consiste em que Deus é um em essência, mas três Pessoas em identificação. Sem dúvida, este é um dos grandes mistérios. A doutrina vai além do alcance da compreensão humana, embora seja fundamental na revelação divina. Quando consideradas separadamente, as Pessoas individuais da Divindade apresentam as mesmas evidências indiscutíveis quanto à origem sobrenatural da Bíblia.

Deus Pai. Vasto realmente é o campo das Escrituras que apresenta as atividades e as responsabilidades distintivas que são características da Primeira Pessoa. Dizemos que Ele é o Pai de toda a criação, o Pai do Filho eterno (a Segunda Pessoa) e o Pai de todo aquele que crê para a salvação de sua alma. Esta revelação estende-se a todos os detalhes do relacionamento paternal e inclui a dádiva do Filho para que a graça de Deus pudesse ser revelada. Nenhuma mente humana poderia dar origem ao conceito de Deus Pai como Ele é revelado na Bíblia.

Deus Filho. O registro referente à Segunda Pessoa, que, de acordo com a Palavra de Deus, é o Filho desde a eternidade, que sempre é a manifestação do Pai e que, embora esteja agora sujeito ao Pai, é o Criador das coisas materiais, o Redentor e Juiz final de toda a humanidade, oferece as evidências mais extensas e mais incomensuráveis da origem divina das Escrituras. A Pessoa e a obra do Filho de Deus com Sua humilhação e glória é o tema dominante da Bíblia; mas o Filho, em troca, dedica-se à glória do Pai. As perfeições do Filho não podem nunca ser comparadas ao mais sábio dos homens, nem compreendidas por ele. Se, afinal, esta revelação ilimitada do Filho não passa de ficção, não seria um desafio razoável (mesmo para a mente não regenerada) que este suposto autor fosse descoberto e, com base no truismo de que a coisa criada não pode ser maior do que o seu criador fosse adorado e reverenciado acima de tudo o que é chamado de Deus?



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Deus Espírito. O Espírito Santo que é apresentado na revelação como igual em cada particular ao Pai e ao Filho, é, não obstante e para a promoção dos atuais empreendimentos divinos, retratado como sujeito a ambos, o Pai e o Filho. Do mesmo modo, Seu serviço é considerado como complemento e administração da obra do Pai e do Filho.

Assim o Deus triúno revelou-se ao homem em termos que o homem, mesmo quando ajudado pelo Espírito, só pode compreender debilmente; e que pueril é a intimação de que estas revelações são o produto dos homens que sem exceção desde os dias de Adão são depravados, degenerados e incapazes de receber ou conhecer as coisas de Deus à parte da iluminação divina! Tal conceito propõe nada menos que a presunção de que o homem deu origem à idéia de Deus, e que o Criador é um produto da criatura.

2.2.4 A Continuidade da Bíblia

A continuidade da mensagem da Bíblia é absoluta em sua inteireza. Ela se mantém coesa por sua seqüência histórica, tipos e antítipos, profecias e seu cumprimento e por antecipação, apresentação, realização e exaltação da Pessoa mais perfeita que jamais andou sobre a terra e cujas glórias são o resplendor do céu. Mas a perfeição desta continuidade se mantém contra o que para o homem seriam impedimentos insuperáveis; pois a Bíblia é uma coleção de sessenta e seis livros que foram escritos por mais de quarenta diferentes autores: reis, camponeses, filósofos, pescadores, médicos, políticos, mestres, poetas e lavradores, que viveram suas vidas em diversos países e não experimentaram nenhum contato ou concordância entre si, e durante um período de não menos que mil e seiscentos anos de história humana. Por causa destes obstáculos de continuidade, a Bíblia seria naturalmente a coleção mais heterogênea, mais desigual, mais inconsonante e contraditória de opiniões humanas que o mundo já viu; mas, pelo contrário, ela é exatamente o que pretende ser, isto é, uma narrativa homogênea, ininterrupta, harmoniosa e ordeira de toda a história do relacionamento de Deus com o homem.

Este livro contendo muitos livros não recebeu a impressão idiosincrática de muitas mentes. Sua harmonia não é a de trombetas tocadas em uníssono, mas, antes, uma



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

orquestração em que, embora absolutamente afinada distingue-se perfeitamente os instrumentos. Em que base esta continuidade plenária poderia ser explicada se afirmássemos que a Bíblia não é a Palavra de Deus?

2.2.5 Profecia e seu Cumprimento

Um grandíssimo número de profecias foram feitas pelos escritores do Antigo Testamento relativamente à vinda do Messias e foram centenas, algumas vezes milhares de anos antes da vinda de Cristo. Essas predições que no propósito divino deveriam se cumprir no primeiro advento de Cristo cumpriram-se literalmente nessa ocasião. Muitas mais permanecem sem cumprimento até que Ele volte e, temos motivos para crer, elas se cumprirão com a mesma precisão. Bastariam dois vaticínios feitos e cumpridos, como os do nascimento virginal de Cristo que aconteceu em Belém de Judá, e o caráter sobrenatural das Escrituras estaria comprovado pela história que registra sua realização; mas quando estas predições chegam a milhares relativamente às Pessoas da Divindade, aos anjos, às nações, às famílias, aos indivíduos e aos destinos, sendo cada uma delas executada exatamente no tempo e lugar prescritos, a evidência é incontestável quanto ao caráter divino das Escrituras.

2.2.6 Tipos com seus Antítipos

Um tipo é um esboço divino que descreve um antítipo. E a ilustração de uma verdade divina feita pela própria mão de Deus. O tipo e o antítipo estão relacionados entre si pelo fato de que a verdade ou o princípio conectivo encontra-se incorporado em cada um deles. Não é prerrogativa do tipo estabelecer a verdade de uma doutrina; antes, ele realça a força da verdade apresentada no antítipo. Por outro lado, o antítipo serve para destacar o tipo no seu lugar comum, colocando-o naquilo que é transcendental, investindo-o com as riquezas e os tesouros até então não revelados. O tipo do Cordeiro Pascal transborda da graça redentora de Cristo com riqueza de significado, enquanto a própria redenção investe o tipo do Cordeiro Pascal de todo o seu maravilhoso significado. A continuidade das Escrituras, a



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

profecia e o seu cumprimento, e os tipos com os seus antítipos, são os três fatores principais que não só servem para apresentar a unidade dos dois Testamentos, como fios entretecidos que passam de um Testamento para outro, ligando-os em um único material, mas também servem para traçar o desenho que pelo seu maravilhoso caráter glorifica o Desenhista. Assim, a tipologia conforme se encontra na Bíblia demonstra que a Bíblia é um livro que o homem não poderia escrever se quisesse. É divina em sua origem como é sobrenatural em seu caráter.

2.2.7 *Revelação e Razão*

A Teologia Sistemática extrai o seu material tanto da revelação quanto da razão, embora a porção fornecida pela razão seja incerta quanto à autoridade e, quando muito, restrita a um ponto insignificante. A razão, como aqui está sendo considerada, indica as faculdades intelectuais e morais do homem exercitadas na busca da verdade e à parte de ajuda sobrenatural. Desde que Adão andou e falou com Deus (revelação essa que ele sem dúvida comunicou à sua posteridade), nenhum homem na Terra poderia ficar totalmente alheio à revelação divina. Dentro dos limites circunscritos daquilo que é humano, a razão é predominante; mas, quando comparada com a revelação divina, ela é falível e limitada.

2.2.7.1 *Revelação*

Entendemos que revelação é a manifestação que Deus faz de Si mesmo e a compreensão, parcial embora, da mesma manifestação por parte dos homens. Este modo de definir a revelação acentua que o que se revela é o próprio Deus, e não apenas alguma coisa a respeito de Deus. Na revelação, Deus faz-se conhecido dos homens na sua personalidade e nas suas relações. Revelar é informar, e isto é justamente o que Deus há feito. “Fez conhecidos os seus caminhos a Moisés, e os seus feitos aos filhos de Israel” (Salmos 103.7). Deus informou ao homem acerca de Sua Pessoa e das Suas relações com a criação. Não nos esqueçamos de que o centro de toda a revelação é a pessoa de Deus. Jesus frisou bem esta verdade quando disse que veio revelar o Pai: “Quem me vê a mim, vê o Pai”.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

A revelação não tem por fim simplesmente informar o homem acerca de Deus, mas também descobrir Deus ao homem. Deus quer que o homem o conheça; daí a razão de ele se revelar. “Os céus declaram a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Não há linguagem nem fala onde se não ouçam as suas vozes. A sua linha se estende por toda a terra, e as suas palavras até o fim do mundo” (Salmos 19.1-4).

2.2.7.2 *Inspiração*

Por inspiração entendemos a operação pela qual Deus garantiu o conteúdo da Bíblia como autêntica expressão de sua revelação. Agora perguntamos: Que referência encontramos na própria Bíblia a essa inspiração divina? O texto mais explícito é aquele que se encontra em 2 Timóteo 3.16: "Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça". O termo grego usado no original é theopneostos, composto de duas palavras gregas: theós. "Deus", e pnéo, "soprar", "respirar". Este termo grego é que foi traduzido por inspirado por Deus. A Escritura inspirada por Deus é a que Timóteo havia aprendido desde a sua meninice e que no versículo anterior se menciona como "Sagradas Escrituras". Este termo grego não se usa em outra parte do Novo Testamento, mas uma idéia similar encontra-se em 2 Pedro 1.21: "Porque a profecia nunca foi produzida por vontade dos homens, mas os homens da parte de Deus falaram movidos pelo Espírito Santo". No versículo anterior, fala-se de Deus como o sujeito da inspiração; no segundo, em 2 Pedro, fala-se mais especificamente do Espírito Santo nessa mesma função. E, embora aqui o termo grego seja o participio pheromenos, de um verbo que, entre outros significados, tem o de "ocasionar", "causar", "trabalhar", os dois versículos têm o mesmo sentido. Vale a pena mencionar o comentário que se encontra na obra de Bonnet e Schroeder sobre 2 Timóteo 3.16.

O apóstolo Paulo se contenta em expressar claramente este grande fato que é a base e a garantia de todas as revelações divinas. Mas não expõe nem justifica nenhum sistema humano sobre o modo, a natureza, a extensão da inspiração, tampouco sobre a parte de Deus e do homem na composição das Escrituras. A



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

exegese não pode ir mais longe; tudo mais pertence à dogmática (BONNET, 1968, p. 707).

Assim é, mas, por amor à verdade, devemos dizer que para o apóstolo Paulo seu Antigo Testamento era a Palavra de Deus, sem nenhuma outra consideração, e deve-se ter isto em mente quando se quer refletir dogmaticamente sobre a natureza, extensão ou modo da inspiração.

2.2.7.2.1 *Teoria evangélica da inspiração*

Com este título queremos dizer que nos ocuparemos do conceito de revelação tal como este é em geral entendido nos meios evangélicos, sem que isto signifique, entretanto, um acordo total na terminologia e na exposição do assunto. Lacy, por exemplo, afirma "que a inspiração como Escrituras foi sobrenatural, dinâmica e plena". Grau, por sua vez, sustenta que positivamente a inspiração bíblica é orgânica, plena e verbal. Mas, apesar das diferenças, existe, de modo geral, acordo sobre este tema, como destacamos a seguir.

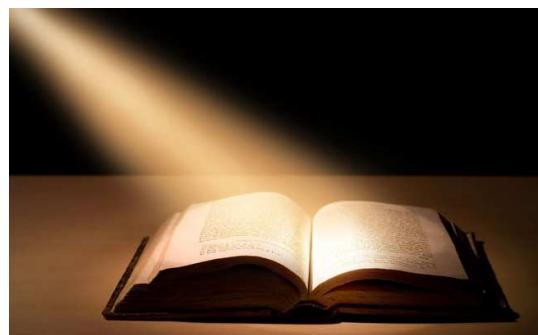


Imagen meramente ilustrativa.

O Espírito Santo trabalhou nos escritores de acordo com a sua maneira de ser, aproveitando a idiosyncrasia pessoal e cultural. Iluminou suas mentes, guiou sua memória e controlou a influência do pecado e do erro para que seu trabalho não malograsse. Não obstante, deixou-os expressar-se à sua maneira em tudo, segundo o seu estilo e vocabulário e de acordo com o seu tempo. Não se pode negar que haja, nos diferentes autores, diferenças de estilo e peculiaridades que os



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

caracterizam. Não há erros nem defeitos, mas as características são percebidas na expressão de cada autor.

A personalidade do escritor não foi anulada. Muitos dos livros da Bíblia contêm passagens que revelam que a preparação prévia e as características pessoais do autor foram utilizadas pelo Espírito Santo. Não podemos discordar dessas afirmações, visto que há evidências nas Escrituras de que isto se deu desta forma. É claro, por exemplo, que o estilo literário de Isaías difere do de Amós; o estilo do Evangelho de Lucas difere do de Marcos; e a epístola de Tiago difere sob este aspecto da de João. Aliás, no mesmo autor, em circunstâncias diferentes, encontramos também estilos diferentes. Para verificar isto, basta comparar Romanos com Filipenses.

Essa combinação do divino com o humano não é algo que apareça apenas na composição das Escrituras, afirmam os teólogos; vemo-la, igualmente, na pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo: verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus. Assim, as Escrituras são obra de Deus, sem deixar de mostrar, por ele mesmo, a particularidade do instrumento humano.

A posição adotada pelos teólogos protestantes mais antigos e importantes é que, seja qual for a definição que se dê à inspiração, todo o cânon atual, como o temos, participa dela. O sentido original grego da expressão "toda escritura", encontrada em 2 Timóteo 3.16, refere-se a cada um dos escritos sagrados. [...] E esta Sagrada Escritura, em cada uma de suas partes e livros, é inspirada. Essa inspiração para a totalidade do conteúdo da Bíblia é o que o autor denomina "inspiração plena". Este conceito de que a inspiração divina protege a totalidade dos livros bíblicos de erros não nos deve levar a pensar, disse Hammond, que não haja diferença alguma nos propósitos da inspiração. Trata-se, em verdade, de entender que, enquanto todas as Escrituras são plenamente autorizadas por Deus, diferem no tocante à aplicação e ao propósito para o qual foram inspiradas. Diferem sobretudo quanto à aplicação essencial, mais do que em relação ao grau da inspiração. O estudioso deve manter-se prevenido contra uma observação como esta: "O Evangelho de João é mais inspirado do que Eclesiastes".



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

2.2.8 A iluminação

É aquela influência ou ministério do Espírito Santo que capacita todos os que estão num relacionamento correto com Deus para entender as Escrituras. Acerca de Cristo se escreveu que Ele "abriu" o entendimento deles em relação às Escrituras (Lc 24.32-45). O próprio Cristo prometeu que, quando o Espírito viesse, Ele "guiaria" em toda a verdade.

Finalmente, tanto a revelação como a inspiração pode ser diferenciada da iluminação em que a última é prometida a todos os crentes; que ela admite graus, uma vez que aumenta ou diminui; que não depende de escolha soberana, antes, de ajustamento pessoal ao Espírito de Deus; e sem ela ninguém nunca seria capaz de aceitar a salvação pessoal (1Co 2.14), ou o conhecimento da verdade revelada de Deus.

2.3 A Autoridade da Bíblia

Podemos dizer que no passado Deus se revelou aos homens; inspirou os homens para que tenhamos hoje um testemunho digno de fé de sua revelação. No passado, Deus dirigiu o processo pelo qual sua revelação chegou até nós sob a forma de uma bíblia. É evidente que de tudo isto surge claramente a autoridade da Bíblia como Palavra de Deus nos assuntos de fé e prática. Ou, como diz o pacto de Lausanne: "Afirmamos a inspiração divina, a veracidade e a autoridade de ambos os Testamentos, o Antigo e o Novo, em sua integridade, como a única Palavra de Deus escrita, e a única e infalível regra de fé e prática".

A obra de Hammond trata este assunto recordando que há três fontes possíveis da autoridade em assuntos de religião: a razão, a igreja e a Bíblia. Estas três fontes têm de ser necessariamente incompatíveis, mas, como exceção, às vezes se combinam. Da razão, "em alguns casos a manipulação racionalista de certos aspectos da fé tem gravemente desviado os homens" (HAMMOND, 1978, p. 51) da igreja, afirma que "tem um lugar de autoridade, mas só em subordinação à Palavra de Deus" (HAMMOND, 1978, p. 52) da Bíblia, conclui que "não há palavras suficientes para destacar a importância de acatar, bem longe de toda dúvida, a autoridade insubstituível das Escrituras Sagradas em tudo o que se refere à religião, quer se trate da doutrina, quer da prática" (HAMMOND, 1978, p. 53). Nossa última palavra sobre este assunto é uma citação de Donald G. Bloesch. Esse autor afirmou que a



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

autoridade final não é da Escritura em si, mas do Deus vivo que, por meio de Jesus Cristo, é quem nos fala; e afirma:

Devemos, sem dúvida, continuar dizendo que a autoridade absoluta de fé, o próprio Cristo vivo, identificou-se de tal maneira com o testemunho histórico concernente à sua auto-revelação, mais precisamente as Escrituras Sagradas, que estas participam, necessariamente, da autoridade de seu Senhor. A Bíblia deve ser distinguida de seu fundamento e de sua meta, mas não pode separar-se deles. E por isso que Forsyth afirmou: "A Bíblia não é meramente um registro da revelação; é parte da revelação. Não é uma pedreira de dados para o historiador; é uma fonte de vida para a alma". (BLOESCH, 1978, p. 63).

2.4 A Interpretação da Bíblia

Tem-se dito que a Bíblia necessita, pela dificuldade de entender o seu conteúdo, de uma interpretação infalível que evite que o estudioso não especializado incorra em erro em sua interpretação. A posição que, desde o tempo da Reforma, os evangélicos têm sustentado é a de que o cristão é um juiz idôneo para julgar o conteúdo da revelação bíblica. Disse Hammond: "Sustentamos que as Escrituras são capazes de oferecer seu significado correto em todas as idades e circunstâncias em que se encontre o homem, sempre que este esteja disposto a ser ensinado pelo Espírito Santo e a obedecer-lhe" (BLOESCH, 1978, p. 46). Não podemos colocar uma instância superior à clara mensagem da Bíblia, seja esta um teólogo, uma igreja ou uma denominação. Isto não significa que não façamos uso de todas as informações possíveis à nossa disposição para não nos enganarmos ao interpretar a Palavra de Deus. Um princípio de saudável hermenêutica, sem entrar nas complicadas considerações que a teologia atual tem a respeito deste tema, é que um texto se esclarece por seu contexto, seja ele imediato ou mediato. E o contexto mediato, ou distante, de um texto, é, em última análise, a própria Bíblia, o conteúdo total da revelação. Em outras palavras, a Bíblia contém em si a informação necessária para interpretar de forma correta qualquer passagem que ofereça dificuldade. E quanto usemos a ajuda humana para entender o conteúdo da Bíblia, não nos esqueçamos de que, em última instância, é a Bíblia que julga tal ajuda.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

3 - DISPENSAÇÕES, ALIANÇAS E COMPOSIÇÃO

3.1 Dispensações e Alianças

O que é uma Dispensação? Como medida de tempo, uma dispensação é um período que se identifica pelo seu relacionamento a algum propósito particular de Deus, um propósito a ser realizado dentro desse período. As primeiras dispensações, tão remotas do presente, não estão muito claramente definidas como as últimas dispensações. Por causa disto, os expositores da Bíblia nem sempre concordam quanto aos aspectos preciosos dos períodos mais remotos. Portanto, uma Dispensação é um período de tempo no qual o homem é testado na sua obediência a alguma revelação específica da vontade de Deus. O propósito de cada dispensação, portanto, é colocar o homem sob uma específica regra de conduta, mas tal mordomia não é uma condição de salvação. Em cada uma das dispensações passadas, o homem não regenerado fracassou, e ele tem fracassado nesta presente dispensação e fracassará no futuro. Mas a salvação tem sido e continuará sendo dispensada pela graça de Deus mediante a fé. Algumas das divisões dispensacionais – sete - óbvias são as seguintes:

- a) Inocência (Gn 1.28).
- b) Consciência ou Responsabilidade Moral (Gn 3.7).
- c) Governo Humano (Gn 815).
- d) Promessa (Gn 12.1).
- e) Lei (Êx 19.1).
- f) Igreja (Atos 2.1).
- g) Reino (Ap 20.4).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Uma aliança é um pronunciamento soberano de Deus através do qual Ele estabelece um relacionamento de responsabilidade:

- a) Entre Ele mesmo e um indivíduo (por exemplo, com Adão na Aliança Edênicas, Gn 2.16 e segs.).
- b) Entre Ele mesmo e a humanidade em geral (por exemplo, na promessa da Aliança Noética de nunca mais destruir toda a carne com um dilúvio, Gn. 9.9 e segs.).
- c) Entre Ele mesmo e uma nação (por exemplo, com Israel na Aliança Mosaica, Ex 19.3 e segs.).
- d) Entre Ele mesmo e uma família humana específica (por exemplo, com a casa de Davi na promessa de uma linhagem real perpetuada na Aliança Davídica, 2Sm 7.16 e segs.).

São oito as principais alianças de significado especial que explicam o resultado dos propósitos de Deus para com o homem. São:

- a) Edênicas (Gn 2.16).
- b) Adâmicas (Gn 3.15)
- c) Noéticas (Gn 9.16)
- d) Abraâmicas (Gn 12.2)
- e) Mosaicas (Ex 19.5)
- f) Palestiniana (Dt 30.3)
- g) Davídicas (2Sm 7.16)
- h) Nova Aliança (Hb 8.8)

3.1.1 A Primeira Dispensação: Inocência, Gn 1.28

O homem foi criado em inocência, colocado em um ambiente perfeito, sujeito a uma prova simples, e advertido das consequências da desobediência. Ele não foi



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

compelido a pecar, mas, tentado por Satanás, preferiu desobedecer a Deus. A mulher foi enganada; o homem transgrediu deliberadamente (1Tm 2.14). A mordomia da Inocência terminou na sentença da expulsão do Éden (Gn 3.24).

3.1.2 A Primeira Aliança: Edêника

Exigia as seguintes responsabilidades da parte de Adão:

- a) Propagar a raça.
- b) Sujeitar a terra ao homem.
- c) Dominar a criação animal.
- d) Cuidar do jardim e comer os seus frutos e ervas.
- e) Abster-se de comer de um único fruto, da árvore do conhecimento do bem e do mal, com a penalidade da morte para a desobediência.

3.1.3 A Segunda Dispensação: Consciência (Responsabilidade Moral), Gn 3.7

O homem pecou (Gn 3.6-7), a primeira promessa de redenção estava para ser feita (Gn 3.15), e nossos primeiros pais seriam expulsos do Éden (Gn 3.22-24). O pecado do homem foi uma rebeldia contra uma ordem específica de Deus (Gn 2.16-17) e marcou uma transição do conhecimento teórico do bem e do mal para o conhecimento experimental (Gn 3.5-7,22). O homem pecou entrando no reino da experiência moral pela porta errada, quando poderia tê-lo feito fazendo o que era certo. Assim o homem tornou-se igual a Deus, através de uma experiência pessoal da diferença entre o bem e o mal, mas também diferente de Deus, passando por esta experiência, no escolher o mal e não o bem. Assim ele foi colocado por Deus sob a mordomia da responsabilidade moral, ficando responsável de praticar todo o bem conhecido, abster-se de todo o mal conhecido e aproximar-se de Deus por meio do sacrifício sangrento aqui instituído, em perspectiva à obra consumada de Cristo. O resultado é apresentado na Aliança Adâmica (Gn 3.14-21). O homem falhou no teste que lhe foi apresentado nesta dispensação (Gn 6.5), como nas outras. Embora, como teste específico, este período de tempo tenha terminado com o dilúvio, o



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

homem continuou em sua responsabilidade moral conforme Deus acrescentou mais revelação referente a Si mesmo e à Sua vontade nos períodos subseqüentes.

3.1.4 Segunda Aliança: Adâmica, Gn 3.15

Condiciona a vida do homem caído - condiciona o que tem de permanecer até que, na dispensação do reino, "a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus" (Rm 8.21). Os elementos da aliança são:

- a) A serpente, instrumento de Satanás, é amaldiçoada (Gn 3.14; Rm 16.20; 2Co 11.3,14; Ap 12.9) e transforma-se na advertência viva de Deus na natureza dos efeitos do pecado - da mais linda e mais sutil das criaturas, em um réptil repugnante.
- b) A primeira promessa de um Redentor (v. 15). Aqui começa "o caminho da Semente": Abel, Sete, Noé (Gn 6.8-10), Sem (Gn 9.26-27), Abraão (Gn 12.1-4), Isaque (Gn 17.19-21), Jacó (Gn 28.10-14), Judá (Gn 49.10), Davi (2Sm 7.5-17), Cristo - Emanuel (Is 7.10-14; Mt 1.1,20-23; Jo 12.31-33; 1Jo 3.8).
- c) A condição da mulher mudou (v. 16) em três aspectos: a) concepção multiplicada; b) sofrimento (dores) na maternidade; c) o senhorio do homem (Gn 1.26-27). A desordem do pecado faz necessário que haja um senhorio; ele é concedido ao homem (Ef 5.22-25; 1Co 11.7-9; 1Tm 2.11-14).
- d) O trabalho leve do Éden (Gn 2.15) mudou para trabalho cansativo (3.18-19), por causa da maldição lançada sobre a terra (3.17).
- e) O inevitável sofrimento da vida (v.17).
- f) A brevidade da vida e a certeza trágica da morte física de Adão e de todos os seus descendentes (v. 19; Rm 5.12-21).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

3.1.5 A Terceira Dispensação: Governo Humano, Gn 8.15

Esta dispensação começou quando Noé e sua família saíram da arca. Quando Noé entrou numa nova situação, Deus (na Aliança Noética) sujeitou a humanidade a um novo teste. Antes disso, nenhum homem tinha o direito de tirar a vida de outro homem (Gn 4.10-11,14-15,23-24). A mais alta função do governo é proteger a vida humana, da qual deriva a responsabilidade da pena capital. O homem não deve vingar o homicídio individualmente, mas, na qualidade de grupo corporativo, ele deve salvaguardar a santidade da vida humana como um dom de Deus, que não pode ser exterminado, exceto quando Deus o permite. "Os poderes constituídos foram ordenados por Deus", e resistir-lhes é resistir a Deus. Enquanto, na dispensação precedente, as restrições feitas ao homem eram internas (Gn 6.3), o Espírito de Deus operando através da responsabilidade moral, agora uma nova restrição externa foi acrescentada, isto é, o poder do governo civil.

O homem fracassou em governar com justiça. Este fracasso foi visto de um modo geral, na confusão de Babel (Gn 11.9). Como uma prova específica da obediência, a dispensação do Governo Humano foi seguida, pela da Promessa, quando Deus chamou Abrão como Seu instrumento de bênção para a humanidade. Contudo, a responsabilidade do homem pelo governo não acabou, mas continuará até que Cristo estabeleça o Seu reino.

3.1.6 A Terceira Aliança: Noética, Gn 9.16

Reafirma as condições de vida do homem caído conforme anunciadas pela Aliança Adâmica, e institui o princípio do governo humano para reprimir a expansão do pecado, uma vez que a ameaça do juízo divino na forma de outro dilúvio foi removida. Os elementos da aliança são:

- a) O homem torna-se responsável pela proteção da santidade da vida humana, através de um governo ordeiro sobre o homem individual, até à pena capital (Gn 9.5-6; Rm 13.1-7).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

- b) Nenhuma maldição adicional é enunciada sobre a terra, nem o homem deve temer outro dilúvio universal (Gn 8.21; 9.11-16).
- c) A ordem da natureza é confirmada (Gn 8.22; 9.2).
- d) A carne dos animais é acrescentada à dieta do homem (Gn 9.3-4). Presume-se que o homem fosse vegetariano antes do dilúvio.
- e) Uma declaração profética é enunciada sobre os descendentes de Canaã, um dos filhos de Cão, de que seriam servos dos seus irmãos (Gn 9.25-26).
- f) Faz-se uma declaração profética de que Sem terá um relacionamento peculiar com o SENHOR (Gn 9.26-27). Toda a revelação divina é através dos homens semitas, e Cristo, segundo a carne, descende de Sem.
- g) Uma declaração profética é enunciada de que de Jafé virão os grandes povos (Gn. 9: 27).

3.1.7 A Quarta Dispensação: A Promessa, Gn 12.1

Esta dispensação estendeu-se da chamada de Abrão até a concessão da lei no Sinai (Êx 9.3ss) Sua mordomia baseava-se sobre a aliança de Deus com Abrão, citada pela primeira vez aqui, Gn 12.1-3, e confirmada e ampliada em Gn 13.14-17; 15.1-7; 17.1-8, 15-19; 22.16-18; 26.2-5, 24; 28.13-15; 31.13; 35.9-12.

3.1.8 A Quarta Aliança: Abraâmica, Gn 12.2

Conforme constituída (Gn 12.1-4) e confirmada (Gn 13.14-17; 15.1-7, 18-21; 17.1-8) têm três aspectos:

- a) A promessa de uma grande nação: "De ti farei uma grande nação", Gn 12.2.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

- b) Várias promessas pessoais foram dadas a Abraão: Gn 17.16; 13.14-15,17; 15.8; 24.34-35; 15.6; Jo 8.56.
- c) Promessas aos gentios, Gn 12.3.

A Aliança Abraâmica revela o propósito soberano de Deus em cumprir, através de Abraão, o Seu programa para Israel, providenciando em Cristo o Salvador para todos aqueles que crêem. O cumprimento final repousa sobre a promessa divina e o poder de Deus mais do que sobre a fidelidade humana.

3.1.9 A Quinta Dispensação: A Lei, Gn 19.1

Esta dispensação começa com a concessão da lei no Sinai e terminou como período de tempo com a morte sacrificial de Cristo, que cumpriu todas as suas provisões e tipos. Na dispensação anterior, Abraão, Isaque e Jacó, como também as multidões de outros indivíduos, falharam nos testes da fé e obediência que eram da responsabilidade do homem (por exemplo, Gn 16.1-4; 26.6-10; 27.1-25). O Egito também falhou em atender a advertência de Deus (Gn 12.3) e foi julgado. Não obstante Deus providenciou um libertador (Moisés), um sacrifício (o cordeiro pascal) e o poder milagroso para tirar os israelitas do Egito (as pragas do Egito; livramento no Mar Vermelho). Os israelitas, como resultado de suas transgressões (Gl 3.19), foram agora colocados sob a disciplina precisa da lei. A lei ensina:

- a) A santidade espantosa de Deus (Êx 19.10-25).
- b) A horrível hediondez do pecado (Rm 7.13; 1Tm 1.8-10).
- c) A necessidade da obediência (Jr 7.23-24).
- d) A universalidade do fracasso humano (Rm 3.19-20).
- e) A maravilha da graça de Deus em providenciar um caminho até Ele através do sacrifício típico antevendo um Salvador que viria a ser o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (Jo 1.29), conforme "o testemunho da lei" (Rm 3. 21).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

A lei não alterou as provisões nem revogou a promessa de Deus dada na Aliança Abraâmica. Não foi concedida como um modo de vida (isto é, um meio de justificação, Atos 15.10-11; Gl 2.16,21; 3.3-9, 14, 17, 21,24-25), mas uma regra devida para um povo já dentro da aliança de Abraão e coberto pelo sangue do sacrifício, isto é, do cordeiro pascal etc. Um dos seus propósitos foi o de esclarecer a pureza e santidade que deveria caracterizar a vida de um povo, cuja lei seria ao mesmo tempo a lei de Deus (Êx 19.5-6). Daí, a função da lei em relação à Israel foi de restrição disciplinar e corretiva, como aquela exercida sobre os filhos gregos e romanos pelo escravo ou tutor de confiança da casa (Gl 3.24, traduzido para “aio”) para manter Israel sob controle para o seu próprio bem (Dt 6.24):

- a) Até que Cristo viesse (Cristo é realmente o nosso Tutor, pois a graça que nos salva também nos ensina, Gl 3.24; Tt 2.11-12).
- b) Até que a ocasião designada pelo Pai para os herdeiros (filhos da promessa) serem removidos da condição de menoridade legal para os privilégios de herdeiros que atingiram a maioridade (Gl 4.1-3). Isto Deus fez enviando o Seu Filho, e agora os crentes estão na posição de filhos na casa do Pai (Gl 3.26; 4.4-7).

Mas Israel interpretou mal o propósito da lei (1Tm 1.8-10), buscando a justiça através de boas obras e ordenanças cerimoniais (At 15.1; Rm 9.31 – 10.3), e rejeitou o seu próprio Messias (Jo 1.10-11). A história de Israel no deserto, na terra e dispersos entre as nações, tem sido um registro longo de transgressão da lei.

3.1.10 A Quinta: A Aliança Mosaica (19.5)

Dada a Israel em três divisões, cada uma essencial às outras e juntas formando a Aliança Mosaica, isto é, os mandamentos, expressando a justa vontade de Deus (Êx 20.1-26); os juízos, regulando a vida social de Israel (Êx 21.1-24.11); e as ordenanças, governando a vida religiosa de Israel (Ex 24.12-31.18). Estes três elementos formam "a lei", como essa expressão foi generalizadamente usada no Novo Testamento, (por exemplo, Mt 5.17,18). Os mandamentos e as ordenanças formavam um sistema religioso. Os mandamentos eram um "ministério da condenação" e "da morte" (2Co 3.7-9); as ordenanças davam na pessoa do sumo sacerdote, um representante do povo junto ao SENHOR; e, nos sacrifícios, uma



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

cobertura para os seus pecados em antecipação à cruz (Hb 5.1-3; 9.6-9; comp. Rm. 3.25-26). O cristão não está sob a condicional Aliança Mosaica das obras, a lei, mas sob a Nova Aliança incondicional da graça (Rm 3.21-27; 6.14-15; Gl 2.16; 3.10-14,16-18,24-26; 4.21-31; Hb 10.11-27). A lei não mudou a provisão da Aliança Abraâmica, mas foi uma coisa acrescida apenas por um tempo limitado até que viesse a Semente (Gl 3.17-19).

3.1.11 A Sexta: A Aliança Palestiniana (*Dt 30.3*)

Apresenta as condições sob as quais Israel entrou na terra da promessa. É importante ver que a nação ainda nunca tomou a terra sob a Aliança Abraâmica incondicional (Gn 12: 2), nem ainda possui toda a terra (comp. Gn 15.18 com Nm 34.1-12). A Aliança Palestiniana tem sete partes:

- a) A dispersão por causa da desobediência, v.1 (*Dt 28.63-68; Gn 15.18*).
- b) O futuro arrependimento de Israel quando estiver na dispersão, v.2.
- c) A volta do SENHOR, v.3 (*Am 9.9-15; At 15.14-17*).
- d) A restauração da terra, v.5 (*Is 11.11-12; Jr 23.3-8; Ez 37.21-25*).
- e) A conversão nacional, v.6 (*Os 2.14-16; Rm 11.26-27*).
- f) O julgamento dos opressores de Israel, v. 7 (*Is 14.1-2; Joel 3.1-8; Mt 25.31-46*).
- g) A prosperidade nacional, v. 9 (*Am 9.11-15*).

3.1.12 A Sétima: A Aliança Davídica (vs. 8-17)

Sobre a qual o futuro reino de Cristo, "o qual, segundo carne, veio da descendência de Davi" (Rm 1.3), devia ser fundamentado, dava a Davi:



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

- a) A promessa da posteridade na casa de Davi.
- b) Um trono simbólico de autoridade real.
- c) Um reino, ou governo sobre a terra;
- d) Certeza de cumprimento, pois as promessas a Davi "serão estabelecidos (as) para sempre".

Salomão, cujo nascimento Deus predisse (2Sm 7.12), não recebeu a promessa de uma semente perpétua, mas apenas a certeza de que:

- a) Construiria "uma casa ao meu nome" (v. 13).
- b) O seu reino seria estabelecido (v. 12).
- c) O seu trono, isto é, a autoridade real, permaneceria para sempre.
- d) Se Salomão pecasse, seria castigado, mas não deposto.

A continuidade do trono de Salomão, mas não da semente de Salomão, demonstra a exatidão da predição. Israel teve nove dinastias; Judá, uma. Cristo nasceu de Maria, que não veio da linhagem de Salomão (Jr 22. 8-30); Ele era um descendente de Natã, outro filho de Davi (comp. Lc 3.23-31; e Lc 3.23). José, o marido de Maria, era descendente de Salomão e através dele o trono passou legalmente a Cristo (comp. Mt 1.6,16). Assim, o trono, mas não a semente, veio através de Salomão, que foi precisamente o cumprimento da promessa do SENHOR a Davi.

Em contraste com a promessa irrevogável de cumprimento perpétuo feita a Davi, Salomão é uma ilustração do caráter condicional da Aliança Davídica conforme aplicada aos reis que o seguiram. A desobediência da parte dos descendentes de Davi resultaria em castigo, mas não em anulamento da aliança (2Sm 7.15; Sl 89.20-37; Is 54.3,8, 10). Assim o castigo caiu primeiro na divisão do reino sob Reoboão e, finalmente, nos cativeiros (2Rs 25.1-21). Desde aquele tempo apenas um rei da família davídica foi coroado em Jerusalém e esse foi coroado com espinhos. Mas a Aliança Davídica, dada a Davi pelo juramento do SENHOR e confirmada a Maria pelo Anjo Gabriel, é imutável (Sl 89.20-37); e o Senhor ainda dará àquele que foi coroado de espinhos o trono de Davi, seu pai (Lc 1.31-33; At 2.29-32; 15.14-17). Ambos, Davi e Salomão, entenderam que a promessa referia-se literalmente a um reino terreno (2Sm 7.18-29; 2Cr 6.14-16).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

3.1.13 A Sexta Dispensação: a Igreja (At 2.1)

Uma nova era foi anunciada por nosso Senhor Jesus Cristo em Mt 12.47-13.52. A Igreja foi claramente profetizada por Ele em Mt 16.18 (comp. Mt 18.15-19), comprada pelo derramamento do Seu sangue no Calvário (Rm 3.24-25; 1Co 6.20; 1Pe 1.18-19), e constituída como Igreja depois de Sua ressurreição e ascensão no Pentecostes quando, de acordo com a Sua promessa (Atos 1.5), os crentes foram pela primeira vez batizados individualmente com o Espírito Santo. Por causa da ênfase dada ao Espírito Santo, esta dispensação também tem sido chamada "dispensação do Espírito".

O ponto de prova desta dispensação é o Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo, a mensagem das boas novas sobre a Sua morte e ressurreição (Jo 19.30; At 4.12; 1Co 15.3-5; 2Co 5.21; etc.). A contínua e cumulativa revelação das dispensações anteriores combina com esta revelação mais completa para enfatizar a total iniqüidade e perdição do homem, e a suficiência da obra historicamente completa de Cristo para salvação, pela graça, mediante a fé, a todos os que vêm a Deus por Ele (Jo 14.6; At 10.43; 13.38-39; Rm 3.21-26; Ef 2.8-9; 1Tm 4.10; Hb 10.12-14).

Enquanto aqueles indivíduos salvos, que compõem a verdadeira Igreja de Cristo cumprem as ordens do seu Senhor, de pregar o Evangelho até os confins da terra (Mc 16.15; Lc 24.46-48; At 1.8), Deus está formando, durante esta dispensação, "um povo para o seu nome" (At 15.14) dentre os judeus e os gentios, chamado de "a Igreja" e, portanto especialmente distinto dos judeus e gentios como tais (1Co 10.32; Gl 3.27-28; Ef 2.11-18; 3.5-6).

O Senhor Jesus advertiu que durante todo o período, enquanto a Igreja estiver sendo formada pelo Espírito Santo, muitos rejeitarão o Seu Evangelho e muitos outros pretenderão crer nEle e se tomarão uma fonte de corrupção espiritual e impedimento para o Seu propósito nesta dispensação, na igreja professa. Estes produzirão a apostasia, particularmente nos últimos dias (Mt 13.24-30,36-40,47-49; 2Ts 2.5-8; 1Tm 4.1-2; 2Tm 3.1; 4.3-4; 2Pe 2.1-2; 1Jo 2.18-20). A Dispensação da Igreja chegará ao fim através de uma série de acontecimentos profetizados, o principal dos quais será:



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

- a) A trasladação da verdadeira Igreja da terra para encontrar o Senhor nos ares em um momento conhecido por Deus, mas não revelado aos homens, e sempre mantido diante dos crentes como uma esperança iminente e feliz, encorajando-os no serviço do amor e na santidade de vida. Este acontecimento geralmente é chamado de "arrebatamento" (1Ts 4.17).
- b) Os juízos da septuagésima semana de Daniel, chamados de "a Grande Tribulação" (Ap 7) que cairão sobre a humanidade em geral, mas incluirão a parte não salva da igreja professa, que terá apostatado e por isso será deixada para trás sobre a terra, quando a verdadeira Igreja for trasladada para o céu. Esta forma final da Igreja apóstata está descrita em Ap 17 como "a meretriz" que primeiro vai "montar" o poder político ("besta"), apenas para ser derrotada e absorvida por esse poder (comp. Ap 18.2).
- c) A volta do Senhor Jesus do céu à terra em poder e glória, trazendo com Ele a Sua Igreja, para estabelecer o Seu reino milenial de justiça e paz (Ap 19.11 e 17).

3.1.14 A Sétima Dispensação: O Reino (Ap 20.4)

Esta é a última das dispensações ordenadas que condicionam a vida humana na terra. É o Reino da Aliança feita a Davi (2Sm 7.8-17).

O Filho maior de Davi, o Senhor Jesus Cristo, reinará sobre a terra como Rei dos reis e Senhor dos senhores por 1.000 anos, associando consigo mesmo naquele Reino, os Seus santos de todas as dispensações (Ap 3.21; 5.9-10; 11.15-18; 15.3-4; 19.16; 20.4,6).

A Dispensação do Reino une dentro de si mesmo e debaixo de Cristo as várias "épocas" mencionadas na Escritura:

- a) O período de opressão e desgoverno termina quando Cristo estabelece o Seu reino (Is 11.3-4).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

- b) O período de testemunho e paciência divina termina em julgamento (Mt 25.31-46; At 17.30-31; Ap 20.7-15).
- c) O período de luta termina em repouso e recompensa (2Ts 1.6-7).
- d) O período de sofrimento termina em glória (Rm 8.17-18).
- e) O período da cegueira e castigo de Israel termina em restauração e conversão (Ez 39.25-29; Rm 11.25-27).
- f) O tempo dos gentios termina no desmoronamento da imagem e no estabelecimento do reino dos céus (Dn 2.34-35; Ap 19.15-21).
- g) O período da escravidão da criação termina em livramento e manifestação dos filhos de Deus (Gn 3.17; Is 11. 6-8; Rm 8.19-21).
- h) No final dos mil anos, Satanás é solto por um pequeno período e instiga uma rebelião final que é sumariamente abafada pelo Senhor. Cristo lança Satanás no lago de fogo para ser eternamente atormentado, derrota o último inimigo - a morte - e então entrega o reino ao Pai (1Co 15.24).

3.1.15 A Oitava: A Nova Aliança (Hb 8.8)

A última das oito grandes alianças das Escrituras é:

- a) "Melhor" do que a Aliança Mosaica (Êx 19.5), não moralmente, mas em eficácia (Hb 7.19; comp. Rm 8.3-4).
- b) Está estabelecida sobre promessas "melhores" (isto é, incondicionais). Na Aliança Mosaica, Deus disse: "Se..." (Êx 19.5); na Nova Aliança, Ele diz: "Eu farei..." (Hb 8.10,12).
- c) Sob a Aliança Mosaica, a obediência brotava do temor (Hb 2.2; 12.25-27); sob a Nova, ela brota de um coração e uma mente dispostos (Hb 8.10).
- d) A Nova Aliança garante a revelação pessoal do Senhor a cada crente (v. 11).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

- e) Ela assegura esquecimento completo dos pecados (Hb 8.12; 10.17).
- f) Ela repousa sobre uma redenção consumada (Mt 26.27-28; 1Co 11.25; Hb 9.11-12,18-23). Tenha em mente que a mesma palavra grega (diathekē) foi traduzida para "testamento" e "aliança" no N.T.
- g) Ela garante a perpetuidade, conversão futura e bênção de um Israel arrependido, com os quais a Nova Aliança ainda será ratificada (Hb 10.9; comp. Jr 31.31-40).

3.1.16 Resumo das Oito Alianças

- a) A Aliança Edênica (Gn 2.16) condiciona a vida do homem na inocência.
- b) A Aliança Adâmica (Gn 3.15) condiciona a vida do homem caído e dá a promessa de um Redentor.
- c) A Aliança Noética (Gn 9.16) estabelece o princípio do governo humano.
- d) A Aliança Abraâmica (Gn 12.2) inaugura a nação de Israel e confirma, com acréscimos específicos, a promessa adâmica da redenção.
- e) A Aliança Mosaica (Êx 19.5) condena todos os homens, "pois todos pecaram" (Rm 3.23; 5.12).
- f) A Aliança Palestiniana (Dt 30.3) garante a restauração final e a conversão de Israel.
- g) A Aliança Davídica (2Sm 7.16) estabelece a perpetuidade da família davídica (cumprida em Cristo, Mt 1.1; Lc 1.31-33; Rm 1.3), e do reino davídico sobre Israel e sobre toda a terra, a ser cumprida em e por Cristo (2Sm 7.8-17; Zc 12.8; Lc 1.31-33; At 15.14-17; 1Co 15.24).
- h) E a Nova Aliança (Hb 8.8) repousa sobre o sacrifício de Cristo e garante bênção eterna, sob a Aliança Abraâmica (Gl 3.13-29), de todo aquele que crê. É absolutamente incondicional e, considerando que nenhuma responsabilidade é por ela consignada ao homem, ela é final e irreversível.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

3.2 A Composição da Bíblia

A mensagem da Bíblia é completa. Ela incorpora cada capítulo e cada versículo em sua perfeita unidade, e todas as suas partes são interdependentes. O domínio de qualquer parte exige o domínio do todo. Se houver tolerância de ênfase desproporcional ou indulgência para com modismos nas doutrinas, pouco progresso se obterá na sua exata compreensão. Os sessenta e seis livros, que por disposição divina formam este todo incomparável, estão divididos em duas partes principais: o Antigo Testamento e o Novo Testamento, e estes Testamentos se prestam ao esclarecimento de dois propósitos divinos supremos: aquilo que é terreno e aquilo que é celestial. Os livros do Antigo Testamento estão classificados em históricos: de Gênesis a Ester; poéticos: de Jó aos Cantares de Salomão; e proféticos: de Isaías a Malaquias. Os livros do Novo Testamento se classificam em históricos: de Mateus a Atos; epistolares: de Romanos a Judas; e proféticos: o Apocalipse. No que se refere à Pessoa de Cristo (que é o tema central de toda a Escritura), o Antigo Testamento é classificado como preparação; os quatro Evangelhos como manifestação; os Atos como propagação; as Epístolas como explanação; e o Apocalipse como consumação. A análise essencial de cada livro, cada capítulo e cada versículo, pertence a outras disciplinas do treinamento do estudante e não à Teologia Sistemática.

3.2.1 Composição do Antigo Testamento

A palavra testamento vem do termo grego "diatheke", e significa: a) Aliança ou concerto, e b) Testamento, isto é, um documento contendo a última vontade de alguém quanto à distribuição de seus bens, após sua morte. Esta é a palavra empregada no Novo Testamento, como por exemplo, em Lucas 22.20. No Antigo Testamento, a palavra usada é "berith" que significa apenas concerto. O duplo sentido do termo grego nos mostra que a morte do testador (Cristo) ratificou ou selou a Nova Aliança, garantindo-nos toda a herança com Cristo (Rm 8.17; Hb 9.15-17).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Tem, portanto, 39 livros, e foi escrito originalmente em hebraico, com exceção de pequenos trechos que o foram em aramaico. O aramaico foi a língua que Israel trouxe do seu exílio babilônico. Há também algumas palavras persas. Seus 39 livros estão classificados em 4 grupos, conforme os assuntos a que pertencem: Lei, História, Poesia, Profecia. O grupo ou classe poesia também é conhecido por devocional.

- a) LEI. São 5 livros: Gênesis a Deuteronômio. São comumente chamados de Pentateuco.
- b) HISTÓRIA. São 12 livros: de Josué a Ester. Ocupam-se da história de Israel nos seus vários períodos: a) Teocracia, sob os juízes. b) Monarquia, sob Saul, Davi e Salomão. c) Divisão do reino e cativeiro, contendo o relato dos reinos de Judá e Israel, este levado em cativeiro para a Assíria, e aquele para Babilônia. d) Pós-cativeiro, sob Zorobabel, Esdras e Neemias, em conjunto com os profetas contemporâneos.
- c) POESIA. São 5 livros: de Jó a Cantares de Salomão. São chamados poéticos, não porque sejam cheios de imaginação e fantasia, mas devido ao gênero do seu conteúdo. São também chamados devocionais.
- d) PROFECIA. São 17 livros: de Isaías a Malaquias. Estão subdivididos em: Profetas Maiores: Isaías a Daniel (5 livros) e Profetas Menores: Oséias a Malaquias (12 livros).

Os nomes maiores e menores não se referem ao mérito ou notoriedade do profeta mais ao tamanho dos livros e à extensão do respectivo ministério profético.

A classificação dos livros do Antigo Testamento, por assunto, vem da versão Septuaginta, através da Vulgata, e não leva em conta a ordem cronológica dos livros, o que, para o leitor menos avisado, dá lugar a não pouca confusão, quando procura agrupar os assuntos cronologicamente. Na Bíblia hebraica (que é o nosso Antigo Testamento), a divisão dos livros é bem diferente.

Nas Bíblias de edição católico-romana, os livros de 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis são chamados 1, 2, 3 e 4 Reis, respectivamente. 1 e 2 Crônicas são chamados 1 e 2 Paralipômenos. Esdras e Neemias são chamados 1 e 2 Esdras. Também, nas edições católicas de Matos Soares e Figueiredo, o Salmo 9 corresponde em Almeida aos Salmos 9 e 10. O de número 10 é o nosso 11. Isso vai assim até os Salmos 146 a 147, que nas nossas Bíblias são o de número 147. Deste modo, os três salmos



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

finais são idênticos em qualquer das versões acima mencionadas. Essas diferenças de numeração em nada afetam o texto em si, e não poderia ser doutra forma, sendo a Bíblia o Livro do Senhor!

3.3 O Texto e Estrutura da Bíblia

3.3.1 Particularidades do Texto

Apesar da grande diversidade de traduções, edições e publicações existentes hoje não só na língua portuguesa, mas como em muitos outros idiomas, relacionamos abaixo algumas particularidades interessantes, a saber, para melhor interpretação e estudo da Bíblia:

a) As palavras em Itálico

Não constam do original. Foram introduzidas na tradução para completar o sentido do texto ou facilitar sua interpretação. Muitas vezes acabam permitindo duplo sentido exegético.

b) O uso da margem

Muitas Bíblias têm na margem de determinados trechos, a tradução literal do hebraico ou do grego. Às vezes, têm uma tradução diferente quando o caso é duvidoso. São muito úteis essas notas marginais.

c) O sumário dos capítulos

São preparados pelos editores, e nada têm com a inspiração e o texto original. As exceções são algumas frases introdutórias de certos Salmos, como o 4, 5, 6, 7, 8, 9, 22, 32, 45, 46, 53, 56, 69, 75 etc. Tais sumários nem sempre correspondem aos capítulos aos quais se referem. Há casos até negativos, como a parábola dos Dez Talentos", quando não são dez; a "Parábola do Rico e Lázaro", quando não se trata de parábola, e assim por diante.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

d) A divisão do texto bíblico em capítulos e versículos

Não vem do original. A primeira Bíblia que trouxe essa divisão foi a Vulgata, em 1555. Em muitos casos, a divisão tanto em capítulos como em versículos, quebra o sentido, parte o texto e altera toda a linha de pensamento. Exemplo de capítulos: Isaías 53, que devia começar em Isaías 52.13, João 8, devia começar em João 7.53; 2 Reis 7 devia começar em 2 Reis 6.24; o capítulo 3 de Colossenses devia terminar em Colossenses 4.1; Atos 5 devia começar em 4.36. Com a divisão em versículos, acontece a mesma coisa, por exemplo: Efésios 1.5 devia começar com as duas últimas palavras de Efésios 1.4; 1 Coríntios 2.9 e 2.10 deviam formar um só versículo. Na Epístola aos Romanos, bem como em Efésios, há diversos casos desses. Também a divisão em versículos não é a mesma em todas as versões: Dn 3.24-30 da ARC, corresponde à Dn 3.91-97 na Matos Soares; Lc 20.30 na ARC, corresponde à Lc 20.30,31 na "Brasileira".

e) A divisão do texto em parágrafos é muito útil para a sua compreensão

O Salmo 2, por exemplo, contém 5 parágrafos, tendo cada um aplicação diferente (vv. 1-3, 4-6, 7-9, 10-12a; 12b). Uma versão em português que indica os parágrafos é a ARA, com um tipo negrito cada vez que isso ocorre. Há versões em outras línguas que dão tanta importância à essa divisão, que, para maior comodidade do leitor, imprimem o próprio sinal gráfico para parágrafo.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

4 - PENTATEUCO – ESTRUTURA E ENSAIO

Introdução



Imagen meramente ilustrativa.

São cinco os Livros do Pentateuco: Gênesis,Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Esses primeiros cinco livros da Bíblia são chamados "a Lei". Podemos considerá-los como um único livro, embora incluam toda sorte de escritos: narrativas, leis, instruções sobre o culto e as cerimônias religiosas, sermões e genealogias. Mas, de qualquer modo, estes livros possuem tema comum. Depois das narrativas sobre os primórdios do mundo em Gn 1-11, contam a história do povo de Deus desde a vocação de Abraão até a morte de Moisés, compreendendo um período de cerca de 600 anos, ou seja, de aproximadamente 1800 até 1250 a.C. O Gênesis contém a história dos fundadores de Israel: Abraão, Isaac, Jacó e José. Os outros livros da Lei são dominados pela figura de Moisés, o grande líder dos israelitas. A idéia de uma comunidade que obedece à vontade de Deus é o centro destes livros, e por isso lhes deu o nome hebraico de Torá, isto é, "ensinamento" por excelência. Estes cinco livros também são conhecidos pelo nome grego de Pentateuco ou "cinco rolos" (literalmente "cinco estojos" nos quais estavam os rolos).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

4.1 O Livro de Gênesis

O Gênesis, primeiro livro da Bíblia, é o livro dos inícios, como diz o seu nome (grego) que significa "origem". Trata da criação de uma maneira geral. Fala da origem do homem e da mulher. Explica como as coisas começaram a ir mal e apresenta as boas intenções de Deus em relação à sua criação. O livro está dividido em duas grandes partes. Os caps. 1 - 11 narram a história da criação do mundo e da raça humana. Lemos sobre Adão e Eva, Caim e Abel, Noé e o dilúvio, e a torre de Babel. A criação de Deus foi progressivamente deteriorada pelo egoísmo, o orgulho e a maldade humana. O livro fala das origens do pecado e do sofrimento, bem como da promessa de esperança feita por Deus. Os caps. 12 - 50 passam da história geral da humanidade para a de uma pessoa, Abraão, e sua família. Abraão acreditou e obedeceu a Deus, que o escolheu para fundar a nação de Israel. Seguem-se as histórias de Isaac, seu filho, de Jacó (também conhecido como Israel), seu neto, e dos doze filhos deste, que são os fundadores das doze tribos de Israel. Depois da narrativa concentra-se num dos filhos de Jacó: José, que é feito prisioneiro no Egito, para onde mais tarde emigra toda a sua família. O livro termina com a promessa de Deus de cuidar do seu povo. Todos os capítulos mostram um Deus ativo, que julga e punir as pessoas que fazem o mal, que guia e conserva o seu povo, moldando a sua história. O Gênesis narra a história de alguns grandes homens de fé.

4.2 O Livro de Êxodo

A palavra êxodo vem do grego e significa "saída". O livro do Êxodo narra como o povo de Israel saiu do Egito, onde era escravo, e emergiu como nação livre, com uma esperança para o futuro. A figura central é Moisés, o grande líder de Israel, chamado por Deus para conduzir o povo para fora do Egito. O Êxodo divide-se em três partes: Caps. 1-18: o povo hebreu é libertado da escravidão no Egito. Moisés conduz os israelitas através do deserto até o monte Sinai. Caps. 19 - 24: Deus faz um pacto com o seu povo no Sinal. Dá-lhe normas segundo as quais deve viver, tanto no deserto como depois que tiver entrado na Terra Prometida. Estas normas estão resumidas nos dez mandamentos, no capítulo 20. As leis de Deus abrangem a



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

totalidade da vida: o comportamento particular de uns para com os outros, o comportamento na vida pública e o comportamento para com Deus. Caps. 25 - 40: Deus dá ao povo de Israel instruções sobre a construção de uma tenda móvel (o tabernáculo) para adorá-lo.

4.3 O Livro de Levítico

O Levítico é substancialmente um livro de leis. São leis sobre as cerimônias religiosas, o culto e a vida cotidiana, com o objetivo de manter o povo de Israel num relacionamento justo com Deus. O nome deriva dos sacerdotes (membros da tribo ou clã de Levi) aos quais cabia cuidar das leis do culto. O livro volta constantemente ao tema da santidade de Deus e da sua extraordinária bondade, tão diferente do homem. Quando Jesus resumiu a lei, citou o Levítico: "Amarás o teu próximo como a ti mesmo" (Lv 19, 18). Contém as seguintes seções: Caps. 1-7: leis sobre sacrifícios e ofertas e seu significado. Caps. 8-10: leis referentes aos homens que podiam ser sacerdotes e sua destinação para o exercício de suas funções. Caps. 11-15: leis referentes à vida cotidiana, concentradas sobre as coisas "puras" e "impuras" que impediam as pessoas de participar do culto divino por certo tempo. Caps. 16: o dia da expiação, ocasião anual em que se faziam ofertas para "purificar" o povo do pecado. Caps. 17-27: leis sobre a santidade de vida e o culto, com promessas para os que obedecerem e advertências para os que desobedecerem.

4.4 O Livro de Números

O livro dos Números conta a história de Israel em sua peregrinação de quase quarenta anos pelo deserto do Sinal. Começa no terceiro ano depois da fuga do Egito e termina um pouco antes da entrada em Canaã, a terra que Deus tinha prometido ao seu povo. O título Números provém das duas "enumerações" (recenseamento) dos israelitas no monte Sinai e nas estepes de Moab, perto do rio Jordão e de Jericó. Entre os dois recenseamentos os israelitas estabeleceram-se por algum tempo no oásis de Cades-Barnéia e depois seguiram para uma região a leste do Jordão. O livro dos Números é a longa e triste história das queixas e do



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

descontentamento de Israel. Frequentemente os israelitas deixaram-se dominar pelo medo e pelo desânimo diante das dificuldades. Rebelaram-se contra Deus e seu líder Moisés. Apesar disso, Deus continuou a preocupar-se com o seu povo. Mas só dois homens dos que tinham saído do Egito, Calebe e Josué, entraram na Terra Prometida.

4.5 O Livro de Deuteronômio

Consiste de uma série de discursos de Moisés aos israelitas nas estepes de Moab, pouco antes da entrada na Terra Prometida. O nome do livro significa "segunda outorga da lei". Mas na verdade trata-se de nova confirmação das leis dadas por Deus no Sinai (registradas no Éxodo, Levítico e Números) e sua aplicação à vida sedentária na terra de Canaã. No decorrer de seus discursos Moisés repete os grandes eventos dos últimos quarenta anos. Reitera e destaca os dez mandamentos e nomeia Josué seu sucessor para conduzir os israelitas. O grande tema do Deuteronômio é que Deus salvou e abençoou seu povo, e este deve sempre lembrar-se disso, amá-lo e obedecer-lhe. As palavras que Jesus classificou de o maior mandamento: "Amarás a Iahweh teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força", são do Deuteronômio (Dt 6.4-5; Mt 22.37).



**Faculdade e Seminário
Teológico Nacional**

**Cursos Online de Teologia
Ensino à Distância**

5 - HISTÓRICOS - ESTRUTURA E ENSAIO

Introdução

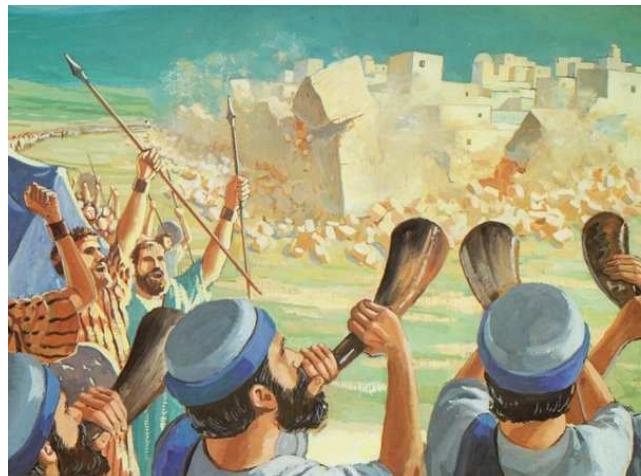


Imagen meramente ilustrativa.

São 12 livros os livros históricos: Josué, Juízes, Rute, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis, 2 Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Ester. Esta seção, que na Bíblia hebraica vai de Josué a Ester, abrange o tempo da conquista, o tempo dos reis, o exílio e o retorno. Está dividida em duas partes. A primeira, isto é, Josué, Juízes, Samuel e Reis, têm o título de "Primeiros Profetas" da Bíblia hebraica. A segunda parte, ou seja, Crônicas, Esdras e Neemias, estavam incluídos nos chamados "Escritos". As duas partes juntas cobrem cerca de 800 anos da história de Israel, do século XIII ao século V a.C. Estes livros foram escritos não simplesmente como história da nação, mas para mostrar como o plano e a mensagem de Deus foram cumpridos na vida de Israel.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

5.1 O Livro de Josué

O livro de Josué conta como Israel invadiu Canaã sob o comando de Josué, sucessor de Moisés. Os caps. 1-12 falam da conquista de Canaã, ocorrida provavelmente após 1240 a.C. Estas narrativas poderão ter sido escritas pela primeira vez na época de Samuel, embora o livro como um todo seja parte da grande "história deuteronômica", que vai de Josué a 2 Reis. Não sabemos quem escreveu o livro. A narrativa compreende a travessia do Jordão, a queda da cidade de Jericó e a batalha de Ai. Os caps. 13-22 contam como os israelitas dividiram entre si e ocuparam as terras conquistadas. Os últimos dois capítulos (23-24) trazem o discurso de despedida de Josué e a renovação da aliança com Deus e da sua promessa ao povo em Siquém.

5.2 O Livro de Juízes

O livro dos Juízes é uma coletânea de narrativas referentes aos dois séculos turbulentos, que vão desde o tempo da conquista de Canaã até pouco antes da coroação do rei Saul, isto é, aproximadamente de 1200 a 1050 a.C. Os "Juízes" eram heróis locais das tribos de Israel, geralmente chefes militares, cujos feitos são narrados no livro. Incluem figuras como Débora, Gideão e Sansão. Neste período só a fé comum em Deus manteve de certo modo unidas as tribos de Israel. Quando seguiam os deuses locais, caíam em divisão, tornavam-se fracas e acabavam sendo presas dos cananeus.

5.3 O Livro de Rute

A idílica história de Rute contrasta com os tempos violentos do livro dos Juízes em que se situa. Rute, mulher moabita, desposara um israelita. Quando o marido morreu, ela demonstrou inesperada lealdade para com a sogra israelita e confiou no Deus de Israel. Por fim encontrou novo marido entre os parentes do falecido esposo e através deste casamento tornou-se bisavó do rei Davi e antepassada do próprio



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Jesus. Embora a religião passasse por crise generalizada naquela época, o livro de Rute exalta a fé de pessoa comum, uma estrangeira que se convertera ao Deus de Israel.

5.4 Primeiro e Segundo Samuel

Estes dois livros narram a história de Israel desde Samuel até os últimos anos de Davi. Tomam o nome do último grande Juiz, Samuel, não porque este os escreveu, mas porque a sua figura domina os primeiros capítulos. Originalmente era um único livro na Bíblia hebraica. Samuel ungiu os dois primeiros reis de Israel - Saul e Davi - como escolhidos de Deus. Os dois cobrem aproximadamente o período de 1075-975 a.C. O autor várias vezes se refere ao reino separado de Judá. Isso indica que a redação final da obra deve ter ocorrido depois de 900 a.C. Mas contém muito material contemporâneo dos eventos descritos, especialmente a história das intrigas da corte de Davi em 2Sm 9-20, que muitos estudiosos acreditam ser obra de secretários profissionais da corte, que foram testemunhas do que escreveram. Os livros de Samuel tratam principalmente da história da ação de Deus em relação à nação de Israel. 1 Samuel conta como Israel passou do governo dos juízes para o regime dos reis. Caps. 1-8: os anos de Samuel como Juiz de Israel. Caps. 9-15: história de Saul, primeiro rei de Israel. Caps. 16-30: As relações entre Davi e Saul. O livro termina (cap.31) com a morte de Saul e de seus filhos. Ainda que agora o povo tivesse um rei, tanto este como o povo são vistos sob a condução e o juízo de Deus. 2 Samuel narra a história de Davi rei, primeiro de Judá ao sul (caps. 1 - 4), depois de todo o país, inclusive da parte que posteriormente será o reino setentrional de Israel. Lemos como o rei Davi expandiu o seu reino e se tornou soberano poderoso. Davi era homem de profunda fé em Deus e muito popular. Mas às vezes era cruel e impiedoso para conseguir o que queria, por exemplo, no caso da sua determinação de ter para si Bate-Seba, mulher de um dos seus oficiais.

5.5 Primeiro e Segundo Reis

Os dois livros dos Reis abrangem cerca de 400 anos da história de Israel, desde a morte de Davi até a destruição de Jerusalém em 587 a.C. Não sabemos quem foi o



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

autor deles, mas à semelhança de 2 Samuel, é certo que contêm informações tiradas de documentos da corte, contemporâneos aos fatos descritos. Provavelmente passaram por várias edições e revisões até receberem sua forma final durante o exílio em Babilônia (587-539 a.C.). 1 Reis pode ser dividido em duas partes: Caps. 1-11: Salomão sucede ao seu pai Davi como rei de Israel e Judá. O período áureo do seu reinado viu a construção do templo de Jerusalém. Caps. 12 - 22: a nação divide-se, dando origem ao reino de Israel (norte) e ao reino de Judá (sul). O livro narra a história dos reis dos dois reinos, entre os quais Jeroboão (Israel), Roboão (Judá), Acabe (Israel), Josafá (Judá) e Acazias (Israel). Os profetas de Deus anunciam com coragem a sua palavra numa época em que as pessoas se voltam para outros deuses. O maior dentre eles é Elias, cuja disputa com os profetas de Baal no monte Carmelo é narrada em 1Rs 18. 2 Reis continua a história dos dois reinos no ponto em que termina 1 Reis, e igualmente se divide em duas partes. Caps. 1-17: a história dos dois reinos desde a metade do século IX a.C. até a derrota do reino setentrional pela Assíria e a queda de Samaria em 722 a.C.

Neste período destaca-se o profeta Eliseu, sucessor de Elias, como mensageiro de Deus. Caps. 18 - 25: a história do reino de Judá desde a queda do reino de Israel até a destruição de Jerusalém pelo rei de Babilônia, Nabucodonosor, em 587 a.C. São destacados os reinados de dois grandes reis: Ezequias e Josias. Nos dois livros dos Reis, os soberanos de Israel são julgados com base na sua fidelidade a Deus. O país prospera quando o rei é leal, e entra em decadência quando o rei presta culto a outros deuses. Segundo este modelo, todos os reis do reino do norte representam um fracasso.

5.6 Primeiro e Segundo Crônicas

À primeira vista os livros das Crônicas parecem uma repetição simplificada dos livros de Samuel e dos Reis. Na verdade, o autor reescreve a história para leitores que já conheciam esses livros. Mas tinha dois motivos principais para dar sua própria versão da história dos reis de Israel. Queria mostrar que, apesar dos desastres que atingiram Israel, Deus mantém a sua promessa de cuidar do seu povo. Para isso, concentrou a atenção nos reinados gloriosos de Davi e Salomão e nos bons governos dos reis Josafá, Ezequias e Josias. Queria descrever como começou o culto do templo em Jerusalém, explicar os deveres dos sacerdotes e dos levitas, e mostrar que Davi foi o verdadeiro fundador do templo (ainda que de fato tivesse sido



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Salomão quem o construiu). O autor, o “Cronista”, provavelmente escreveu para os israelitas que tinham voltado do exílio a fim de reconstruir Jerusalém. Estes precisam entender o seu passado, e o autor lhes recordou que o sucesso da nação dependia da sua lealdade para com Deus. 1 Crônicas começa com uma genealogia, que vai de Adão ao rei Saul (caps. 1-9) e entra propriamente no tema com o reinado de Davi e os preparativos deste para a construção do templo (caps. 10-29). 2 Crônicas começa com o reinado de Salomão e a construção do templo (caps. 1-9). Depois de lembrar a revolta das tribos setentrionais sob Jeroboão, continua nos caps. 11-36 com a história dos reis de Judá até a destruição de Jerusalém em 587 a.C.

5.7 O Livro de Esdras

O livro de Esdras continua diretamente as Crônicas e descreve a volta de parte dos judeus exilados de Babilônia. Estes trouxeram um pouco de vida e a restauração do culto em Jerusalém. A narração cobre aproximadamente os anos 583-433 a.C. Partes da obra reproduzem talvez trechos escritos pelo próprio Esdras. A volta a Jerusalém é apresentada nas suas três fases: Caps. 1-2: volta do primeiro grupo com Zorobabel, por ordem do rei persa Ciro. Caps. 3-6: reconstrução do templo e retomada do culto em Jerusalém, apesar das oposições locais. Caps. 7-10: Esdras volta a Jerusalém com outro grupo e contribui para restaurar a religião e o modo de vida de Israel.

5.8 Livro de Neemias

Neemias, um exilado judeu, teve permissão do rei persa Artaxerxes de voltar com um grupo de judeus a Jerusalém em 445 a.C. O livro que tem seu nome, escrito como memória pessoal, apresenta-o como líder nato, e pessoa que confiava plenamente em Deus e para quem orar era coisa tão natural como respirar. Também este livro pode ser dividido em três partes: Caps. 1-7: Neemias retoma a Jerusalém, encoraja o povo a reconstruir os muros da cidade para defender-se de feroz oposição e introduz reformas religiosas que se faziam urgentes. Caps. 8-10: Esdras proclama a lei de Deus diante do povo que, profundamente comovido, confessa sua infidelidade e volta novamente a Deus. Caps. 11-13: atividades de Neemias como governador de Judá, nomeado pelo rei da Pérsia.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

5.9 Livro de Ester

A história enquadra-se na época de Esdras e Neemias, ou seja, no período persa. Fala de conspiração urdida no reinado de Assuero (Xerxes) para destruir a raça judaica. Uma heroína judia de nome Ester torna-se rainha dos persas e com a sua coragem consegue salvar o seu povo. O livro mostra como a nação judaica, mais uma vez, foi salva da destruição e explica a origem e a significação da festa judaica do Purim (que celebra esta salvação). Em alguns pontos, o texto grego é mais longo que o hebraico.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

6 - POÉTICOS - ESTRUTURA E ENSAIO

Introdução



Imagen meramente ilustrativa.

São 5 livros: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão. São chamados poéticos, não porque sejam cheios de imaginação e fantasia, mas devido ao gênero do seu conteúdo. Alguns também os chamam de “Livros Devocionais”. No Antigo Testamento os livros dos Provérbios, Jó, Eclesiastes, Eclesiástico e Sabedoria são comumente conhecidos como livros sapienciais.

Escritos deste tipo encontram-se também em outras partes do Antigo Testamento, sob formas diversas, como fábulas, ditados populares e regras gerais de vida. De maneira geral, tratam da vida cotidiana, da boa conduta, das virtudes que se devem cultivar e dos vícios que se deve evitar. A maior parte dos conselhos é fruto do bom senso baseado na experiência. Mas alguns tratam de temas importantes. Os livros de Jó e Eclesiastes tratam de problemas muito sérios (como o sofrimento) e discutem-no a fundo. Entre os livros sapienciais incluem-se também os Salmos e o Cântico dos Cânticos.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

6.1 O Livro de Jó

O padrão claramente desenvolvido do livro de Jó, prólogo, discursos e epílogo, além dos ciclos dentro dos próprios discursos, mostra que se trata de uma interpretação teológica sobre certos acontecimentos da vida de Jó. Do início ao fim, o autor tem a intenção de responder a uma pergunta básica: Qual é o significado da fé? Jó era um chefe de clãs (famílias) de notável piedade, integridade e sabedoria, foi abençoado por Deus com uma prosperidade terrena tal, que se tornara o maior e mais rico de todos no Oriente. Subitamente, porém Jó experimentou uma reversão completa da fortuna, foi vitimado por uma série de grandes calamidades, tendo sido privado de todas as suas possessões e dos seus filhos. Seu corpo foi tomado por uma enfermidade repulsiva, três amigos que vieram ostensivamente para consolar Jó, insistiam que o seu sofrimento tinha como causa o pecado. Mas Jó rejeita veementemente esta afirmação, reafirmando em todo tempo que ele era um homem justo, mas confessou que não tinha capacidade para explicar porque estava lhe sucedendo tudo aquilo. Finalmente Deus responde as repetidas solicitações de Jó, e lhe dá uma explicação direta sobre os seus sofrimentos, não por uma justificação de suas ações, nem por qualquer solução intermediária, mas sim pela vontade de Deus. E isso foi o suficiente para Jó, ele percebeu que Deus, sendo poderoso, misericordioso, justo e amoroso, não o deixaria sofrer mais. Esse livro serve de um propósito muito alto para as nossas vidas: mostrar que a certeza da fé não descansam nas circunstâncias exteriores, nem em explicações especulativas, mas na certeza da fé em Deus, onisciente e onipotente.

6.2 O Livro dos Salmos

O título hebraico dos Salmos é Tehillim, que significa “louvores”; o título na Septuaginta (tradução do Antigo Testamento para o grego, feita em c. 200 a.C.) é Psalmoi, que significa “cânticos para serem acompanhados por instrumentos de cordas”. O título em português, “Salmos”, deriva da Septuaginta. A música desempenhava papel de importância no culto do antigo Israel (confronte Sl 149; 150; 1Cr 15.16-22); os salmos eram os hinos do povo de Israel. Bem diferente de boa parte da poesia e do cântico do mundo ocidental, compostos com rima ou metrificação, a poesia e o cântico do Antigo Testamento tem por base o paralelismo



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

de pensamento, em que a segunda linha (ou linhas sucessivas) da estrofe praticamente faz uma reiteração (paralelismo sinônimo), ou apresenta um contraste (paralelismo antítetico), ou, de modo progressivo, completa (paralelismo sintético) a primeira linha. Todas as três formas de paralelismo caracterizam o Saltério.

O salmo mais antigo conhecido vem de Moisés, no século XV a.C. (Sl 90); os mais recentes provêm dos séculos VI e V a.C. (por exemplo, Sl 137). A maioria dos salmos, no entanto, foi escrita no século X a.C., durante a era áurea da poesia em Israel. Os títulos descritivos que precedem a maioria dos salmos, embora não pertençam ao texto original, logo não inspirados, são muito antigos (anteriores à Septuaginta) e importantes.

6.3 O Livro de Provérbios

O Antigo Testamento hebraico era em regra dividido em três partes: a Lei, os Profetas e os Escritos (confronte Lc 24.44). Na terceira parte estavam os livros poéticos e sapienciais, a saber: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes etc. Semelhantemente, o Israel antigo tinha três categorias de ministros: os sacerdotes, os profetas e os sábios. Estes últimos eram especialmente dotados de sabedoria e conselho divinos a respeito de princípios e práticas da vida.

O livro de Provérbios representa a sabedoria inspirada dos sábios. A palavra hebraica mashal, traduzida por “provérbio”, tem os sentidos de “oráculo”, “parábola”, ou “máxima sábia”. Por isso, há declarações longas no livro de Provérbios (por exemplo, 1.20-33; 2.1-22; 5.1-14), mas há também as concisas, mas ricas de sentido e sabedoria, para se viver de modo prudente e justo. O conteúdo de Provérbios representa uma forma de ensino comum no Oriente Próximo antigo, mas no caso deste livro, sua sabedoria é diferente porque veio da parte de Deus, com seus padrões justos para o povo do seu concerto.

O ensino mediante provérbios era popular naqueles antigos tempos, em virtude da sua grande clareza e facilidade de memorização e transmissão de geração em geração. Assim como Davi é o manancial da tradição salmódica em Israel, Salomão é o manancial da tradição sapiencial em Israel (ver Pv 1.1; 10.1; 25.1). Conforme 1Rs 4.32, Salomão produziu 3.000 provérbios e 1.005 cânticos.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Outros autores mencionados por nome em Provérbios são Agora (Pv 30.1-33) e o rei Limou (Pv 31.1-9), ambos desconhecidos.

Autores outros estão subentendidos em Pv 22.17 e em Pv 24.23. A maioria dos provérbios teve origem no século X a.C., porém a provável data mais antiga para a conclusão deste livro seria o período de reinado de Ezequias (isto é c. 700 a.C.). A participação dos homens de Ezequias na compilação dos provérbios de Salomão (25.1-29.27) talvez remonte a 715-686 a.C., durante o avivamento espiritual liderado por esse rei temente a Deus. É possível que os provérbios de Agora, de Limou e os outros “sábios” também tenham sido compilados nesse período.

6.4 O Livro de Eclesiastes

O livro sintetiza a “sabedoria”, ou seja, observações, pensamentos e sentenças, de um “filósofo” que se oculta sob o pseudônimo de Coélet, “presidente da assembléia” (Eclesiastes em Grego). Tal gênero de escrito era popular nos países antigos do Oriente Médio. O autor examina a vida humana, julga-a breve e absurda, concluindo que ela não tem sentido. Não consegue entender para que serve. Contudo, termina recomendando a aplicação ao trabalho e o gozo do prazer enquanto a vida dura. Grande parte do livro parece deprimente e destrutiva, porque considera a “vida debaixo do sol” exclusivamente do ponto de vista humano. A vida sem Deus não tem objetivo nem sentido, mas a sabedoria e a justiça conferem pelo menos um pouco de nobreza à existência humana.

6.5 O Livro de Cantares de Salomão

É uma coleção de poesias amorosas, que cantam o amor de um homem e de uma mulher. Às vezes é chamado de cântico de Salomão, porque na Bíblia hebraica é atribuído a esse rei. As poesias, cujo cenário é o campo na primavera, exaltam com paixão e entusiasmo o amor e exprimem com franqueza o prazer da atração física.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

7 - PROFÉTICOS - ESTRUTURA E ENSAIO

Introdução

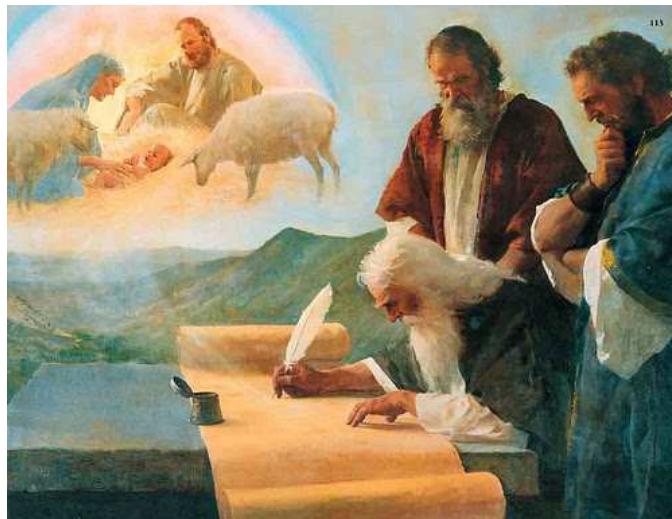


Imagen meramente ilustrativa.

São 17 livros chamados proféticos, que vão de Isaías a Malaquias. Estão subdivididos em Profetas Maiores e Profetas Menores, sua composição é: Profetas Maiores: Isaías, Jeremias, Lamentações de Jeremias, Ezequiel e Daniel; Profetas Menores: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

Os livros trazem o nome de 16 profetas hebreus, aos quais se acrescentam as Lamentações. Os quatro profetas “maiores”, Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel são seguidos pelos chamados doze profetas “menores”, autores de livros breves. Os livros dos profetas vão desde a época áurea do povo israelita até o exílio e o retorno à pátria. Entre os primeiros contam-se Amós e Oséias, que dirigiram suas mensagens ao reino do norte, no século VIII a.C. Mas a maioria dos profetas atuou no reino de Judá. Aí desenvolveram suas atividades Isaías, Miquéias e talvez também Joel em torno de 700 a.C., mais de cem anos antes da queda de Jerusalém em 587 a.C. Jeremias, Habacuque e Sofonias proclamaram suas palavras nos anos que antecederam a queda da cidade e durante o exílio. Ageu, Zacarias e Malaquias profetizaram durante e após o retorno, a partir de 538 a.C. Alguns profetas tiveram



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

outros destinatários. Jonas e Naum dirigiram mensagens especiais a Nínive, a capital da Assíria destruída em 612 a.C. Daniel é descrito como profeta em Babilônia. Obadias sentenciou contra Edom, antigo inimigo de Israel.

7.1 Os Livros dos Profetas Maiores

7.1.1 O Livro de Isaías

Isaías viveu no século VIII a.C. O livro que trás o seu nome é dos mais impressionantes do Antigo Testamento. Pinta com cores fortes o poder de Deus e contém mensagem de esperança para o seu povo. O chamado de Isaías para a função de profeta é descrito no cap. 6. Ele profetizou durante mais de quarenta anos. Os caps. 1 - 39 pertencem ao período em que o reino de Judá foi ameaçado pela Assíria, o grande império do mundo bíblico de então. Mas Isaías proclamou que o perigo real para a nação estava nos seus pecados e na sua desobediência a Deus. O povo não confiava em Deus e o profeta convidou-o a voltar a ele, a restabelecer a justiça e a agir corretamente. Se não prestasse ouvidos, Judá seria destruído. Isaías também voltou os olhos para o futuro, época em que em todo o mundo reinaria a paz. Um descendente do rei Davi tornar-se-ia o rei ideal que cumpriria a vontade de Deus. Os caps. 40 - 55 tratam da volta do exílio de Babilônia. O povo tinha perdido toda esperança, mas o profeta lhe fala de um tempo em que Deus o libertaria e reconduziria a Jerusalém. Enfatiza o fato de que Deus controla a história e acena ao plano divino de utilizar a nação de Israel para levar a esperança a todos os povos. Esta parte do livro inclui certo número de passagens em que o profeta, olhando para o futuro, fala da vinda do "Servo de Iahweh", portador de esperança para a nação. Os caps. 56 - 66 formam seção separada, dirigida principalmente aos judeus que voltaram a Jerusalém.

7.1.2 O Livro de Jeremias

Jeremias viveu cerca de cem anos depois de Isaías, tendo sido chamado por Deus à vocação de profeta em 627 a.C. e morrido pouco depois de 587 a.C. Na sua época, a Assíria, a superpotência do norte, entrava em decadência. A nova ameaça do



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

reino de Judá era Babilônia. Por quarenta anos advertiu o povo sobre o futuro juízo de Deus, que o castigaria, por causa da sua idolatria e do seu pecado. Por fim suas palavras cumpriram-se. Em 587 a.C. o exército babilônico, conduzido por Nabucodonosor, destruiu Jerusalém e o templo, levando muitos judeus para o exílio. Jeremias recusou a oferta para ir viver comodamente na corte babilônica e provavelmente morreu no Egito. Os caps. não seguem a ordem cronológica dos fatos. O livro começa com a descrição da vocação de Jeremias. Os primeiros 25 caps. contêm mensagens de Deus dirigidas a Judá durante os reinados dos últimos reis: Josias, Joacaz, Jeoacim, Joaquim (filho deste) e Zedequias. Os caps. 26 - 45 narram acontecimentos da vida de Jeremias e incluem algumas outras profecias. Os caps. 46 - 51 trazem as mensagens enviadas por Deus a diversas nações estrangeiras. Os capítulos finais descrevem a queda de Jerusalém e o exílio em Babilônia. Jeremias tornou-se muito impopular e foi acusado de traição, porque exortava o povo a render-se aos babilônios. Mas ele amava o seu povo e sofria por ser obrigado, pela sua dramática missão, a anunciar o juízo de Deus. Era muito inseguro de si, mas jamais traiu a mensagem que Deus lhe confiara. Embora seja lembrado pelo seu pessimismo, também teve palavras de esperança e prometeu que, depois do obscuro período do exílio, Deus reconduziria o seu povo de volta à pátria.

7.1.3 O Livro de Lamentações

O livro das Lamentações é uma coletânea de cinco poemas, que choram a queda de Jerusalém em 587 a.C. e o exílio. O templo tinha sido destruído e a nação via nisso um sinal de que Deus a tinha entregado aos inimigos. O profeta chora o pecado do seu povo. O livro é principalmente um lamento. Mas também contém promessa de esperança. A obra ainda continua sendo lida em voz alta nas sinagogas em julho de cada ano, quando os judeus recordam a destruição do templo em 587 a.C. e em 70 d.C.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

7.1.4 O Livro de Ezequiel

O profeta Ezequiel foi levado para o exílio em Babilônia no ano de 597 a.C. e ali viveu antes e depois da queda de Jerusalém em 587 a.C. Foi chamado para a missão de profetizar aos trinta anos de idade e dirigiu sua mensagem tanto aos exilados em Babilônia, quanto ao povo que ainda vivia na longínqua Jerusalém. Quando recebeu o chamado profético também teve uma vívida visão da santidade de Deus (caps. 1-3), que influenciou toda a sua vida. Os caps. 4-24 prevêem o juízo divino sobre Israel: Jerusalém será destruída. Ezequiel também anunciou o juízo de Deus contra as nações que ameaçavam o seu povo (caps. 25-32). Depois da queda de Jerusalém em 587 a.C. mudou o tom de sua mensagem (caps. 33-39), levou conforto ao povo e fez brilhar a promessa e a esperança para o futuro: Deus haveria de libertar Israel. Finalmente descreveu as visões que teve sobre o futuro, em que o povo ofereceria a Deus culto perfeito em templo novo (caps. 40-48). Ezequiel sublinhou a responsabilidade individual diante de Deus e a renovação do povo partindo do coração.

7.1.5 O Livro de Daniel

Daniel é apresentado como exilado de Judá que viveu na corte babilônica no tempo de Nabucodonosor e seus sucessores. Na verdade, parece mais homem de Estado que profeta. O livro que leva seu nome foi escrito no momento em que o povo judeu estava oprimido, talvez durante a perseguição Babilônica sob o domínio de Nabucodonosor. Os caps. 1-6 narram episódios da vida de Daniel e alguns amigos seus, exilados na época do império babilônico e persa. Porque confiaram em Deus e a ele obedeceram a qualquer preço, triunfaram dos seus inimigos. O restante do livro contém uma série de visões do profeta (caps. 7-12), que descrevem em termos figurativos o nascimento e a queda dos impérios. Os perseguidores pagãos cairão e o povo de Deus sairá vitorioso. A versão grega da Setenta e, consequentemente, a Bíblia católica, tem mais dois caps., 13-14, que, entre outras coisas, contam a história da casta Susana injustamente acusada, mas salva por Daniel.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

7.2 Os Livros dos Profetas Menores

7.2.1 O Livro de Oséias

Oséias viveu mais ou menos na época de Isaías, no século VIII a.C., no reino de Israel. Profetizou durante os tormentosos 40 anos que antecederam a queda de Samaria em 722 a.C.. Israel teve seis reis no espaço de vinte anos e freqüentemente contemporizou com as religiões pagãs. O profeta preocupou-se muito com a idolatria e pintou a infidelidade de Israel com imagens tiradas do seu próprio casamento com mulher infiel (caps. 1 - 3). O juízo de Deus virá, mas no fim o seu amor saberá reconquistar o povo. Os caps. 4 - 13 contêm as mensagens que dirigiu a Israel. Mostram como Deus estava irado, mas ao mesmo tempo não conseguia esquecer o seu amor ao povo. O capítulo final implora a Israel que volte a Deus.

7.2.2 O Livro de Joel

Não conhecemos nada sobre este profeta, nem sabemos em que tempo viveu. Talvez tenha vivido depois do exílio. Seu livro fala de exército de gafanhotos que devoram as colheitas e de seca desastrosa. Trata-se de imagens do iminente juízo de Deus sobre aqueles que lhe desobedecem, imagens do “dia do Senhor”. Joel convida o povo a voltar-se a Deus, que renovará todas as coisas e enviará o seu Espírito sobre todo o povo.

7.2.3 O Livro de Amós

Amós era originário de uma cidade de Judá, mas dirigiu sua mensagem ao reino do norte de Israel. Viveu no século VIII a.C., durante o reinado de Jeroboão II de Israel. Foi pastor e cultivador de uma espécie de figueiras. Naquela época Israel vivia em grande prosperidade e riqueza, o reino também parecia religioso. Mas Amós condenou a sua hipocrisia. Os pobres eram oprimidos e a religião era apenas fachada. Era necessário um homem corajoso para denunciar a nação em nome de



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Deus, e Amós desejou que a justiça “corresse como rio”. Em 722 a.C. os assírios destruíram Samaria e levaram o povo ao exílio. Os primeiros 6 caps. do livro de Amós contêm os juízos pronunciados por Deus sobre Israel e seus vizinhos. OS caps. 7-9 apresentam a descrição de cinco visões. O profeta Amós era pastor.

7.2.4 O Livro de Obadias

O livro de Obadias é o mais curto do Antigo Testamento e foi escrito depois da queda de Jerusalém em 587 a.C. Os edomitas, antigos inimigos de Judá que habitavam as montanhas a sudeste do mar Morto, aproveitaram a ocasião para invadir o país. Obadias condenou o orgulho de Edom e profetizou a sua derrota. No século V a.C. os árabes derrotaram os edomitas; no século III a.C. foi a vez de os nabateus os subjugarem; finalmente desapareceram da história. Por outro lado, Obadias profetiza o retorno de Israel à sua pátria.

7.2.5 O Livro de Jonas

Diversamente dos outros livros proféticos, o de Jonas tem a forma de uma história. Descreve as aventuras um tanto fabulosas, mas de cunho moral, de um profeta que tentou desobedecer às ordens de Deus. Jonas recebera de Deus a incumbência de ir a Nínive, capital da Assíria, e de converter o seu povo. Finalmente Jonas anunciou a mensagem e ficou desgostoso quando Deus perdoou a cidade, grande inimiga de Israel. O livro mostra o amor e a bondade de Deus, que prefere esquecer e salvar a punir e destruir.

7.2.6 O Livro de Miquéias

O profeta Miquéias foi mais ou menos contemporâneo de Isaías, Amós e Oséias no século VIII a.C., e dirigiu sua mensagem tanto a Judá como a Israel. À semelhança de Amós, Miquéias denunciou os governantes, os sacerdotes e os profetas porque exploravam os pobres e indefesos, defraudavam e desonravam a religião. O juízo de



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Deus viria sobre Samaria e Jerusalém. Mas também teve palavras de esperança, prometendo que Deus instauraria a paz universal e que da família de Davi surgiria um grande rei, portador da paz. Um dos versículos do seu livro resume grande parte da mensagem dos profetas: “O que Iahweh exige de ti: nada mais do que praticar o direito, gostar do amor e caminhar humildemente com o teu Deus!” (Mq 6.8).

7.2.7 O Livro de Naum

O livro de Naum consiste num poema. O profeta prediz que Nínive cairá e regozijase pelo juízo de Deus contra uma nação cruel e arrogante. De fato, Nínive caiu nas mãos dos babilônios e dos medos em 612 a.C. Provavelmente o livro foi escrito nessa época.

7.2.8 O Livro de Habacuque

Este livro é do fim do século VII a.C., quando Jeremias profetizava em Jerusalém. Era a época dos cruéis babilônios. O profeta pergunta a Deus: “Por que contemplas os traidores, silencias quando um ímpio devora alguém mais justo do que ele?” (Hb 1.13). Deus responde que intervirá no momento oportuno e punirá os malfeiteiros. O livro termina com a advertência e a oração do profeta justo, que se alegra sabendo que Deus tem o controle de tudo.

7.2.9 O Livro de Sofonias

Sofonias proclamou a mensagem de Deus a Judá durante o reinado de Josias (640-609 a.C.), no início da atividade de Jeremias. Manassés e Amon, os dois reis anteriores, tinham levado a religião e a moral da nação ao nível mais baixo já alcançado. Sofonias lembra a Judá o juízo que se aproxima por ter abandonado o Deus vivo, e prediz aos vizinhos de Israel a destruição que os espera. Mas ainda que Jerusalém caia, será reconstruída.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

7.2.10 O Livro de Ageu

Ageu, Zacarias e Malaquias, os três últimos livros do Antigo Testamento, são da época em que os judeus haviam voltado do exílio, sob a liderança de Esdras e Neemias. Após os primeiros esforços para reconstruir o templo destruído pelos babilônios em 587 a.C., haviam interrompido a obra. O livro de Ageu é coleção de breves mensagens “do Senhor” comunicadas por meio do profeta em 520 a.C. O profeta convida seus conterrâneos a estabelecerem as prioridades justas. É necessário concluir a reconstrução do templo. Deus concederá paz e prosperidade se o povo esquecer suas preocupações egoísticas e puser em primeiro lugar aquilo que deve ter primazia.

7.2.11 O Livro de Zacarias

O profeta Zacarias era de família sacerdotal e, como Ageu, esteve envolvido na reconstrução do templo, concluído em 516 a.C. Os caps. 1. - 8 do livro são profecias pronunciadas entre 520 e 518 a.C., apresentadas sob forma de visões referentes à restauração de Jerusalém, à reconstrução do templo, à purificação do povo de Deus e à promessa do futuro Messias. Os caps. 9 - 14 são uma coleção diferente de oráculos, talvez pronunciados por outro autor. Tratam da espera do Messias e do juízo final.

7.2.12 O Livro de Malaquias

Na época de Malaquias o templo tinha sido reconstruído, mas o povo continuava desiludido. O exílio havia acabado, mas os tempos continuavam duros, muita gente passava mal e se sentia abandonada por Deus. O profeta lembra-lhes o amor de Deus e convida os sacerdotes e o povo a respeitá-lo e a obedecer-lhe. O povo não dava a Deus o que lhe era devido no sacrifício, no culto e no comportamento.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

8 - EVANGELHOS E ATOS - ESTRUTURA E ENSAIO

8.1 Introdução ao Novo Testamento

O Novo Testamento têm 27 livros. Foi escrito em grego, não no grego clássico dos eruditos, mas no do povo comum, chamado Koiné. Seus 27 livros também estão classificados em 4 grupos, conforme o assunto a que pertencem: BIOGRAFIA. São os 4 Evangelhos; HISTORIA. É o livro de Atos dos Apóstolos. EPÍSTOLAS. São 21 as epístolas ou cartas. Vão de Romanos a Judas. 9 são dirigidas a igrejas (Romanos a 2 Tessalonicenses); 4 são dirigidas a indivíduos (1 Timóteo a Filemom); 1 é dirigida aos hebreus cristãos; 7 são dirigidas a todos os cristãos, indistintamente (Tiago a Judas); PROFECIA. É o livro de Apocalipse ou Revelação. Trata da volta pessoal do Senhor Jesus a Terra e das coisas que precederão esse glorioso evento.

8.2 Os Evangelhos (Biografia)

Os quatro Evangelhos compreendem cerca de 46 por cento no Novo Testamento. A igreja primitiva colocou os Evangelhos no início do Cânon do Novo Testamento, não por serem eles os primeiros livros escritos, mas por serem o fundamento sobre o qual Atos e as Epístolas são edificados. Os Evangelhos ao mesmo tempo se originam do Antigo Testamento e o cumprem, bem como fornecem um cenário histórico e teológico para o restante do Novo Testamento.

A palavra grega euaggelion se refere às “boas novas” ou “alegres novas” acerca de Jesus Cristo, que foi oralmente proclamado. Mais tarde veio a ser também sido escritos depois, a igreja primitiva considerou somente os quatro Evangelhos, da forma que os conhecemos, como dotados de autoridade e divinamente inspirados. Foram distinguidos uns dos outros pela preposição grega kata (“segundo”), acompanhada pelo nome do escritor. A presente ordem dos quatro Evangelhos remonta pelo menos ao final do segundo século, e cria-se ser esta a ordem em que eles foram escritos. Embora haja quem teorize que os Evangelhos foram



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

originalmente escritos em Aramaico, não há evidência real para tal posição. Os habitantes da Palestina eram primariamente bilíngües (aramaico e grego), e muitos eram trilíngües (hebraico ou latim). O grego, porém, era o idioma comum de todo o império, e por isso o mais adequado veículo para as narrativas evangélicas.

Os quatro relatos complementares fornecem um retrato composto da pessoa do Salvador, operando juntos para fornecer profundidade clareza à nossa compreensão da mais singular figura da história humana. Neles Jesus é visto como divino e humano, o Servo soberano, O Deus-homem.

8.2.1 O Livro do Evangelho de Mateus

O Evangelho de Mateus foi redigido principalmente para os judeus e anuncia a boa nova de que Jesus é o salvador prometido, o Messias ou Cristo tão longamente esperado pelos judeus. Com Jesus cumpriram-se todas as promessas feitas por Deus ao seu povo no Antigo Testamento. O evangelho não traz o nome do autor, mas desde os primeiros tempos se considerou que foi escrito por Mateus, o cobrador de impostos que se tornou um dos doze amigos íntimos de Jesus. Se não escreveu todo o evangelho, é pelo menos quase certamente o autor da coleção de discursos de Jesus incluída na obra. O evangelho de Mateus foi escrito entre 50 e 100 d.C. Grande parte do seu conteúdo é muito semelhante ao evangelho de Marcos. Mas apresenta com exclusividade dez parábolas, e certo número de episódios, bem como cinco grandes discursos. Começa com a genealogia e o nascimento de Jesus (caps. 1-2). A seguir descreve a obra de João Batista, o batismo de Jesus e o tempo de tentação passado por Jesus no deserto (caps. 3-4). Grande parte do evangelho é dedicada à pregação, aos ensinamentos e às curas operadas por Jesus na Galiléia. Mateus no-lo apresenta como grande mestre, que tem muitas coisas a dizer sobre o “reino” de Deus, sobre seu reino no mundo (caps. 4; 14-18). O ensinamento de Jesus divide-se em cinco grandes seções: Caps. 5-7: o sermão da montanha, que responde a muitas perguntas sobre o reino e constitui a base do ensinamento moral de Jesus. Cap. 10: instruções dadas por Jesus aos doze antes de enviá-los em missão. Cap. 13: parábolas sobre o reino. Cap. 18: Jesus explica o que significa segui-lo. Caps. 24-25: palavras de Jesus sobre a queda de Jerusalém, o fim desta era e o advento de nova era. Depois Mateus descreve a viagem de Jesus da Galiléia a Jerusalém (caps. 19-20), e os acontecimentos da última semana naquela cidade.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

(caps. 21-27). A narrativa da morte de Jesus na cruz é seguida pela da ressurreição, ou seja, como ele voltou à vida (cap. 28).

8.2.2 O Livro do Evangelho de Marcos

O Evangelho de Marcos, o segundo dos quatro evangelhos que contam a vida de Jesus, mas provavelmente o primeiro em ordem cronológica, é evangelho de ação, cheio de vida, que se concentra sobre o que Jesus fez e os lugares onde andou, e não tanto sobre o que ele disse e pensou. É o evangelho mais breve, composto de apenas dezesseis capítulos, e talvez também o mais antigo, provavelmente escrito entre 65-70 d.C. Os escritores dos primeiros séculos do cristianismo afirmam que é obra de João Marcos, com base no que ele ouvira do apóstolo Pedro. O nome de João Marcos ocorre freqüentemente nos Atos e nas cartas do Novo Testamento. Tomou parte da primeira viagem missionária de Paulo e mais tarde esteve com Pedro. Após curta introdução dedicada a João Batista, ao batismo e às tentações de Jesus, os primeiros nove caps. ocupam-se das curas e do ensinamento de Jesus na Galiléia. Marcos mostra como os discípulos começaram gradativamente a compreender melhor o Mestre, enquanto os seus inimigos se tornavam cada vez mais hostis. Os caps. 11-15 descrevem a última semana de Jesus em Jerusalém e são seguidos pela narrativa da sua ressurreição (cap. 16).

8.2.3 O Livro do Evangelho de Lucas

O evangelho de Lucas, a terceira das quatro narrativas da vida de Jesus, é o mais minucioso de todos. A história do crescimento e da difusão do cristianismo após o retorno de Jesus ao céu o mesmo autor a continua no livro dos Atos. Os dois livros foram dedicados a um funcionário romano de nome Teófilo. O autor do evangelho procurou informar-se bem sobre a história e os fatos, e expõe o que aconteceu na Palestina durante a vida de Jesus. A tradição afirma que toda a obra foi escrita por Lucas, o médico que acompanhou Paulo em algumas de suas viagens. Começa com a história do nascimento e da infância de João Batista e de Jesus (caps. 1-2), dando muitas informações que se encontram só neste evangelho. Os caps. 3 - 9 referem-se ao batismo e às tentações de Jesus, bem como à sua pregação e seus ensinamentos na Galiléia. A viagem de Jesus da Galiléia a Jerusalém ocupa 9.51-



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

19.46. Algumas parábolas de Jesus incluídas nesta parte são exclusivas de Lucas, como a do bom samaritano, a do filho pródigo e a do rico insensato. A última semana de Jesus em Jerusalém é narrada de 19.47 a 23.56. Finalmente, o cap. 24 conta como Jesus ressuscitou e voltou ao céu.

8.2.4 O Livro do Evangelho de João

O evangelho de João, a quarta história neotestamentária da vida de Jesus, difere bastante dos três anteriores. Provavelmente foi escrito por último, talvez em torno de 90 d.C. Preocupa-se mais com o sentido dos fatos que com os fatos em si, os quais presumivelmente já eram bem conhecidos na época. Começa apresentando Jesus como a “Palavra” de Deus, existente antes do tempo e, contudo nascida no tempo sob forma humana. O evangelho foi escrito “para crerdes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (Jo 20.31). O evangelho provavelmente contém as recordações de João, o irmão de Tiago e um dos doze amigos mais íntimos de Jesus. No texto João não é mencionado pelo nome e aparece só como “o discípulo que Jesus amava”. Não está excluído que tenha sido redigido por um secretário. Depois da introdução, que apresenta Jesus como a “Palavra” de Deus (Jo 1.1-18), o evangelho prossegue descrevendo certo número de milagres chamados “sinais” ou “obras” de Jesus, que mostram que ele é realmente o Salvador prometido (caps. 2-12). A história da sua pregação e dos seus ensinamentos é redigida de tal modo que cada milagre é seguido de explicação e discussão. João também descreve como alguns creram em Jesus e outros o rejeitaram. Não menciona nenhuma de suas parábolas. Os caps. 13-19 tratam dos últimos dias de Jesus com os discípulos em Jerusalém, transmitindo-nos as suas palavras de encorajamento e os seus ensinamentos dados às vésperas de sua morte na cruz. Os caps. 20-21 narram algumas aparições de Jesus aos discípulos depois da ressurreição. João vê nos milagres “sinais” que mostram quem era Jesus. Além disso, utiliza uma série de realidades comuns para indicar verdades ocultas sobre Jesus: água, pão, luz, pastor e videira. Neste evangelho aparecem as famosas afirmações “Eu sou...”, recordando a definição de Deus dada no livro do Êxodo (cap. 3): “Eu sou aquele que é”. João apresenta Jesus como o caminho, a verdade e a vida.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

8.2.5 O Livro dos Atos dos Apóstolos (*Histórico*)

O livro dos Atos continua a história iniciada no evangelho de Lucas, sendo obra do mesmo autor. Fala principalmente dos “atos” dos apóstolos Pedro e Paulo. Por causa da ênfase dada ao poder de Deus, às vezes é com razão chamado de “Atos do Espírito Santo”. Conta como os discípulos de Jesus difundiram a boa nova primeiramente em Jerusalém e depois nas regiões circunjacentes da Judéia e de Samaria, até “aos confins do mundo”. Cobre um período de cerca de trinta anos, desde o início da Igreja, no dia de Pentecostes, até a prisão de Paulo em Roma. Os Atos foram escritos entre 60 e 85 d.C. Os primeiros sete capítulos descrevem como o movimento cristão teve inicio na própria Jerusalém com a vinda, em poder, do Espírito Santo no dia de Pentecostes. O grupo cristão começou a cumprir a ordem de Jesus de ensinar e pregar. A Igreja crescia e se difundia. Esta parte também descreve como Estêvão, um dos primeiros cristãos, morreu pela sua fé. Os caps. 8-12 narram como o cristianismo, inicialmente devido à perseguição, propagou-se na Judéia (região em torno de Jerusalém) e na Samaria (onde pessoas pertencentes a uma nação inimiga e desprezada pelos judeus foram acolhidas com alegria na Igreja). A dramática conversão de Saulo (ou Paulo) na estrada de Damasco é seguida da narrativa de como Pedro entendeu que a mensagem cristã era destinada a todas as nações e não só aos judeus. A parte restante do livro trata das atividades missionárias de Paulo e das suas viagens pelo mundo mediterrâneo, dos seus processos e da sua prisão em Roma (caps. 13-28).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

9 - EPÍSTOLAS PAULINAS

Introdução



As Epístolas Paulinas foram os primeiros escritos do Novo Testamento. São 13 Epístolas na sua totalidade, de Romanos a Filemom. As mesmas foram escritas entre 52 e 67 d.C. Pela ordem cronológica, é consenso entre teólogos, que o primeiro livro do Novo Testamento é o de 1 Tessalonicenses, escrito por volta de 52 d.C.; 2 Timóteo foi escrita em torno de 67 d.C., pouco antes do martírio do apóstolo Paulo em Roma. Essas Epístolas foram também as primeiras aceitas como canônicas. Pedro chama os escritos de Paulo de "Escrituras" - título aplicado somente à Palavra inspirada de Deus! (2Pe 3.15,16). Paulo é um personagem tão importante no Novo Testamento e na história da igreja que tem sido chamado de o segundo fundador do cristianismo. É claro que isso não é a verdade, pois desconsidera a continuidade entre Jesus e Paulo e menospreza injustamente as contribuições de homens tais como Pedro, João e Lucas. Mas não há dúvida de que Paulo desempenhou um papel vital no crescimento e estabelecimento da igreja e na interpretação e aplicação da graça de Deus em Cristo.

Essas Epístolas constituem quase um quarto do Novo Testamento, colocando Paulo logo atrás de Lucas em porcentagem do Novo Testamento escrito por um único indivíduo. E, caso se acrescentem os 16 capítulos de Atos (13-28) que são quase inteiramente dedicados a Paulo, este aparece em quase um terço do Novo Testamento.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Quem foi esse homem chamado Paulo? O próprio Paulo apresenta um esboço rudimentar de sua origem e formação, mas em suas Epístolas, esses dados acham-se dispersos. Os detalhes históricos básicos estão convenientemente agrupados nos discursos que Paulo proferiu (relatados por Lucas) diante de uma multidão hostil de judeus nos degraus do templo (At 22.1-21), do rei Agripa II e do procurador Romano Festo (At 26.2-23).

9.1 A Epístola aos Romanos

Paulo escreveu esta carta aos cristãos de Roma em torno do ano 57 d.C., depois das chamadas três viagens missionárias principais. Ainda não tinha viajado a Roma, mas pretendia fazê-lo. Enviou assim a famosa epístola a fim de preparar a comunidade cristã da capital do mundo, comunidade da qual conhecia alguns membros (cf. cap. 16), para a sua visita. A carta expõe amplamente a concepção paulina da mensagem cristã, e foi redigida depois das cartas aos Tessalonicenses, aos Gálatas e aos Coríntios. Poderíamos defini-la como o manifesto de Paulo, pois nos dá a conhecer de maneira mais completa, clara e raciocinada, o seu modo de entender as verdades cristãs fundamentais. Começa saudando os cristãos de Roma e lhes anuncia aquilo que será a base da sua carta: "... porque nele a justiça de Deus se revela da fé para a fé, conforme está escrito: 'O justo viverá da fé'" (Rm 1.17). A seguir demonstra que todos, judeus e não-judeus, precisam de Deus por causa de seus pecados. Podemos ser justificados perante Deus pela fé em Jesus Cristo (caps. 3-4). O perdão gratuito e a nova vida dada por Deus mediante Cristo, a importância das leis divinas e da ação do Espírito divino na vida de todo cristão constituem o objeto dos caps. 5-8, enquanto os caps. 9-11 tratam da posição atual de Israel no plano de Deus. Paulo acha que os judeus não rejeitarão Jesus para sempre. Depois continua (caps. 12-15) com algumas francas exortações a propósito do comportamento dos cristãos: relações com as autoridades, deveres recíprocos e modo de viver num mundo não-cristão. Por fim esclarece algumas complicadas questões de consciência. A carta termina de maneira característica, com saudações pessoais a amigos e palavras de louvor a Deus (cap. 16).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

9.2 A Primeira Epístola aos Coríntios

Foi escrita por Paulo aos cristãos de Corinto, cidade grega fervilhante de gente das mais variadas nacionalidades e notória pelo seu comércio, sua cultura, suas muitas religiões e pela sua imoralidade. A Igreja de Corinto fora fundada pelo Apóstolo durante a sua permanência de dezoito meses na cidade, no decurso da segunda viagem missionária. Agora Paulo recebia más notícias e, quando alguns membros chegaram de Corinto para pedir-lhe conselhos, entregou-lhes esta carta importante, que trata das principais questões daquela comunidade eclesial: divisões (caps. 1-4), problemas morais e de vida familiar (caps. 5-7), inclusive um caso de incesto e de cristãos que intimavam a juízo outros cristãos perante tribunais pagãos. Paulo também resolveu um problema de consciência que preocupava os cristãos a respeito do alimento (caps. 8-10). A maior parte da carne vendida no comércio tinha sido oferecida antes aos ídolos. Era permitido comê-la? Os caps. 11-14 propõem princípios para culto ordenado na igreja, especialmente durante a ceia do Senhor. Tratam também dos dons especiais concedidos por Deus ao seu povo. A carta delineia um quadro claro, nem sempre edificante, do modo como os primeiros cristãos se reuniam e se comportavam. Explica também o sentido da ressurreição de Jesus e de todos aqueles que morrem confiando nele (cap. 15). No último capítulo o Apóstolo fala à igreja de Corinto sobre uma coleta que faz para os cristãos pobres da Judéia e termina com saudações pessoais. O capo 13 em louvor da caridade, o dom mais precioso concedido por Deus ao seu povo, é um dos textos paulinos mais famosos.

9.3 A Segunda Epístola aos Coríntios

Paulo ditou-a cerca de um ano depois da primeira (em torno de 56 d.C.), num momento em que as relações entre ele e a Igreja de Corinto tinham chegado a ponto crítico. Durante aquele ano alguns cristãos daquela comunidade tinham-no atacado duramente e, ao que parece, Paulo lhes fizera curta visita. A carta mostra o seu grande desejo de estar bem com esta igreja. Nos caps. 1-7 recorda a história das suas relações com a comunidade de Corinto, explica o sentido das palavras severas usadas anteriormente, manifesta sua gratidão pelas mudanças verificadas e se propõe fazer a terceira visita, mais tranqüila. A seguir pede aos destinatários que



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

demonstrem generosidade para com as necessidades dos cristãos da Judéia (caps. 8-9). Nos caps. finais (10-13) Paulo defende com ardor seu título de apóstolo. Numerosos cristãos da cidade tinham questionado o seu direito a este título. Esta carta, com suas efusões, às vezes tempestuosas, outras vezes idílicas, é das mais pessoais de Paulo. Nela deixa transparecer todo seu amor e preocupação pela Igreja e revela seus sofrimentos e sua fé inabalável.

9.4 A Epístola aos Gálatas

Esta carta representa um dos primeiros esboços do pensamento paulino, mais tarde desenvolvido na carta aos Romanos. Talvez seja de aproximadamente 57 d.C. (outros pensam que foi escrita cerca de dez anos antes). Foi enviada a um grupo de igrejas da província romana da Galácia (atual Turquia central), algumas das quais foram visitadas por Paulo. Ele havia-lhes ensinado que o dom divino da nova vida era destinado a todos que cressem e muitos ouvintes haviam correspondido. Mas depois vieram doutores judeus afirmando que os cristãos deviam observar as leis do Antigo Testamento. Por isto a carta responde a uma pergunta de vital importância: Os não-judeus devem obedecer à lei judaica de Moisés para serem verdadeiros cristãos? Paulo começa defendendo o seu direito de apóstolo, que fala com autoridade divina, investido de missão especial junto aos não-judeus (caps. 1-2). A seguir argumenta (caps. 3-4): Somos justificados unicamente pela fé em Cristo. A vida nova é dom de Deus para todos aqueles que crêem. Nada podemos fazer para ganhá-la por nós mesmos. Conclui mostrando que a conduta dos cristãos deriva do amor, que é fruto da fé em Cristo (caps. 5-6). A carta aos Gálatas é uma peroração sobre a liberdade cristã: “É para a liberdade que Cristo nos libertou. Permanecei firmes, portanto, e não vos deixeis prender de novo ao jugo da escravidão” (Gl 5.1).

9.5 A Epístola aos Efésios

Trata-se provavelmente de carta “circular” dirigida a um grupo de igrejas da região da atual Turquia ocidental. A igreja de Éfeso era a mais importante do grupo. À semelhança das cartas aos Filipenses, aos Colossenses e a Filemom, Paulo



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

escreveu-a da prisão, provavelmente em Roma, no início da década de 60 d.C. O grande tema é o plano de Deus de “reconciliar em Cristo todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra” (Ef 1.10). Começa com esta idéia da unidade (caps. 1-3). Deus Pai escolheu o seu povo. Jesus, o Filho, libertou-o dos pecados e destruiu as barreiras raciais, religiosas e culturais. O Espírito de Deus age na vida de todo cristão para levá-lo de vitória em vitória. A segunda parte da carta convida os fiéis a viver de modo tal que sua união em Cristo possa transparecer do seu amor recíproco. Devemos sair das trevas e caminhar na luz! Paulo usa uma série de imagens para ilustrar esta união em Cristo: o corpo, o edifício, as relações entre marido e mulher. Toda a vida e experiência humana são vistas na luz de Cristo, do seu amor, da sua morte na cruz, do seu perdão e da sua pureza. Paulo termina convidando os cristãos a vestirem a “armadura de Deus para que possam resistir no dia mau e sair firmes de todo o combate”.

9.6 A Epístola aos Filipenses

Paulo fundou a igreja grega de Filípos, a primeira igreja da Europa, em torno do ano 50 d.C. Escreveu esta carta da prisão, segundo alguns, de Roma, em torno de 61-63 d.C., segundo outros, de Éfeso, cerca de 54 d.C. Explica a sua situação aos filipenses e agradece-lhes pelos presentes enviados. Exorta-os a perseverarem na fé, a não serem orgulhosos e a seguirem o exemplo de Jesus, que “foi humilde e percorreu o caminho da obediência”. Descreve a alegria e a paz daqueles que confiam em Cristo. Embora estivesse preocupado com os falsos doutores que agiam na igreja de Filípos, transparece claramente o seu afeto por aqueles cristãos. Não obstante o fundo escuro da prisão, a carta está cheia de alegria, de confiança e de esperança cristã.

9.7 A Epístola aos Colossenses

Paulo ditou na prisão esta carta aos cristãos de Colosso, provavelmente em Roma, em torno do ano 61 d.C. ainda que não tivesse fundado esta igreja (região ocidental da Turquia), preocupava-se com ela, porque quem a iniciou foi um dos seus



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

convertidos, Epafras, e ainda porque em Roma encontrara um escravo fugitivo dessa cidade. Fora informado de que em Colossos agiam falsos doutores, os quais afirmavam que para conhecer a Deus era necessário adorar estranhos poderes espirituais e praticar determinados ritos. Esses homens introduziam idéias derivadas de outras filosofias e religiões. Por isso Paulo expõe a verdadeira mensagem cristã (Cl 1–2.19). Jesus, e só ele, pode salvar o homem e dar-lhe a verdadeira vida. Por meio de Jesus Cristo Deus criou o mundo. Prossegue explicando o que significa esta vida nova na prática (Cl 2.20–4.6). Ela influi sobre tudo o que fazemos e dizemos, sobre os sentimentos e sobre as relações domésticas, profissionais e eclesiais. A carta termina com notícias pessoais (Cl 4.7-18).

9.8 A Primeira Epístola aos Tessalonicenses

Tessalônica era a capital da província romana da Macedônia. Paulo fundara uma igreja aí durante a sua segunda viagem missionária. Depois de ter chegado a Corinto, soube através de Timóteo que os judeus continuavam a criar problemas por causa do grande interesse dos não-judeus pela mensagem de Paulo. Em resposta, Paulo escreveu esta carta. É uma das suas primeiras cartas que nos foi conservada, tendo sido escrita em torno do ano 50 d.C., apenas vinte anos depois da morte de Jesus. Paulo procura encorajar e tranquilizar os cristãos de Tessalônica. Agradece a Deus pelas boas notícias recebidas a respeito deles e lembra a sua visita (caps. 1-3). Exorta-os a viver de modo a agradecer a Deus (1Ts 4.1-12) e trata de alguns problemas sobre a esperada volta de Jesus (1Ts 4.13–5.11). Quando retomará? O que acontecerá aos cristãos antes da sua volta? Termina a carta com algumas instruções práticas, oração e saudações (1Ts 5.12-28).

9.9 A Segunda Epístola aos Tessalonicenses

Apesar da primeira carta de Paulo (1^a Carta aos Tessalonicenses, acima), os cristãos de Tessalônica continuavam confusos quanto à volta de Jesus. Alguns pensavam que o dia do seu retorno já tinha chegado. Nesta segunda carta, escrita poucos meses depois da primeira, Paulo lembra que a volta de Jesus será precedida



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

por um tempo de grande maldade (cap. 2). Termina exortando os cristãos a guardar a fé e a trabalhar (cap. 3).

9.10 A Primeira Epístola a Timóteo

Timóteo era um jovem cristão, filho de pai grego e mãe judia, originário de Listra, cidade da província da Galácia (região central da Turquia). Viajou com Paulo e ajudou nas suas viagens missionárias posteriores. Era tímido e não gozava de boa saúde, necessitando de ser encorajado e apoiado. Quando Paulo lhe escreveu, Timóteo cuidava da igreja de Éfeso. A carta dá muitos conselhos e orientações para a vida eclesial. Adverte contra falsas doutrinas, em particular contra uma mistura de idéias judaicas e gnósticas sobre a salvação e sobre a natureza do mundo físico. O destinatário recebe instruções sobre a organização e o governo da igreja (caps. 1-3) e a carta termina com recomendações mais pessoais a Timóteo sobre seu serviço na igreja (caps. 4-6).

9.11 A Segunda Epístola a Timóteo

Grande parte desta carta contém conselhos pessoais de Paulo a Timóteo. Exorta Timóteo a permanecer fiel à boa nova de Jesus Cristo e a perseverar na atividade de mestre e evangelizador, apesar da oposição e da perseguição. Acautela-o contra discussões inúteis e encoraja-o com o exemplo de sua própria fé, que continua firme depois de uma vida cheia de sofrimentos: “Terminei minha carreira, guardei a fé. Desde já me está reservada a coroa da justiça” (2Tm 4.7-8).

9.12 A Epístola a Tito

Tito era cristão grego, que ajudou Paulo no seu trabalho missionário. Paulo escreveu esta carta a Tito em Creta, onde este ajudava na supervisão da igreja. Esta comunidade tinha problemas semelhantes aos enfrentados por Timóteo em Éfeso:



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

doutrinas falsas e discussões inúteis. Paulo lembra ao discípulo que os chefes cristãos devem ter bom caráter (cap. 1). Explica os deveres que tem para com os diferentes grupos de cristãos (cap. 2) e termina com exortações e conselhos gerais sobre o comportamento dos cristãos.

9.13 A Epístola a Filemom

É carta particular de Paulo ao seu amigo Filemom, cristão convertido de Colossos (na Turquia ocidental). Filemom possuía um escravo de nome Onésimo que fugira. Onésimo encontrara Paulo na prisão e tornara-se cristão. Paulo escreve ao amigo para exortá-lo a perdoar ao fugitivo e acolhê-lo como irmão cristão. A carta provavelmente foi levada a Colossos pelo próprio Onésimo, juntamente com a carta dirigida à igreja local.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

10 - HEBREUS, EPÍSTOLAS GERAIS E APOCALIPSE

10.1 Epístola aos Hebreus

Na versão do Pe. Figueiredo é intitulada Epístola de S. Paulo. Na versão de Almeida, é anônima, porque nos manuscritos mais antigos seu autor não é mencionado. Figueiredo baseou-se no título da Epístola como se encontra na Vulgata, "Epístola Pauli ad Hebraeos". A Igreja Oriental aceitou, desde o princípio, a autoria paulina para esta Epístola. Só no 4º Século a Igreja Ocidental aceitou-a como obra de Paulo. Eusébio considerava Paulo seu autor. Tertuliano chamou-a Epístola de Barnabé. Clemente de Alexandria pensava que Paulo a escreveu em hebraico, e Lucas a traduziu para o grego (é escrita em excelente grego). Orígenes disse que os pensamentos dela eram os de Paulo, e considerava este seu provável autor, mas acrescentou, "Quem a escreveu, só Deus sabe com certeza". Lutero supunha fosse Apolo, não havendo para esta opinião nenhuma evidência antiga. Ramsay sugere o nome de Filipe. Harnack e Rendel Harris sugerem Prisca. Alguns a atribuem a Lucas, ou Silas, ou Clemente de Roma. Ferrar Fenton pensa que somente Paulo podia escrevê-la, e que o fez, originalmente, em hebraico, mandando algum dos seus auxiliares traduzi-la para o grego. Em geral, a opinião tradicional e multissecular, ainda hoje largamente admitida, é a favor de Paulo.

Evidentemente, foi escrita antes da destruição de Jerusalém, ocorrida em 70 d.C. Se Paulo a escreveu, parece provável que o fez de Roma, 62-64 d.C. O sentido natural, ainda que não necessário, da frase "os da Itália vos saúdam", 13.24, é que a carta foi escrita da Itália. Timóteo estava com o autor, 13.23. Fora com Paulo a Jerusalém, At 20.4, de onde o acompanhou a Roma, Cl 1.1. Acabara de ser solto, e Paulo planejava enviá-lo de volta ao oriente, Fp 2.19, 24, esperando que em breve ele também iria. E parece que ele e Timóteo tinham o plano de voltar a Jerusalém, 13.23, uma vez que os líderes, a quem a carta se dirige, eram amigos de Paulo, o que se poderia inferir de 13.19. Esta Carta pode ter sido escrita, mais ou menos, ao tempo da Epístola aos Filipenses.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

10.1.1 Epístolas Gerais

A Epístola de Tiago está em primeiro lugar no grupo de sete livros do Novo Testamento denominado as Epístolas Gerais ou Católicas. As igrejas evangélicas estiveram hesitantes, por razões óbvias, em usar o termo “católicas” na descrição destas sete cartas. O termo em si é uma transliteração do adjetivo grego *katolikós*, que significa “geral” ou “universal”. Dois adjetivos latinos (*generalis*, *universalis*) traduzem a palavra grega perfeitamente, mas a Vulgata transliterou o grego como *catholicas*. É da Vulgata que o título Epístolas Católicas tornou-se uso comum entre os tradutores e estudiosos.

O termo católicas foi pela primeira vez aplicado às sete cartas como um grupo por Eusébio (265-340 d.C.), embora escritores mais antigos tenham chamado as cartas individuais deste grupo de “gerais”. Um comentário anônimo do sétimo século sobre a Epístola de Tiago afirma que o termo foi usado porque estas cartas são encíclicas; ou seja, não são endereçadas a igrejas ou pessoas individuais, mas escritas coletivamente a todas as igrejas. Esta descrição geral vale para Tiago, 1 e 2 Pedro, 1 João e Judas. 2 e 3 João, contudo, são endereçadas a um grupo, ou pessoa, particular e, assim, não caem dentro da definição. Mas estas duas cartas foram consideradas como anexas a 1 João e foram agrupadas juntamente com ela.

A posição destas sete cartas, nas edições modernas do Novo Testamento, segue a ordem da Vulgata. Esta é a ordem geralmente adotada pela igreja ocidental (Evangelhos, Atos, Epístolas Paulinas, Epístolas Gerais, Apocalipse), que parece representar a primazia que a igreja ocidental deu a Paulo. Na igreja oriental, estas sete cartas seguiam-se a Atos. Como um grupo de oito (chamado *praksapóstoloi*), elas normalmente eram colocadas entre os Evangelhos e as cartas paulinas, mas às vezes depois de Paulo. Os dois grandes manuscritos unciais gregos do quarto século diferem neste ponto. O *Vaticanus* tem os Evangelhos, Atos, Epístolas Gerais e Epístolas Paulinas (faltam, neste manuscrito, Hebreus 9.14-13.25, as Pastorais, Filemom e Apocalipse). O *Sinaiticus* tem os Evangelhos, Epístolas Paulinas, Atos, Epístolas Gerais e Apocalipse.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

10.2 Epístola de Tiago

Tiago é dirigida “às doze tribos que se encontram na Dispersão” (Tg 1.1) e é claro nos vs. 1.19 e 2.1,7 que esta saudação se refere aos cristãos hebreus que estavam fora da Palestina. Seu lugar de reunião é chamado de “sinagoga” no texto grego de Tg 2.2, e toda a epístola reflete o pensamento e expressões judaicas (Tg 2.19, 21; 4.11-12; 5.4, 12). Não há referências à escravidão ou idolatria, e isso também se adapta a uma leitura originalmente judaica. É possível que os destinatários fossem os primeiros convertidos em Jerusalém, que, após a morte de Estêvão, foram dispersos pela perseguição (At 8.1) até a Fenícia, Chipre, Antioquia da Síria e além (At 11.19). Isso explicaria a ênfase inicial da carta quanto ao sofrer com alegria as provações que testam a fé e que demandam perseverança (Tg 1.2-12), o conhecimento pessoal que Tiago demonstra ter pelos crentes “dispersos”, e o tom de autoridade da carta. Como pastor da igreja de Jerusalém, Tiago escreve às suas ovelhas dispersas.

Segundo o historiador Flávio Josefo, Tiago foi martirizado em 62 d.C. (Hegesipo, citado em Eusébio, fixou a data da morte de Tiago em 66 d.C.). Aqueles que o aceitam como autor da epístola têm sugerido uma data para sua redação entre 45 d.C. e o final de sua vida. Entretanto, vários fatores indicam que essa epístola pode ter sido escrita (cerca de 46-49 d.C.).

10.3 Primeira Epístola de Pedro

A Igreja primitiva reconhecia universalmente a autenticidade e a autoria de 1 Pedro. As evidências internas apóiam esse consistente testemunho externo de várias maneiras. O nome do apóstolo Pedro é dado em 1Pe 1.1, e há semelhanças definitivas entre certas expressões nesta epístola e os sermões de Pedro, conforme registrados no Livro de Atos (1Pe 1.20 e At 2.23; 1Pe 4.5 e At 10.42). Duas vezes em Atos Pedro usou a palavra grega *xy/on*, “madeiro, árvore”, para falar sobre a cruz, e esse uso distinto é encontrado em 1 Pedro (cf. At 5.30; 10.39; 1Pe 2.24). A epístola contém um número de alusões aos acontecimentos da vida de Cristo que tiveram especial importância para Pedro (1Pe 2.23; 3.18; 4.1; 5.1; cf. 5.5 e Jo 13.4).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Entretanto, os críticos desde o século dezenove vêm desafiando a autenticidade de 1 Pedro por várias razões. Uns dizem que 1Pe 1.1-2 e 4.12-5.14 foram acréscimos feitos mais tarde que tomaram um pronunciamento anônimo ou um sermão batismal em uma epístola de Pedro. Outros argumentam que os sofrimentos experimentados pelos leitores desta epístola devem se referir à perseguição dos cristãos que ocorreu depois da época de Pedro, nos reinados dos imperadores Domiciano (81-96 d.C.) e Trajano (98-117 d.C.). Não há base para o primeiro argumento e o segundo argumento deduz falsamente que os cristãos não estavam sendo insultados por causa da sua fé durante a vida de Pedro. Um outro desafio afirma que a qualidade do grego desta epístola é muito elevada para um Galileu como Pedro. Mas os galileus eram bilíngües (aramaico e grego), e escritores como Mateus e Tiago eram muito capacitados no uso do grego. É também provável que Pedro tenha usado Silvano como escriba (1Pe 5.12; Paulo o chama de Silvano em 2Co 1.19; 1Ts 1.1; 2Ts 1.1; Lucas o chama de Silas em At 15.40-18.5), e Silvano pode ter atenuado o discurso de Pedro nesse processo.

Esta epístola foi dirigida aos cristãos da Ásia Menor, indicando que o evangelho se espalhou por regiões não-evangelizadas quando Atos foi escrito (Ponto, Capadócia, Bitínia; 1Pe 1.1). É possível que Pedro tenha visitado e ministrado em algumas dessas áreas, mas não há evidência. Ele escreveu esta epístola em resposta às notícias da crescente oposição aos crentes na Ásia Menor (1Pe 1.6; 3.13-17; 4.12-19; 5.9-10). A hostilidade e a suspeita aumentavam contra os cristãos no Império, e eles estavam sendo insultados e maltratados por causa de seu estilo de vida e conversa subversiva sobre outro Reino. O Cristianismo ainda não tinha recebido a interdição oficial romana, mas o palco estava sendo montado para a perseguição e martírio no futuro próximo.

A vida de Pedro foi mudada drasticamente após a ressurreição, e ele ocupava um papel central na Igreja primitiva e no anúncio do evangelho para os samaritanos e gentios (At 2-10). Após o Concílio de Jerusalém, registrado em At 15, bem pouco se diz em relação às atividades de Pedro. Ele, evidentemente, viajou extensivamente com sua esposa (1Co 9.5) e ministrou em várias províncias romanas. Segundo a tradição, Pedro foi crucificado de cabeça para baixo em Roma antes da morte de Nero, em 68 d.C. Esta epístola foi escrita em Babilônia (1Pe 5.13), mas os estudiosos estão divididos a respeito dessa parte se referir literalmente à Babilônia na Mesopotâmia ou simbolicamente a Roma. Não há tradição de que Pedro foi para



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

a Babilônia, e, na sua época, ela possuía poucos habitantes. Por outro lado, a tradição, consistentemente, indica que Pedro passou seus últimos anos de vida em Roma. Como um centro de idolatria, o termo “Babilônia” era uma designação figurada apropriada para Roma (o uso de Babilônia em Ap 17; 18).

10.4 Segunda Epístola de Pedro

Nenhum outro livro no Novo Testamento cria mais problemas de autenticidade do que 2 Pedro. Diferentemente de 1 Pedro, essa epístola possui um testemunho externo muito fraco, e a genuinidade é maculada por dificuldades internas também. Por causa desses obstáculos, muitos estudiosos rejeitam a autoria de Pedro para essa epístola, mas isso não significa que não haja evidência para a posição oposta.

O testemunho externo para a autoria de 2 Pedro é mais fraco do que qualquer outro livro do Novo Testamento, mas até o quarto século ela se tornou reconhecida como uma obra autêntica do apóstolo Pedro. Não há qualquer citação do segundo século, de 2 Pedro que seja incontestável, mas no terceiro século ela é citada em escritos de vários pais da Igreja, principalmente Orígenes e Clemente de Alexandria. Os escritores do terceiro século estavam freqüentemente conscientes a respeito de 2 Pedro e respeitavam seu conteúdo, mas ainda era catalogada como um livro contestável. O quarto século via o reconhecimento oficial da autoridade de 2 Pedro apesar de algumas dúvidas. Por várias razões, 2 Pedro não foi rapidamente aceita como um livro canônico. (1) A sua lenta circulação evitou que ela fosse mais conhecida. (2) Sua brevidade e conteúdo limitam grandemente o seu número de citações nos escritos dos líderes da Igreja primitiva. (3) O atraso no reconhecimento significou que 2 Pedro tinha de competir com outras obras escritas mais tarde que reivindicavam a autoria de Pedro (p. ex., o Apocalipse de Pedro). (4) Diferenças de estilo entre 1 e 2 Pedro também levantaram dúvidas.

Por outro lado, 2 Pedro traz testemunho abundante de sua origem apostólica. Ela reivindica ser “Simão Pedro” (1.1), e 3.1 diz. “Amados, esta é, agora, a segunda epístola que vos escrevo.” O autor se refere à profecia do Senhor sobre a morte do apóstolo em 1.14 (Jo 21.18-19) e diz que ele foi uma testemunha ocular da Transfiguração (1.16-18). Como um apóstolo (1.1), ele se coloca num nível de igualdade com Paulo (3.15). Há também palavras distintas que são encontradas em



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

2 Pedro e nos sermões de Pedro em Atos, assim como palavras incomuns, e expressões compartilhadas entre 1 a 2 Pedro.

No lado negativo, numerosas áreas problemáticas desafiam a posição tradicional. (1) Há diferenças entre o estilo e vocabulário de 1 e 2 Pedro. O grego de 2 Pedro é rude e deselegante, comparado com o de 1 Pedro, e há também diferenças na informalidade e no uso do Antigo Testamento. Mas essas diferenças são geralmente exageradas e podem ser explicadas. Pelo fato de Pedro ter usado Silvano como seu secretário para a 1 Pedro e suas próprias mãos na 2 Pedro. (2) Argumenta-se que a 2 Pedro usou uma passagem de Judas para descrever falsos mestres e que a Epístola de Judas foi escrita após a morte de Pedro. Entretanto, esta é uma questão discutível, e é possível que Judas tenha citado Pedro ou que ambos usaram uma fonte em comum. (3) A referência a uma coleção de epístolas de Paulo (3.15-16) implica numa data tardia para essa epístola. Mas não é necessário concluir que todas as epístolas de Paulo estivessem sendo consideradas aqui. O contato de Pedro com Paulo e seus associados, indubitavelmente, o fizeram conhecer várias epístolas paulinas. (4) Alguns estudiosos dizem que os falsos ensinamentos mencionados na 2 Pedro eram uma forma de gnosticismo que emergiu após a época de Pedro, mas há evidência insuficiente para apoiar essa posição. Uma alternativa para a autoria de Pedro é uma falsificação feita mais tarde em seu nome. Mesmo a sugestão de que a 2 Pedro tenha sido escrita por um dos discípulos de Pedro não pode superar o problema de deturpação. Além do mais, a 2 Pedro é claramente superior a qualquer escrito pseudônimo.

Apesar dos problemas internos e externos, a posição tradicional da autoria de Pedro supera mais dificuldades do que qualquer outra opção. Essa epístola foi escrita pouco antes da morte do apóstolo (1.14), provavelmente em Roma. Seu martírio aconteceu entre 64 e 66 d.C. (se Pedro estava vivo em 67 quando Paulo escreveu a Segunda Timóteo durante seu segundo cárcere romano, é improvável que Paulo o tivesse mencionado).

10.5 As Epístolas Joaninas

Cinco livros do Novo Testamento são atribuídos ao apóstolo João. O Evangelho de João, o Apocalipse e as três chamadas Epístolas de João. Estes cinco livros, conhecidos como a literatura joanina, contêm os três tipos de literatura encontrada



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

no Novo Testamento: histórica, epistolar e apocalíptica. As três Epístolas estão incluídas no grupo de escritos neotestamentários denominados Epístolas Gerais. Esta classificação pode ter sido útil para separar e identificar os vários livros do cânon, mas as três Epístolas, na realidade, não incidem na categoria de gerais ou universais (católicas). A primeira não tem a característica costumeira de uma carta (identificação introdutória do autor e receptores, encerramento com despedida) e a segunda e a terceira são breves, pessoais e dirigidas a leitores específicos. As três Epístolas são fortemente reminiscentes do Evangelho de João e, como este, nunca cessaram de fazer arder os corações dos cristãos com o tema central do amor. Como o quarto Evangelho, elas são de estrutura simples, mas de pensamento profundo. A teologia e o pensamento destas Epístolas tornam-nas importantes no estudo do Novo Testamento e mostram as ameaças de heresia e do abuso de autoridade, como o fazem poucos outros livros do Novo Testamento.

Que as três Epístolas provêm do mesmo autor é evidente, mediante uma leitura cuidadosa. As “irmãs gêmeas”, 2 e 3 João, com certeza têm o mesmo autor, que se denomina “o ancião” (2 João 1; 3 João 1). As comparações destas duas Epístolas mostram, tão conclusivamente quanto possível, com material tão sucinto, o mesmo autor (2 João 1; 2 João 1; 2 João 4; 3 João 3; 2 João 10,11; 3 João 5,6; 2 João 12; 3 João 13,14). A Terceira Epístola foi endereçada a um indivíduo, e isto pode explicar suas diferenças com a Segunda Epístola, que foi escrita a uma Senhora Eleita. As semelhanças entre as duas só podem ser explicadas como ambas sendo provenientes da mesma mão, precisamente porque o assunto e o número de leitores são tão diferentes. Quando estas duas cartas (e mais particularmente 2 João) são colocadas num estudo comparativo com a Primeira Carta, que é mais extensa, dificilmente se pode duvidar de que todas provieram do mesmo autor (1 João 1.4; 2 João 12; 1 João 1.6,7; 2.6,11; 2 João 4; 1 João 2.7; 2 João 5,6; 1 João 2.14, 24; 2 João 2; 1 João 2.18; 4.1-5; 2 João 7; 1 João 2.23; 2 João 9; 1 João 3.6,9; 2 João 11). Dos treze versículos de 2 João, pelo menos oito podem ser combinados com versículos de 1 João. É inescapável o fato de que todas as três Epístolas vieram da mesma mão.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

10.5.1 O tempo de 1 João

Em At 8.14, João é associado com “os apóstolos, que estavam em Jerusalém”, e Paulo o chama de “coluna” da Igreja de Jerusalém em Gl 2.9. Com exceção de Ap 1, o Novo Testamento silencia a respeito desses últimos anos, mas a tradição cristã primitiva, uniformemente, nos diz que ele saiu de Jerusalém (provavelmente não muito antes de sua destruição, em 70 d.C.) e que ministrou em Éfeso e, nas suas vizinhanças. As sete igrejas da província romana da Ásia, mencionadas em Ap 2-3, eram evidentemente uma parte desse ministério. Embora não haja um destinatário em 1 João, é provável que o apóstolo tenha dirigido sua epístola às igrejas asiáticas que estavam no âmbito de sua supervisão.

10.5.2 O tempo de 2 João

Julgando pelo conteúdo e circunstâncias de 2 João, ela era evidentemente contemporânea de 1 João ou foi escrita não muito tempo depois. Foi, provavelmente, escrita por volta do ano 90 d.C.

10.5.3 O tempo de 3 João

Os paralelos entre João 2 e 3 sugerem que essas epístolas foram escritas na mesma época (90 d.C.). Escritores cristãos primitivos são unânimes em seu testemunho de que o quartel general de João ao fim de seu ministério era em Éfeso, a principal cidade da província romana da Ásia. Evidentemente, João enviava um número de mestres viajantes para espalharem o evangelho e para solidificarem as igrejas asiáticas, e esses mestres eram apoiados por cristãos que os recebiam em seus lares.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

10.6 O Livro de Judas

Apesar do assunto e tamanho limitados, Judas foi aceita como autêntica e citada pelos pais da Igreja primitiva. Pode haver alusões mais antigas, mas referências irrefutáveis a essa epístola aparecem no final do segundo século. Ela foi incluída no Cânon Muratoriano (cerca de 170 d.C.) e aceita como parte das Escrituras pelos antigos líderes, tais como Tertuliano e Orígenes. Entretanto, dúvidas surgiram em relação ao lugar de Judas no Cânon, por causa de seu uso dos Apócrifos. Ela foi um livro contestado em algumas partes da Igreja, mas, finalmente, ganhou o reconhecimento universal.

10.6.1 O tempo de Judas

Por causa do silêncio do Novo Testamento e da tradição a respeito dos últimos dias de Judas, não podemos saber onde a epístola foi escrita. Nem há qualquer forma de saber a data exata: Partindo do princípio de que 2 Pedro veio primeiro. (64-66 d.C.), a época provável é 66-80 d.C. (O silêncio de Judas em relação à Jerusalém não prova que ele escreveu essa epístola antes de 70 d.C.).

10.7 O Livro do Apocalipse (Profecia)

O Apocalipse é o último livro do Novo Testamento e singular entre os demais. Ele é, ao mesmo tempo, uma revelação do futuro (1.1,19), uma profecia (1.3; 22.7, 10, 18, 19) e um conjunto de sete cartas (1.4,11; 2.1-3.22). (“Apocalipse” deriva da palavra grega apokalupsis, traduzida por “revelação” em 1.1). O livro é uma revelação divina quanto à natureza do seu conteúdo, uma profecia quanto à sua mensagem e uma epístola quanto aos seus destinatários.

Cinco fatos importantes no tocante ao contexto deste livro são revelados no capítulo 1.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

- 1) a “revelação de Jesus Cristo” (1.1).
- 2) Essa revelação foi comunicada ao autor, de modo sobrenatural, por Cristo glorificado, por anjos e visões que ele teve (1.1, 10-18).
- 3) A comunicação foi concedida ao servo de Deus, João (1.1, 4, 9; cf. 22.8).
- 4) João teve as visões e recebeu a mensagem apocalíptica quando exilado na ilha de Patmos (80 quilômetros a sudoeste de Éfeso), por causa da Palavra de Deus e do testemunho do próprio João (1.9).
- 5) Os destinatários iniciais foram sete igrejas da província da Ásia (1.4, 11).

As evidências históricas e internas do livro indicam o apóstolo João como o seu autor. Irineu verifica que Policarpo (Irineu conheceu a Policarpo, e este conheceu o apóstolo João) referiu-se a João, escrevendo o Apocalipse perto do fim do reinado de Domiciano, imperador romano (81-96 d.C.).

O livro retrata as circunstâncias históricas do reinado de Domiciano, o qual exigiu que todos os seus súditos lhe chamassem de “Senhor e Deus”. Sem dúvida, o decreto do imperador originou um confronto entre os que se dispunham a adorá-lo e os crentes fiéis que confessavam que somente Jesus era “Senhor e Deus”. Destarte, o livro foi escrito num período em que os crentes enfrentavam intensa perseguição por causa de seu testemunho. A tribulação aparece através do contexto do livro de Apocalipse (1.19; 2.10, 13; 7.14-17; 11.7; 12.11, 17; 17.6; 18.24; 19.2; 20.4).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

11 - O CÂNON BÍBLICO

11.1 O Cânon Bíblico do Antigo Testamento

A palavra "cânon" é de origem cristã e derivada do vocábulo grego "kanon" que por sua vez provavelmente veio emprestado do hebraico "kaneh", que significa "juncos" ou "vara de medir"; (Ez 40.5) daí tomou o sentido de norma ou regra. Mais tarde veio a significar regra de fé e, finalmente, catálogo ou lista (Gl 6.16)

A palavra cânon, usada para designar a coleção dos livros que integram as Sagradas Escrituras, não aparece até o século IV, com Atanásio. Dão-se à palavra dois usos distintos, mas de certo modo relacionados: "Em primeiro lugar, ela é usada para indicar uma coleção daqueles livros aos quais se tenha aplicado determinada prova e que foram reconhecidos como autênticos e 'canônicos'. Logo, aplica-se o termo a toda a coleção de escritos, posto que ela constitui o cânon ou 'regra de fé' mediante a qual toda doutrina deve ser provada" (HAMMOND, 1978, p. 36).

O cânon do Antigo Testamento ainda não havia sido fixado no tempo do Novo Testamento, mas quando os judeus da Palestina, em fins do século I, fixaram o cânon de suas Escrituras, este incluía todos os livros que atualmente temos em nossas versões. O uso que se fez desses livros nos tempos do Novo Testamento permaneceu testemunhado em cada página deste último livro; e uma rápida olhada nas referências de nossas Bíblias nos dará uma idéia de quanto profundo e sistemático foi esse uso. Mas essas Escrituras não eram suficientes "para o bem-estar da Igreja, para a pureza do evangelho e para a direção do crente; por isso, aprouve a Deus chamar à existência uma graphé cristã, o cânon do Novo Testamento que a Igreja acrescentou à graphé do Antigo Testamento" (RAMM, 1967, p. 177).

11.2 Divisões do Antigo Testamento

O próprio Senhor Jesus Cristo deu seu apoio de legitimidade a todo o Antigo Testamento; fez citações de cada uma de suas divisões; porém, nunca citou



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

qualquer outro livro, nem deu a entender que existam outros livros inspirados. Sabemos que existiam muitos outros livros escritos na língua hebraica, dos quais cerca de 15 ou mais são mencionados no Antigo Testamento mesmo (o livro dos Justos, em Js 10.13; 2Sm 1.18; o livro das Guerras do Senhor, em Nm 21.14).

Como foram escolhidos os 39 livros do meio de tantos outros? A verdadeira prova é sua inspiração. Se Deus falou pelo Espírito por intermédio de algum escritor humano, então o tal livro é inspirado e útil para os propósitos de Deus. Os livros que têm esse selo divino foram reconhecidos como divinos tanto pelo povo comum como pelos líderes e sacerdotes, e o tempo mostrou gradualmente que a seleção fora bem feita.

Tais livros foram escritos entre 2000 e 400 a.C. O livro de Jó, com muita probabilidade, data do tempo dos próprios patriarcas, e o livro de Malaquias foi escrito entre 425 a 400 a.C. Muitos outros escreveram depois de Malaquias, mas os judeus consideravam esses escritos tão somente como histórias humanas.

Entre os judeus, o Antigo Testamento tem três divisões, as quais Jesus citou em Lc 24.44 – Leis, Profetas, Escritos -, algumas traduções trazem Salmos por ser o primeiro livro dos Escritos. O cânon hebraico apresenta unificação de alguns livros: 1,2 Samuel; os dois dos Reis; os dois Crônicas; Esdras e Neemias; os doze profetas menores são um livro cada.

A ordem dos livros no cânon hebraico é também diferente da nossa. Há uma tríplice divisão como já mencionamos (Lei, Profetas e Escritos). Lei: Gênesis,Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Profetas: Primeiros Profetas - Josué, Juízes, Samuel e Reis; últimos Profetas - Isaías, Jeremias, os Doze. Escritos: Divididos em Livros Poéticos - Salmos, Provérbios e Jó; os Cinco Rolos - Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester. Livros Históricos: Daniel, Esdras, Neemias e Crônicas.

Os Cinco Rolos eram assim chamados porque eram rolos separados, lidos anualmente em festas distintas: Cantares, na Páscoa, em alusão ao Êxodo. Rute, no Pentecoste, na celebração da colheita, em seu início (Primícias). Ester, na festa do Purim, comemorando o livramento de Israel da mão do mau Hamã. Eclesiastes, na Festa dos Tabernáculos – festa de gratidão pela colheita. Lamentações, no mês de Abibe, relembrando a destruição de Jerusalém pelos babilônicos.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

No cânon hebraico os livros não estão em ordem cronológica. Os judeus não se preocupavam com um sistema cronológico.

Já a nossa divisão do Antigo Testamento em 39 livros vem da Septuaginta oriunda da Vulgata Latina. A Septuaginta foi à primeira tradução das Escrituras, feita do hebraico para o grego, cerca de 290 a.C. Nela a ordem dos livros está por assunto: Pentateuco, Históricos, Poéticos e Proféticos.

11.3 A Formação e Desenvolvimento do Cânon do Antigo Testamento

O Cânon do Antigo Testamento foi formado num espaço de um pouco mais de mil anos e corresponde o período de Moisés a Esdras. Moisés escreveu as primeiras palavras do Pentateuco por volta de 1491 a.C. Esdras entrou em cena em 445 a.C. Esdras não foi o último escritor na formação do cânon do Antigo Testamento. Os últimos escritores foram Neemias e Malaquias, no entanto, de acordo com os escritos históricos, foi Esdras que, na qualidade de escriba e sacerdote, reuniu os rolos canônicos, ficando também o cânon encerrado em seu tempo (GILBERTO, 1986, p. 52).

A doutrina da inspiração da Bíblia foi completamente desenvolvida apenas nas páginas do Novo Testamento. Mas, muito antes disso, já encontramos na história de Israel certos escritos reconhecidos como autoridade divina e como regra escrita de fé e conduta para o povo de Deus. Identificamos isso na resposta do povo, quando Moisés leu para eles o livro do concerto (Êx 24.7), ou quando o Livro da Lei, achado por Hilquias, foi lido primeiro para o rei e depois para a congregação (2Rs 22-23; 2Cr 34), ou ainda quando Esdras leu o Livro da Lei para o povo (Ne 8.9, 14-17; 10.28-39; 13.1-3). O Pentateuco é tratado com a mesma reverência em Josué 1.7, 8, 8.31 e 23.6-8; 1 Reis 2.3, 2 Reis 14.6 e 17.37, Oséias 8.12, Daniel 9.11,13, Esdras 3.2, 4, 1 Crônicas 16.40, 2 Crônicas 17.9, 23.18, 30.5,18, 31.3 e 35.26. Apresenta-se basicamente como obra de Moisés, um dos primeiros e certamente o maior profeta do Antigo Testamento (Nm 12.6-8; Dt 34.10-12). Deus comumente falava por Moisés de viva voz, como também fez mais tarde com os profetas, mas a atividade de Moisés como escritor também é mencionada muitas vezes (Êx 17.14; 24.4, 7; 34.27; Nm 33.2; Dt 28.58, 61; 29.20-27; 30.10; 31.9-13, 19, 22, 24-26).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

A razão de Moisés e os profetas registrarem por escrito a mensagem de Deus, não se contentando apenas em entregá-la oralmente, era que às vezes a enviavam a outros lugares (Jr 29.1; 36.1-8; 51.60, 61; 2Cr 21.12). Mas, na maioria das vezes, era para preservá-la para o futuro, como um memorial (Êx 17.14) ou uma testemunha (Dt 31.24-26), a fim de que ficasse escrita para o tempo vindouro (Is 30.8). Portanto a forma permanente e durável da mensagem de Deus não era sua forma falada, mas sua forma escrita, e isso explica o surgimento do cânon do Antigo Testamento.

Vemos conforme o caso do livro do concerto, cuja alusão reporta-se a Êxodo 24.7, que foi possível um documento pequeno, como Êxodo 20-23, tornar-se canônico antes que toda a obra estivesse concluída. Deuterônomo também já era considerado canônico mesmo no tempo em que Moisés vivia (Dt 31.24-26), pois foi colocado ao lado da arca do concerto. Contudo, a parte final de Deuterônomo foi escrita depois da morte de Moisés. Notamos também numerosas referências ao Pentateuco (no todo ou em parte) como canônico, em outros livros do Antigo Testamento, que continuaram a ocorrer na literatura existente entre os dois Testamentos. Sem dúvida, a causa disto, deve-se à sua importância fundamental. Entretanto, outra possível razão para tantas referências ao Pentateuco, é o fato de ter sido a primeira seção do Antigo Testamento a ser escrita e reconhecida como canônica.

Ninguém duvida que, pela época de Esdras e Neemias (século V a.C.), o Pentateuco já estava completo, como também já era canônico, sendo há muito considerado como tal. Foi traduzido para o grego no século III a.C., tornando-se desse modo na primeira porção da Septuaginta. Desde meados do século II a.C., temos evidências que comprovam que todos os cinco livros, já eram atribuídos a Moisés.

11.3.1 O Desenvolvimento da Segunda e Terceira Seções do Cânon - Profetas e Escritos

O restante da Bíblia hebraica tem uma estrutura diferente em relação à Bíblia em português. Está dividida em duas seções: os Profetas e os Hagiógrafos (gr. escritos sagrados). Os Profetas abrangem oito livros: os livros históricos de Josué, Juízes, Samuel e Reis (encontram-se nesta divisão porque segundo uma antiga tradição foram escritos por alguns profetas), os livros proféticos de Jeremias, Ezequiel, Isaías e os Doze (os Profetas Menores). Os Hagiógrafos compreendem 11 livros: os livros



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

líricos e sapienciais de Salmos, Jó, Provérbios, Eclesiastes, Cantares de Salomão e Lamentações de Jeremias, e os livros históricos de Daniel, Ester, Esdras-Neemias e Crônicas. Esta é a ordem tradicional, segundo a qual o remanescente livro hagiógrafo, Rute, vem antes de Salmos, visto que termina com a genealogia do salmista Davi. Na Idade Média, esse livro foi colocado em uma posição mais adiante, ao lado de outros quatro livros de brevidade similar (Cantares de Salomão, Eclesiastes, Lamentações de Jeremias e Ester). É digno de nota que na tradição judaica Samuel, Reis, os Profetas Menores, Esdras-Neemias e Crônicas sejam computados cada um como um único livro. Isso pode ser uma indicação da capacidade média de um rolo de pergaminho hebraico no período em que os livros canônicos foram pela primeira vez alistados e contados.

O agrupamento dos livros não é arbitrário, mas segue o padrão das características literárias. Metade do livro de Daniel compõe-se de narrativa, e nos Hagiógrafos (segundo a ordem tradicional) é colocado junto com as histórias. Visto que há histórias na Lei (cobrindo o período da criação até Moisés) e nos Profetas (abrangendo o período de Josué até o fim da monarquia), então por que também não poderia haver histórias nos Hagiógrafos, que tratam do terceiro período, da ida e volta do exílio babilônico? Crônicas é posto por último entre as histórias, como um sumário de toda a narrativa bíblica, de Adão até a volta do exílio. É evidente que quando Crônicas foi escrito, o cânon dos Profetas não estava completamente concluído, pois as fontes citadas ali não são de Samuel e Reis, mas provêm de histórias proféticas mais completas, as quais também parecem ter servido de fontes para Samuel e Reis. Os elementos mais antigos nos Profetas, incluídos em livros como Josué e Samuel, são certamente antiqüíssimos, como também são os elementos mais antigos nos Hagiógrafos, inseridos em livros como Salmos, Provérbios e Crônicas. Tais elementos podem ter sido reconhecidos como canônicos antes mesmo do complemento da primeira seção do cânon. Os últimos elementos dos Hagiógrafos, como Daniel, Ester e Esdras-Neemias, pertencem ao final da história do Antigo Testamento.

11.3.2 A Conclusão da Segunda e Terceira Seções do Cânon

A data em que os Profetas e os Hagiógrafos foram organizados em seções distintas foi provavelmente 165 a.C. A tradição de 2 Macabeus, fala sobre uma grande crise



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

na história do cânon: Da mesma forma, também Judas [Macabeu] recolheu todos os livros que tinham sido dispersos por causa da guerra que nos foi feita, e eles estão em nossas mãos (2 Macabeus 2.14). A "guerra" mencionada aqui é a dos macabeus pela libertação do perseguidor sírio Antíoco Epifânio. A hostilidade de Antíoco contra as Escrituras está registrada em 1 Macabeus 1.56, 57, e é bem provável que, finda a perseguição, Judas tenha precisado reunir cópias delas. Judas sabia que fazia longo tempo que o dom profético havia cessado (1 Macabeus 9.27), assim é verossímil supor que, ao reunir as Escrituras que haviam sido dispersas, ele organizou e relacionou a coleção completa na ordem tradicional. Visto que os livros ainda se apresentavam em rolos separados, os quais tinham de ser "recolhidos", o que Judas produziu não foi um volume, mas uma coleção e uma lista de livros na coleção, dividida em três.

Ao preparar a lista, Judas provavelmente definiu não apenas a divisão estável entre Profetas e Escritos, mas também a ordem tradicional dos livros e o número tradicional de livros dentro de cada divisão. Uma lista de livros precisa ter uma ordem e um número. A ordem tradicional dos livros traz Crônicas como o último dos Hagiógrafos. Essa posição para Crônicas pode ser remontada ao século I d.C., visto estar refletida nos ditos de Jesus em Mateus 23.35 e Lucas 11.51, onde a frase "desde o sangue de Abel até ao sangue de Zacarias" provavelmente significa todos os profetas martirizados do início ao fim do cânon, de Gênesis 4.3-15 a 2 Crônicas 24.19-22.

11.3.3 Do Cânon Judaico ao Cristão

No Novo Testamento, encontramos Jesus reconhecendo as Escrituras judaicas pelos seus diversos títulos conhecidos e aceitando as três seções do cânon judaico e a ordem tradicional de seus livros. Descobrimos também que para a maioria dos livros é individualmente imputada autoridade divina - mas não para qualquer um dos livros apócrifos. A única exceção evidente encontra-se em Judas 9 (que cita a obra apócrifa a Assunção de Moisés) e 14 (que cita o Livro de Enoque). As citações que Judas faz dessas obras não significa que elas serem divinamente inspiradas, assim como a citação de Paulo de diversos poetas gregos (vide At 17.28; 1Co 15.33; Tt 1.12) não atribui inspiração divina à poesia deles. O que evidentemente aconteceu nos primeiros séculos do Cristianismo foi isto: Jesus passou para seus seguidores, como Escrituras Sagradas, a Bíblia que Ele havia recebido, contendo os mesmos livros da Bíblia hebraica dos dias atuais. Os primeiros cristãos



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

compartilharam com seus contemporâneos judeus um conhecimento completo da identidade dos livros canônicos. Entretanto, a Bíblia ainda não estava entre duas capas: era uma lista memorizada de rolos. A ruptura com a tradição oral judaica (em alguns casos, uma ruptura muito necessária), a alienação entre judeus e cristãos e a ignorância geral das línguas semíticas nas igrejas fora da Palestina e da Síria fizeram com que surgisse dúvida no que dizia respeito ao cânon entre os cristãos, o que foi acentuado pelo preparo de novas listas de livros bíblicos, organizadas de acordo com outros princípios, e pela introdução de novos lecionários. Essa dúvida acerca do cânon somente pode ser resolvida como na reforma por um retorno aos ensinamentos do Novo Testamento e ao pano de fundo judaico, sobre o qual tais ensinamentos devem ser compreendidos.

11.3.4 Data do Reconhecimento e Fixação do Cânon do Antigo Testamento

Em 90 d.C. Em Jâmnia, perto da moderna Jope, em Israel, os rabinos, num concílio sob a presidência de Johanan Ben Zakai, reconheceram e fixaram o cânon do Antigo Testamento. Houve muitos debates acerca da aprovação de certos livros, especialmente dos "Escritos". Note-se, porém que o trabalho desse concílio foi apenas ratificar aquilo que já era aceito por todos os judeus através de séculos.

11.4 O Cânon do Novo Testamento

Há consenso entre teólogos que o Novo Testamento foi escrito dentro de um período de cinqüenta anos, vários séculos depois que o Antigo Testamento foi completado. Em relação ao tempo, o Antigo Testamento está tão distante de nós que sua formação como corpo escriturístico poderia ser considerado longínquo demais para a atestação de seu conteúdo. Tal não é o caso. Em certo sentido, temos atestações muito maiores para o cânon do Antigo Testamento do que para o cânon do Novo Testamento. Referimo-nos ao fato do próprio imprimátur (do lat. *imprimatur*, 'imprima-se') de nosso Senhor Jesus Cristo, pela maneira como fez uso das Escrituras hebraicas como a Palavra autoritária de Deus.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Não obstante, há um sentido no qual Jesus Cristo realmente oficializou o conteúdo ou cânon do Novo Testamento: pela via da antecipação. Foi Ele quem nos fez essas promessas: o “Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito e ele vos guiará em toda a verdade” (Jo 14.26; 16.13).

A partir disto podemos inferir, ao mesmo tempo, o princípio básico da canonicidade para o Novo Testamento. É idêntico ao do Antigo Testamento, visto que se restringe à questão da inspiração divina. Quer pensemos nos profetas dos tempos do Antigo Testamento ou nos apóstolos e seus companheiros dados por Deus nos dias do Novo Testamento, o reconhecimento na própria época de seus escritos de que eram autênticos porta-vozes de Deus é o que determina a canonicidade intrínseca de seus registros. Podemos estar certos de que os livros em questão foram recebidos pela Igreja dos tempos apostólicos, precisamente no momento em que foram atestados por um apóstolo como sendo dessa maneira inspirados. A variação evidente relativa à área geográfica, no reconhecimento de algumas das epístolas do Novo Testamento, pode muito bem ser o reflexo do simples fato de que, em princípio, essa atestação era por sua própria natureza localizada. De maneira inversa, o fato de cada um dos 27 livros do Novo Testamento hoje universalmente aceitos ter recebido aprovação definitiva é prova de que a atestação apropriada era dada somente depois de rigorosa investigação.

Tertuliano, notável escritor cristão das primeiras duas décadas do século III, foi um dos primeiros a chamar as Escrituras cristãs de "Novo Testamento". Esse título havia aparecido antes (c. 190) em uma composição feita contra o montanismo, de autor desconhecido. Esse fato é significativo. Seu uso colocou as Escrituras do Novo Testamento em um nível de inspiração e autoridade igual ao do Antigo Testamento.

O processo gradual que conduziu ao completo e formal reconhecimento público de um cânon estabelecido em 27 livros, formando o Novo Testamento, leva-nos ao século IV de nossa era. Isso não significa necessariamente que antes desse período estivesse faltando reconhecimento para a integridade destas Escrituras, mas que a necessidade de uma definição oficial do cânon não foi premente até então.

Em relação ao Antigo Testamento um período de tempo muito mais curto esteja envolvido nos escritos do Novo Testamento, o alcance geográfico de sua origem é muito mais amplo. Essa circunstância já é suficiente para justificar a falta de reconhecimento espontâneo ou simultâneo da extensão precisa do cânon do Novo Testamento. Por causa do isolamento geográfico dos vários destinatários das



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

porções do Novo Testamento, houve espaço para algum atraso e incerteza de uma região para outra no reconhecimento de alguns dos livros.

O princípio que determina o reconhecimento da autoridade dos escritos canônicos do Novo Testamento foi estabelecido dentro do próprio conteúdo desses escritos. Há repetidas exortações para a leitura pública das mensagens apostólicas. No fim da Primeira Epístola aos Tessalonicenses, possivelmente o primeiro livro do Novo Testamento a ser escrito, Paulo diz: "Pelo Senhor vos conjuro que esta epístola seja lida a todos os santos irmãos" (1Ts 5.27). Três capítulos antes, na mesma epístola, Paulo os recomenda a aceitarem suas palavras faladas como "palavra de Deus" (1Ts 2.13) e, em 1 Coríntios 14.37, o apóstolo fala de modo semelhante acerca de seus "escritos" (COMFORT, 1998, p. 97).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

12 - APÓCRIFOS, PSEUDOPÍGRAFOS E PERGAMINHOS



Imagens meramente ilustrativas.

12.1 Escritos Apócrifos

Nas Bíblias de edição da Igreja Católica Romana, o total de livros é de 73, porque essa igreja, desde o Concílio de Trento, em 1546, incluiu no cânon do Antigo Testamento 7 livros apócrifos, além de 4 acréscimos ou apêndices a livros canônicos, acrescentando, assim, ao todo, 11 escritos apócrifos.

A palavra *apócrifo* significa literalmente, *escondido, oculto*, isto em referência a livros que tratavam de coisas secretas, misteriosas, ocultas. No sentido religioso, o termo significa "não genuíno", "espúrio", desde sua aplicação por Jerônimo. Os apócrifos foram escritos entre Malaquias e Mateus, ou seja, entre o Antigo e o Novo Testamento, numa época em que cessara por completo a revelação divina; isto basta para tirar-lhes qualquer pretensão de canonicidade. O Historiador Flávio Josefo rejeitou-os totalmente. Nunca foram reconhecidos pelos judeus como parte do cânon hebraico. Jamais foram citados por Jesus nem foram reconhecidos pela igreja primitiva.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Jerônimo, Agostinho, Atanásio, Júlio Africano e outros homens de valor dos primitivos cristãos, opuseram-se a eles na qualidade de livros inspirados. Apareceram pela primeira vez na Septuaginta - tradução do Antigo Testamento feita do hebraico para o grego. Quando a Bíblia foi traduzida para o latim, em 170 d.C., seu Antigo Testamento foi traduzido do grego da Septuaginta e não do hebraico.

Quando Jerônimo traduziu a Vulgata, no início do Século V (405 d.C.), incluiu os apócrifos oriundos da Septuaginta, através da Antiga Versão Latina, de 170 d.C., porque isso lhe foi ordenado, mas recomendou que esses livros não poderiam servir como base doutrinária.

12.1.1 Livros Apócrifos do Antigo Testamento

Os 7 livros apócrifos constantes das Bíblias de edição católico-romana são: TOBIAS (Após o livro canônico de Esdras), JUDITE (após o livro de Tobias) SABEDORIA DE SALOMÃO (após o livro canônico de Cantares), ECLESIÁSTICO (após o livro de Sabedoria), BARUQUE (após o livro canônico de Jeremias), 1 MACABEUS, 2 MACABEUS (ambos, após o livro canônico de Malaquias). Os 4 acréscimos ou apêndices são: ESTER (a Ester, 10.4 -16.24), CÂNTICO DOS TRÊS SANTOS FILHOS (a Daniel, 3.24-90), HISTÓRIA DE SUZANA (Daniel, cap.13), BEL E O DRAGÃO (a Daniel, capo 14). Os livros rejeitados são: 3 ESDRAS, 4 ESDRAS, A ORAÇÃO DE MANASSÉS. A Igreja Católica Romana aprovou os apócrifos em 18 de abril de 1546, para combater o movimento da Reforma Protestante, então recente. Nessa época, os protestantes combatiam violentamente as novas doutrinas romanistas: a doutrina do Purgatório, a doutrina da oração pelos mortos, a doutrina da salvação mediante obras etc. A Igreja Católica Romana via nos apócrifos base para essas doutrinas, e, apelou para eles, aprovando-os como canônicos.

12.1.2 Razões da Rejeição dos Livros Apócrifos

A razão porque 66 livros da Bíblia se harmonizam entre si é que a mesma mente divina inspirou a cada escritor. Se, por exemplo, João tivesse escrito algo que não concordasse com as obras de Moisés, seríamos obrigados a rejeitar seu Evangelho,



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

as Epístolas e o livro do Apocalipse. Os primeiros livros constituem o critério para todos os outros chamados inspirados. Se as doutrinas dos livros apócrifos não concordam em cada ocasião com aquilo que Moisés escreveu, não devem achar-se no Cânon da Palavra Inspirada. Os livros apócrifos ensinam doutrinas que são contrárias ao que Moisés e outros profetas escreveram. Por essa razão não foram colocados entre os outros livros do Velho Testamento, nos dias de Esdras. Nem Cristo nem os apóstolos citaram os livros apócrifos. S. Jerônimo os rejeitou da Bíblia Latina, por não estarem escritos em hebraico.

12.1.2.1 Ensino da Arte Mágica

Tobias 6.5-8. "Então, o anjo lhe disse: toma as entranhas deste peixe e guarde para ti seu coração, o fel e seu fígado. Pois são necessários para medicinas úteis [...] Logo, Tobias perguntou ao anjo e lhe disse: Eu te rogo, irmão Azarias, para quais remédios são boas essas coisas, que tu pediste separar do peixe. E o anjo, respondendo, lhe disse: Se puseres um pedacinho do seu coração sobre as brasas, seu fumo há de espantar toda a espécie de demônios, seja de um homem ou de uma mulher, de modo que não possam mais voltar a eles."

12.1.2.2 Dar Esmolas Purifica do Pecado

Tobias 12.8,9. "A oração é boa como o jejum e esmolas; é melhor do que guardar tesouros de ouro, pois, esmolas livram da morte, e é o mesmo que espia os pecados e conduz à misericórdia e vida eterna". Se ofertas caridosas pudesse expiar os nossos pecados, não teríamos necessidade do sangue de Jesus Cristo.

12.11.2.3 Pecados Perdoados pela Oração

Eclesiástico 3.4. "Quem amar a Deus, receberá perdão de Seus pecados pela oração". Os pecados não se perdoam pela oração. Se fosse assim, não teríamos



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

necessidade de Jesus. Todos os povos pagãos fazem orações, mas os pecados não se perdoam somente pela oração. Pv 28.1; 1Jo 1.9. Só Cristo, nosso Advogado, pode perdoar o pecado.

12.1.2.4 Orações pelos Mortos

2 Macabeus 12.42-46, "E, fazendo uma arrecadação, mandou doze mil dracmas de prata a Jerusalém para ser oferecido um sacrifício pelos pecados dos mortos, e fez bem em pensar religiosamente na ressurreição, (pois, se não tivesse esperança que os que haviam sido mortos ressuscitassem novamente, haveria de ser supérfluo e em vão orar pelos mortos). E considerava que, os que haviam adormecido no temor de Deus, alcançaram para si muita graça." A Igreja Católica afirma que estes versículos lhe autorizam a doutrina do purgatório. Orações e missas pelos mortos são aceitas e o devoto católico crê nelas. Excede a imaginação a quantidade de dinheiro que aflui todos os anos aos cofres da igreja pelas missas em favor dos mortos.

12.1.2.5 O Ensino do Purgatório

Sabedoria 3.1-4. "Mas, as almas dos justos estão na mão de Deus; e o tormento da morte não as tocará. Aos olhos dos ignorantes pareciam eles morrer e sua partida foi considerada desgraça. E, sua separação de nós, por uma extrema perda. Mas, eles estão em paz. E, embora aos olhos dos homens sofram tormentos, sua esperança está plenamente na imortalidade." A Igreja Católica baseia a sua crença da doutrina do purgatório nestes versículos citados: "Embora aos olhos dos homens sofram tormentos, sua esperança está plenamente na imortalidade". "Os tormentos" nos quais se acham os "justos", diz a Igreja, referem-se ao fogo do purgatório, onde os pecados estão sendo expiados. "Sua esperança está plenamente na imortalidade", pois a igreja interpreta isso, declarando que após suficiente tempo de sofrimento no meio do fogo, poderão passar para o céu. 1Jo 1.7. Esse ensino aniquila completamente a expiação de Cristo. Se o pecado pudesse ser extinto pelo fogo, não teríamos necessidade do nosso Salvador.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

12.1.2.6 O Anjo Relata uma Falsidade

Tobias 5.15-19. "O anjo disse-lhe (a Tobias): Guiá-lo-ei para lá (o filho de Tobias) e o farei voltar a ti. E Tobias lhe disse (ao anjo): Eu te rogo, dize-me, de que família ou de que tribo és tu? E Rafael, o anjo, respondeu: [...] Eu sou Azarias, o filho do grande Ananias. Respondeu-lhe Tobias: Tu és de uma grande família". Se um anjo de Deus mentisse acerca de sua identidade, tornar-se-ia culpado de violação do nono mandamento. Lc 1.19. Confrontando esta declaração com o que está registrado no livro de Tobias, compreenderemos logo porque Cristo nunca Se referiu aos livros apócrifos.

12.1.2.7 Uma Mulher Jejuando Toda Sua Vida

Judith 8.5,6. "E ela fez para si um aposento separado no andar superior de sua casa no qual vivia com suas servas. Seu vestido era de cabelo de crina e ela jejuava todos os dias de sua vida, com exceção dos sábados, das luas novas e demais festas da casa de Israel." Esta passagem é parecida a outras lendas católicas romanas, com respeito a seus santos canonizados. Uma mulher dificilmente jejuaria toda sua vida, com exceção de um dia da semana e algumas outras ocasiões durante o ano. Cristo jejuou quarenta dias, porém não toda a Sua vida.

A igreja católica apega-se a estes livros não inspirados porque eles sancionam alguns de seus falsos ensinos, como: oração pelos mortos, salvação pelas obras, a doutrina do purgatório, dar esmolas para libertar as pessoas do pecado e da morte.

12.1.3 Apócrifos do Novo Testamento

Trata-se de Evangelhos, Atos de Apóstolos e Epístolas, todos lendários e espúrios, que começaram a aparecer no século II. Foram forjados, na maior parte, e assim



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

reconhecidos desde o princípio. São tão cheios de estórias ridículas e indignas a respeito de Cristo e dos apóstolos, que nunca foram reconhecidos como divinos, nem incorporados à Bíblia. São tentativas deliberadas de preencher lacunas na história de Jesus, como é apresentada no Novo Testamento, com o fim de fomentar idéias heróicas através de falsas afirmações. Sabe-se que houve uns 50 "Evangelhos" espúrios, além de muitos "Atos" e "Epístolas". A grande quantidade desses escritos forjados fez a Igreja Primitiva ver quanto era importante distinguir entre os falsos e os verdadeiros. Dizem que Maomé tirou largamente desses livros as idéias que tinha acerca do cristianismo. Neles está a origem de alguns dogmas da Igreja Romana. Não devem ser confundidos com os escritos dos "Pais Apostólicos". Vai, aqui, uma lista de alguns dos livros apócrifos mais conhecidos:

Evangelho de Nicodemos. Inclui os "Atos de Pilatos", pretenso relatório oficial do julgamento de Jesus ao imperador Tibério. Foi produzido entre os séculos II e V. Puramente imaginário.

Proto Evangelho de Tiago. Narrativa que vai do nascimento de Maria ao massacre dos inocentes. Contos que começaram a circular no século II. Foi completado século

O Passamento de Maria. Repleto de milagres ridículos culmina com a remoção do "seu corpo imaculado e precioso" ao Paraíso. Escrito no século IV, com o aparecimento do culto à Virgem.

Evangelho Segundo os Hebreus. Adições aos Evangelhos canônicos, com algumas frases atribuídas a Jesus. Meados de 100 d.C.

Evangelho dos Ebionitas. Compilado dos Ev. Sinópticos, no interesse da doutrina ebionita.

Evangelho dos Egípcios. Conversas imaginárias entre Jesus e Salomé. Entre 130 e 150 d.C. Usados pelos sabelianos.

Evangelho de Pedro. Meados do Século II. Buscado em Evangelhos canônicos. Escrito no interesse de doutrinas docetistas e anti-judaicas.

Evangelho de um Pseudo-Mateus. Século V. Falsa tradução de Mateus, repleta de milagres da infância de Jesus.

Evangelho de Tomé. Século II. Vida de Jesus, dos 1 aos 12 anos. Apresenta-o operando milagres para satisfação de seus caprichos infantis.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Natividade de Maria. Obra de ficção Século VI, premeditada, para fomentar o culto à Virgem. Histórias de visitas diárias de anjos a Maria. Com o surto do papado, tornou-se imensamente popular.

Evangelho Arábico da Infância. Século VII. História de Milagres operados durante a estada no Egito.

Evangelho do Carpinteiro José. Século IV. Originou-se no Egito. Dedicado à glorificação de José.

Apocalipse de Pedro. Pretensas visões do céu e do inferno concedidas a Pedro. Eusébio chamou-o "espúrio".

Atos de Paulo. Meados do Século II. Romance que aconselha a continência. Contém a suposta Epístola aos Coríntios que se perdeu.

Atos de Pedro. Fim do século II. Um caso de amor com a filha de Pedro. Conflito com Simão, o Mago. Contém a história do "Quo Vadis".

Atos de João. Fim do século II. História de uma visita à Roma. Puramente imaginária. Contém um quadro revoltante de sensualismo.

Atos de André. História de André, que persuade Maximila a evitar relações com o marido, o que resultou no martírio dele.

Atos de Tomé. Fim do século II. Como os Atos de André, foi criado com interesse da abstinência de relações sexuais.

Carta de Pedro a Tiago. Fim do século II. Ataca violentamente Paulo. Pura invenção no interesse dos ebionitas.

Epístola de Laodicéia. Diz ser a que é referida em Colossenses 4.16. Um aglomerado de frases de Paulo.

Cartas de Paulo á Sêneca. E outras deste àquele. Invenção séc. IV. Objetivo: ou recomendar o cristianismo aos seguidores de Sêneca, ou recomendar este aos cristãos. A principal característica destes escritos é o fato de serem obras de ficção, que se apresentam como história, mas em sua maior parte são absurdos por tal forma que a falsidade deles evidencia-se por si mesma.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Cartas de Abgar. Estas podem ter alguma base, Eusébio assim pensava. Conta que Abgar, rei de Edessa, estando enfermo, ouviu falar do poder de Jesus. Escreveu-lhe uma carta pedindo que fosse curá-lo, ao que Jesus respondeu por escrito: "... é necessário completar aquilo para o que fui enviado; depois disso serei recebido em cima, por aquele que Me enviou. Quando, pois, Eu for recebido no céu, enviarei um dos Meus discípulos que te curará". Contam que foi Tadeu o enviado, a quem mostraram as Cartas a que ficaram arquivadas em Edessa. Possivelmente, Jesus mandou um recado verbal, que eles registraram.

12.2 Os Pseudopígrafos

São os livros escritos sob um nome fictício. Para outros são os escritos judaicos, extra bíblicos, não inspirados do Antigo Testamento. São considerados de valor no estudo do cânon, e alguns estudiosos os incluem no mesmo grupo dos apócrifos. Dentre os pseudopígrafos destacam-se:

O Livro de Enoque. A crítica textual não tem condições de localizá-lo exatamente em determinada época, mas deve pertencer ao período de 200 a.C. e as primeiras décadas do primeiro século da nossa era.

A Assunção de Moisés. Deve ter sido publicado no tempo de Cristo e procura narrar a história do mundo, em forma de profecia, desde Moisés até ao tempo do autor.

Os Oráculos Sibilinos. São obras judaicas que, à imitação das profecias pagãs de Sibila, pretendem divulgar o pensamento hebraico entre os gentios.

O Livro dos Jubileus. É um comentário sobre Gênesis, frisando que a Lei foi observada desde os mais remotos tempos. Recebe este nome pelo fato de dividir a história em períodos jubileus, isto é, quarenta e nove anos (sete semanas de anos).

O livro dos Segredos de Enoque (2 Enoque). Descreve pormenorizadamente os sete céus e antecipa em mil anos o reinado de Deus na terra.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

O *Apocalipse de Baruque*. Alguns o atribuem ao escriba de Jeremias. Foi escrito, segundo os críticos, nas últimas décadas do primeiro século da nossa era.

O *Apocalipse de Abraão*. É uma obra judaica com passos de literatura do cristianismo. Pertence ao século I da nossa era.

Os *Salmos de Salomão*. Coletânea de dezoito salmos, escrita por um fariseu, que viveu na segunda metade do primeiro século da era cristã. O estilo é bastante semelhante ao dos Salmos que temos na Bíblia.

A *Carta de Aristéias*. É interessante por informar-nos das supostas circunstâncias em que foi feita a tradução do Velho Testamento hebraico para o grego.

Macabeus, 3 e 4. No III encontramos uma tentativa de massacre dos judeus no reinado de Ptolomeu Filopator. O 4 é um tratado filosófico ilustrando a tese do autor no caso dos mártires macabeus. Embora haja referências a estes livros na Bíblia (2Tm 3.8; Jd 9 e 14) não necessitamos aceitá-los como canônicos.

A literatura pseudopígrafa foi produzida entre 200 a.C., e 200 a.D. com o objetivo de encorajar e consolar a nação judaica durante as invasões dos sírios e romanos.

12.3 Os Rolos do Mar Morto



Imagen ilustrativa.

No verão de 1947, tiveram início na Palestina, por obra de casual descoberta de um jovem beduíno, chamado Moâmede ad-Dib, encontros arqueológicos de excepcional



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

importância: os chamados manuscritos do Deserto da Judéia, do Mar Morto ou ainda Manuscritos de Qunran. Ele tinha perdido uma cabra, por isso subiu penosamente a encosta, chamando pelo animal que continuava a elevar-se, a procura de alimento. Nesta sua busca ele deparou com uma cavidade, atirou para dentro dela uma pedra, apurando o ouvido para escutar a queda, a fim de determinar a sua profundidade. Qual não foi a sua surpresa, quando em vez do esperado ruído, seu ouvido percebeu um típico som de louça. Com esforço conseguiu olhar para dentro, notando com surpresa a existência de vários objetos cilíndricos, de grande tamanho. Amedrontado pela superstição, o moço fugiu rapidamente daquele sítio, e, à noite, comentou com um amigo a inusitada descoberta da caverna. No dia seguinte os dois se dirigem à gruta, e ao entrarem nela, encontram sete rolos. Levaram alguns para a tenda e ao desenrolarem ficaram surpresos com a sua extensão e por não entenderem nada do que neles estava escrito.

Os beduínos, indo regularmente a Belém para vender leite e queijo, certo dia, levaram também os pergaminhos, vendendo-os a um cristão sírio, dono de um armazém, conhecida pelo nome de Kando, que também por ignorar totalmente o valor deste achado, abandonou-os no chão da loja por vários dias, sendo estes pisados pelos que nela entravam. Certo dia, atentando melhor para aqueles pergaminhos, ocorreu-lhe a idéia de levá-los a Jerusalém para os vender no Convento Sírio de São Marcos. O superior do convento procura pessoas entendidas que estudassem os manuscritos, a fim de que ele pudesse ter uma idéia de seu real valor, assim sendo, um dos pergaminhos foi enviado ao Professor E. L. Sukenik, da Universidade Hebraica. Sukenik analisando-o, em profundidade, concluiu que o documento apresentava grande valor pelo seu conteúdo e considerável antigüidade.

A caverna na qual foram encontrados os manuscritos fica na região desolada e quente do Deserto de Judá dos dias bíblicos, cerca de doze quilômetros ao sul de Jericó, na altura do Uadi Qunran.

Os sete rolos retirados desta gruta eram bem diferentes, pois dois eram manuscritos do livro de Isaías, um completo e outro incompleto, um manual de Disciplina da Seita, uma coleção de Salmos e Ações de Graça, uma ordem de batalha para uma guerra apocalíptica entre os Filhos da Luz e os Filhos das Trevas, um Comentário ao livro de Habacuque. Todo este material foi publicado por Sukenik e pelos americanos. Além dos manuscritos já citados ainda foram encontrados documentos os mais diversos conto contratos de casamento, cartas do líder judeu Bar Cocheba,



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

um hinário de mais ou menos quarenta salmos, cópias dos apócrifos de Eclesiástico e Tobias, além de trechos de pseudepígrafos como o de Enoque.

A gruta em que aqueles pastores entraram, e que marcou o início de uma fase histórica da arqueologia, recebeu o n.º 1. Não longe dela, encontrou-se, em fins de 1951, a gruta a que se deu o n.º 2. Continha fragmentos dos Salmos, os livros de Isaías, do Éxodo, de Rute, um documento litúrgico e o livro apócrifo dos Jubileus, que é uma paráfrase do Gênesis, recompilada pelos fariseus. Descobriu-se, depois, a gruta n.º 3, onde se encontraram 2 rolos de chapas de cobre, com textos gravados.

A gruta que deu colheita mais rica foi a de n.º 4. Continha 380 manuscritos, dos quais mais ou menos uma centena são de ordem bíblica. Seguiram-se as de n.º 5 e 6, que deram manuscritos de pouca importância bíblica e histórica. Em fins de 1955, revistaram-se as grutas que receberam os nos 7, 8, 9 e 10, todas contendo ora pergaminhos, ora papiros, tudo de pouca importância. Logo após, nos últimos dias de 1955, encontram-se outras duas séries de grutas, uma à margem do Uadi Murabaat, e outra à margem do Uadi Mird, sempre nos arredores do Mar Morto.

Os dois rolos de chapa de cobre mediam mais ou menos 2 metros de comprimento e uns 30 centímetros de largura. Durante 3 anos estudos foram feitos para que os rolos fossem abertos sem se estragar a escrita. Foi preparada uma máquina especial pelo Departamento de Tecnologia de Manchester, Inglaterra, para cortar o rolo, trabalho este levado a efeito no dia 16 de janeiro de 1956. Estes rolos podem ser vistos no Museu de Amã. Na escrita de um deles estava a relação de uns 60 esconderijos, nos quais, se encontrariam depósitos de ouro, prata ou caixas de incenso.

Três sociedades científicas: Departamento Arqueológico da Jordânia, Escola Bíblica e Arqueológica Francesa de Jerusalém (Santo Estêvão) e o Museu Arqueológico Palestinense têm inventariado as riquezas destas grutas. Os fragmentos de manuscritos descobertos nas onze cavernas de Qunran são cerca de 600 e um quarto destes fragmentos contém textos bíblicos; com exceção do livro de Ester, todos os livros do Velho Testamento se acham ali representados. Os mais numerosos são dos livros de Isaías, de Deuteronômio e dos Salmos.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

12.3.1 Quem Guardou Estes Manuscritos

Uma pergunta que vem à mente de todos é esta: quem foram as pessoas que moravam nesta região e copiaram os manuscritos encontrados nas grutas? Segundo a opinião dos eruditos seus habitantes pertenciam à seita judaica dos essênios, os quais ocuparam esta região entre 185 a.C. e 68 a.D.

Havia entre os judeus no tempo de Cristo as seguintes seitas: Os fariseus – legalistas e separados, observadores de tradições antigas, eram muito religiosos; os saduceus – conhecidos por sua oposição aos fariseus e por negarem a ressurreição. Eram incrédulos e livres pensadores; os essênios – muitas etimologias têm sido apresentadas para explicar a origem deste nome. The Interpreter's Dictionary of the Bible, cita pelo menos dez entre palavras gregas e hebraicas, salientando que os eruditos não têm nenhuma uniformidade em seus pontos de vista. Os essênios eram pessoas que estavam decepcionadas com a corrupção reinante em seus dias, por isso abandonaram a sociedade e se refugiaram em mosteiros para se dedicarem a uma vida de oração e ao estudo da palavra de Deus.

12.3.2 Origem da Comunidade Essênica de Khirbet Qumran

Para o mosteiro de Khirbet Qumran podemos indicar diversos períodos de construção, como atestam as escavações realizadas entre 1951 e 1956. A primeira construção monástica, edificada em pedra, data do tempo do sumo sacerdote João Hircano (134-104 a.C.), da dinastia macabeu - asmonéia. Antes dessa época, os hassideus (essênios) tiveram que contentar-se com abrigos encontrados ao acaso. Uma figura característica que se encontra sempre de novo nos textos de Qumran é o anônimo 'mestre de nossa justiça', a quem a comunidade de Qumran deve a sua clara diferenciação dos outros grupos religiosos, antes de mais nada do culto e da hierarquia de Jerusalém, e que de várias maneiras, deu também impulso às normas de vida de Qumran.

Antes da primeira revolta judaica, por causa do avanço da décima legião sob o comando de Vespasiano, os manuscritos da biblioteca do mosteiro foram colocados a salvo (por volta do ano 68 d.C.). O próprio mosteiro foi destruído pelos romanos.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Durante a segunda revolta judaica (132-135), o lugar das ruínas e arredores constituíram um ponto de apoio para os combatentes da resistência judaica que se encontraram em torno de Bar Kokba. Com efeito, numa gruta ao sul de Qumran, foram encontrados, além de apetrechos sacrificais, vestes e moedas, também manuscritos da época entre 88 e 135 d.C., entre os quais uma carta de Bar Kokba."

12.3.3 Valor dos Rolos do Mar Morto

Embora o valor desta descoberta ainda não possa ser avaliado em toda a sua plenitude, há certos fatos já conhecidos que são os seguintes: Estes manuscritos são pelo menos 1000 anos mais velhos do que o mais antigo manuscrito hebraico que possuímos – O Códice Petropolitano escrito em 912 a.D; os manuscritos de Qumran são mais antigos do que os mais velhos fragmentos da Septuaginta existentes, quanto à história da evolução da escrita, fornecendo, portanto precioso material à Paleografia. Estes manuscritos foram copiados entre os séculos III a.C. e o primeiro século a.D.; antes desta descoberta pouco se sabia a respeito do judaísmo pré-cristão. Através do Manual de Disciplina conhecemos hoje muito dos seus costumes e maneira de viver; estes manuscritos vieram desfazer afirmações infundadas, concernentes ao trabalho dos copistas pré-massoréticos e ainda de que a Bíblia Hebraica de hoje fora organizada e emendada pelos massoretas.

Os estudantes da Bíblia não puseram tanto em dúvida as mudanças no texto quando foram acrescentadas as vogais e a pontuação para formar o texto Massorético, séculos depois de Cristo, pois sabiam que os copistas depois daquele tempo, preservaram com cuidado extremo cada jota e til do texto. Alguns críticos opinavam que os mais antigos copistas por não serem tão escrupulosos trataram o texto com mais liberdade, portanto havia diferenças consideráveis em nossa Bíblia.

Quando o texto hebraico de hoje foi comparado com os manuscritos de Qumran verificou-se surpreendente identidade de conteúdo. Os rolos do Mar Morto comprovam a validade do texto hebraico, tão cuidadosamente transmitido através dos séculos. O descobrimento destes rolos e de outros manuscritos mostrou a fragilidade dos argumentos da Alta Crítica, comprovando que o trabalho dos copistas e tradutores por dois mil anos não mudou a Palavra de Deus. Eles comprovaram que a maioria das variações de um manuscrito para outro são simplesmente questões de



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

letras, palavras ou frases que não modificam suficientemente o sentido para influenciar alguma doutrina importante.

12.3.4 Fragmentos de Papiros em Qumran

Numa das cavernas de Qumran foram encontrados muitos fragmentos de papiros e entre estes, o papirólogo espanhol, José O'Callaghan descobriu um trecho do Evangelho de São Marcos – correspondente aos versículos 52 e 53, do capítulo 6. Após este encontro, em março de 1972, o erudito espanhol, recorrendo a métodos técnicos, conclui que se trata de um manuscrito do ano 50 a.D. A história nos confirma que o General Vespasiano, no ano 68 a.D, tomou posse do mosteiro essênio de Qumran, ocasião em que seus habitantes esconderam os rolos nas cavernas, pensando em regressar mais tarde para recuperá-los.

12.3.5 Conclusões

Todo o cuidado e todos os avanços feitos pela ciência têm sido utilizados, quer na determinação das datas deste valioso material, quer na sua leitura e conservação. Assim foi descoberto um método com base na ciência atómica, para determinar a idade do material orgânico. Foi usando esse método, com o isótopo, "Carbono 14", que o Instituto Nuclear da Universidade de Chicago pode confirmar com precisão a opinião dos arqueólogos, segundo a qual o pano que envolvia os rolos, descobertos em 1947, datava do I século da era cristã. No Museu de Jerusalém, onde se encontra boa parte do material descoberto, documentos, à primeira vista ilegíveis, são decifrados graças à fotografia infravermelha que traz à luz, letras que normalmente não podem ser distinguidas pelos olhos humanos. Inegavelmente, esta foi a descoberta arqueológica mais sensacional dos últimos tempos, porque veio provar a autenticidade da Bíblia e a sua maravilhosa conservação através dos séculos.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

13 - VERSÕES, TRADUÇÕES E REVISÕES

13.1 Conceituação

Tradução é simplesmente a transposição de uma composição literária de uma língua para outra. Por exemplo, se a Bíblia fosse transcrita dos originais hebraico e grego para o latim, ou do latim para o português, chamaríamos esse trabalho tradução. Se esses textos traduzidos fossem vertidos de volta para as línguas originais, também chamaríamos isso tradução.

A *tradução literal* é uma tentativa de expressar, com toda a fidelidade possível e o máximo de exatidão, o sentido das palavras originais do texto que está sendo traduzido. Trata-se de uma transcrição textual, palavra por palavra. O resultado é um texto um tanto rígido.

A *transliteração* é a versão das letras de um texto em certa língua para as letras correspondentes de outra língua. É claro que uma tradução literal da Bíblia fica sem sentido para uma pessoa de pouca cultura.

Versão, tecnicamente falando é uma tradução da língua original (ou com consulta direta a ela) para outra língua, ainda que comumente se negligencie essa distinção. O segredo para a compreensão é que a versão envolve a língua original de determinado manuscrito.

Revisão, ou *versão revista*, é termo usado para descrever certas traduções, em geral feitas a partir das línguas originais, que foram cuidadosa e sistematicamente revistas, cujo texto foi examinado de forma crítica, com vistas em corrigir erros ou introduzir emendas ou substituições.

Paráfrase é uma tradução "livre" ou "solta". O objetivo é que se traduza a idéia, e não as palavras. Daí que a paráfrase é mais uma interpretação que uma tradução literal do texto. O comentário é simplesmente uma explicação das Escrituras. O exemplo mais antigo desse tipo de trabalho é o "Midrash", ou comentário judaico do Antigo Testamento.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

13.2 Versões e Traduções mais Antigas

As traduções mais antigas apareceram antes do período dos Concílios da Igreja (350 d.C.), abarcando obras como *Pentateuco Samaritano*, os *Targuns Aramaicos*, o *Talmude*, o *Midrash* e a *Septuaginta* (LXX).

13.2.1 O Pentateuco Samaritano

Segundo Norman Geisler e William Nix (1997, p. 187), “o *Pentateuco samaritano* pode ter-se originado no período de Neemias, em que se reedificou Jerusalém. Não sendo na verdade uma tradução, nem versão, mostra a necessidade do estudo cuidadoso para que se chegue ao verdadeiro texto das Escrituras”. Essa obra foi, de fato, uma porção manuscrita do texto do próprio *Pentateuco*. Contém os cinco livros de Moisés, tendo sido escrito num tipo paleo-hebraico, muito semelhante ao que se encontrou na pedra moabita, na inscrição de Siloé, nas *Cartas de Laquis* e em alguns manuscritos bíblicos mais antigos de Qumran. A tradição textual do *Pentateuco samaritano* é independente do *Texto massorético*. Não foi descoberto pelos estudiosos cristãos senão em 1616, embora fosse conhecido dos pais da igreja, como Eusébio de Cesaréia e Jerônimo, tendo sido publicado pela primeira vez na obra *Poliglota de Paris* (1645) e, depois, na *Poliglota de Londres* (1657).

O manuscrito mais antigo do *Pentateuco samaritano* data de meados do século XIV e trata-se de um fragmento de um pergaminho o rolo chamado Abisa. O códice do *Pentateuco samaritano* mais antigo traz uma nota sobre ter sido vendido em 1149-1150 d.C, embora fosse muito mais velho. A Biblioteca Pública de Nova Iorque abriga outro exemplar que data de cerca de 1232. Imediatamente após a descoberta desse exemplar, em 1616, o *Pentateuco samaritano* foi aclamado como superior ao *Texto massorético*. No entanto, depois de cuidadoso estudo, foi relegado a posição inferior. Só recentemente esse documento reobteve um pouco de sua antiga importância, ainda que seja considerado até hoje de menor importância do que o texto massorético da lei. Os méritos do texto do *Pentateuco samaritano* podem ser avaliados pelo fato de apresentar apenas 6 000 variantes em relação ao *Texto*



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

massorético, e em sua maior parte constituem diferenças ortográficas que se considerariam insignificantes. Há ali a afirmativa de que o monte Gerizim é o centro de adoração, e não a cidade de Jerusalém, com acréscimos aos relatos de Êxodo 20.2-17 e Deuteronômio 5.6-21. (GEISLER; NIX, 1997, p. 188).

13.2.2 Os Targuns

Segundo Norman Geisler e William Nix (1997, p. 188), “há evidências de que os escribas, já nos tempos de Esdras (Ne 8.1-8), estavam escrevendo paráfrases das Escrituras hebraicas em aramaico. Não estavam produzindo traduções, mas textos explicativos da linguagem arcaica da *Tora*”. Antes do nascimento de Cristo, quase todos os livros do Antigo Testamento tinham suas paráfrases ou interpretações (targuns). Ao longo dos séculos seguintes o targum foi sendo redigido até surgir um texto oficial.

Os mais antigos targuns aramaicos provavelmente foram escritos na Palestina, durante o século II d.C, embora haja evidências de alguns textos amaraicos de um período pré-cristão. Esses textos primitivos, oficiais, do targum, continham a lei e os profetas, embora targuns de épocas posteriores também incluíssem outros escritos do Antigo Testamento.

Durante o século III d.C., surgiu na Babilônia um targum aramaico sobre a *Tora*. Possivelmente se tratasse de uma versão corrigida de texto palestino antigo; mas também poderia ter-se originado na Babilônia, tendo sido tradicionalmente atribuído a Onquelos (Ongelos), ainda que tal nome provavelmente resultasse de confusão com Áquila.

O *Targum* de Jônatas ben Uzziel é outro targum babilônico em aramaico, que acompanhava os profetas (os primeiros e os últimos). Data do século IV, sendo uma tradução mais livre do texto que a tradução de Onquelos. Esses targuns eram lidos nas sinagogas: o texto de Onquelos ao lado da *Tora*, que se liam em sua inteireza; Jônatas era lido ao lado de seleções dos profetas (*haphtaroth*, pl.). Visto que as demais partes do Antigo Testamento (escritos) não eram lidas nas sinagogas, não se produziu nenhum targum oficial, mas havia cópias não-oficiais usadas pelas pessoas de modo particular.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Pelos meados do século VII surgiu o *Targum do pseudo-Jônatas*, sobre o *Pentateuco*. Trata-se de uma mistura do *Targum de Onquielos* e alguns textos do *Midrash*. Outro targum apareceu ao redor do ano 700, o *Targum de Jerusalém*, do qual sobreviveu apenas um fragmento.

13.2.3 O *Talmude*

O *Talmude* basicamente representa as opiniões e as decisões de professores judeus de cerca de 300 a 500 d.C., consistindo em duas principais divisões: o *Midrash* e a *Gemara*. A *Mishna* (repetição, explicação) completou-se perto de 200 d.C., como se fora um digesto – publicação composta de artigos, livros condensados - hebraico de todas as leis orais, desde o tempo de Moisés. Era altamente considerada como a segunda lei, sendo a *Tora* a primeira. A *Gemara* (término, finalização) era um comentário ampliado, em aramaico, da *Mishna*. Foi transmitida em duas tradições: a *Gemara palestina* (c. 200) e a *Gemara babilônica*, maior, dotada de mais autoridade (c. 500).

13.2.4 O *Midrash*

O *Midrash* (lit., estudo textual) na verdade era uma exposição formal, doutrinária e homilética das Sagradas Escrituras, redigida em hebraico ou em aramaico. De mais ou menos 100 até 300 d.C., esses escritos foram reunidos num corpo textual a que se deu o nome de *Halaka* (procedimento), que era uma expansão adicional da *Tora*, e *Hagada* (declaração, explicação), ou comentários de todo o Antigo Testamento. O *Midrash* de fato diferia do *Targum* neste ponto: o *Midrash* eram comentários, em vez de paráfrases. O *Midrash* contém algumas das mais antigas hornilias do Antigo Testamento, bem como alguns provérbios e parábolas, textos usados nas sinagogas.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

13.2.5 Septuaginta (LXX)

Bastante conhecida através da sigla LXX, é a mais importante tradução grega do Velho Testamento. Seria interessante pensar por alguns instantes qual a razão de um livro hebraico ser traduzido para o grego numa cidade do Egito? A História nos confirma que Alexandre Magno, com suas extraordinárias conquistas levou o grego a quase todas as partes do mundo conhecido. Sua morte prematura em 323 a.C. fez com que seu império fosse dividido. Cabendo a Ptolomeu I (323-285) governar o Egito, iniciando assim a dinastia dos reis gregos no Egito. Calcula-se que no tempo de Ptolomeu II, a cidade de Alexandria era composta por um terço de judeus. Como era de se esperar esses imigrantes judeus facilmente adotaram a língua dos gregos.

Dias Gomes citando Flávio Josefo, fornece-nos pormenores úteis sobre a origem desta antiga tradução. Eis uma síntese de suas palavras:

Demétrio Palério, bibliotecário de Ptolomeu Filadelfo, trabalhava com extremo cuidado e grande curiosidade para reunir de todas as partes do mundo os livros de mérito e que julgava serem agradáveis ao príncipe. Certo dia o príncipe perguntou-lhe quantos livros já havia na Biblioteca e soube que mais ou menos 200.000. Notificou também ao rei a existência entre os judeus de livros dignos de figurarem na soberba biblioteca, mas dariam muito trabalho traduzi-los para o grego. Acrescentou que este trabalho poderia ser feito porque sua majestade não olhava a gastos. O rei, persuadido pelo ilustre bibliotecário, fez um apelo ao sumo-sacerdote de Jerusalém para que lhe enviasse os livros e pessoas capacitadas para traduzi-los. O pedido foi imediatamente atendido, talvez, porque acompanhando-o havia grande soma de dinheiro e pedras preciosas. Ptolomeu recebeu através de uma carta a seguinte notificação: "Escolhemos, Senhor, seis homens de cada tribo para vos levar as santas leis e esperamos da vossa bondade, quando não tenhais mais necessidade deles, que vos dignareis remetê-los com os que vão em sua companhia." Eleazar. Quando a obra foi acabada (segundo alguns em 72 dias), Demétrio reuniu todos os judeus para que ouvissem a leitura da tradução, na presença dos 72 tradutores. A tradução foi aprovada e Demétrio elogiado por ter concebido um desígnio que lhes era tão vantajoso. (JOSEFO, Flávio. *Apud.* GOMES, Dias. Bíblia Poliglota Portuguesa, p. 26-28).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Para alguns esta história é lendária, sendo a verdadeira razão para a origem da Septuaginta a seguinte: Havendo em Alexandria muitos judeus que não podiam ler o Velho Testamento no original hebraico, uma tradução em grego lhes foi preparada. Por causa do número de tradutores essa extraordinária tradução se tornou conhecida (um tanto inexatamente) como Septuaginta.

A Septuaginta é comumente designada por LXX. O nome vem do latim Septuaginta, que quer dizer 70. Aristeas, escritor da corte de Ptolomeu Filadelfo, que reinou de 285-246 a.C., escrevendo a seu irmão Filócrates, conta que o referido monarca, por proposta de seu bibliotecário, Demétrio de Falero, solicitou ao sumo sacerdote judaico, Eleazar, que lhe enviasse doutores versados nas Sagradas Escrituras para preparar-lhe uma versão delas, em grego. Ele muito ouvia falar das Escrituras e queria uma versão delas, para enriquecer sua vasta biblioteca, em Alexandria. O sumo sacerdote escolheu 72 eruditos (6 de cada tribo) e enviou-os a Alexandria, os quais completaram a versão em 72 dias. De 72 derivou-se o nome Septuaginta. (Gilberto, Antonio, 1986, p. 84)

A tradução foi feita na ilha de Faros, situada no porto da cidade. Essa Bíblia teve a mais ampla difusão entre as nações, especialmente naquelas onde estavam os judeus da dispersão oriunda do cativeiro. Foi a Septuaginta a primeira tradução completa do Antigo Testamento, do original hebraico. Foi também ela que situou e dividiu os livros por assuntos como os temos hoje: *Lei, História, Poesia, Profecia*. Não há um só exemplar original da Versão dos Setenta; somente cópias, a mais antiga das quais data de 325 d.C. É ela a mais antiga tradução da Bíblia hebraica. A Septuaginta é usada ainda hoje na Igreja Grega. Sua primeira aparição impressa é a constante da Complutensiana Poliglota publicada em Alcalá, província de Madri, em 1514-1517, e distribuída em 1522 pelo Cardeal Ximenes.

13.2.6 A versão de Áquila

A versão de Áquila, natural de Sínope, cidade do Ponto. É uma tradução puramente literal. Contém só o Antigo Testamento. Foi feita em 138 d.C., no reinado de Adriano. Existe em fragmentos.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

13.2.7 A versão de Teodocião

A versão de Teodocião, natural de Éfeso, coeve de Justino Mártir, que o menciona em seus escritos. Foi feita em 160 d.C., no tempo do Imperador Cômodo. Não é mais que uma revisão dos LXX. Contém só o Antigo Testamento. Teodocião era ebionita.

13.2.8 A versão de Símaco

A versão de Símaco, feita em 218. Só do Antigo Testamento. Símaco era também ebionita. Existe em fragmentos.

13.2.9 A Héxapla, de Orígenes

A Héxapla, de Orígenes. Não é propriamente uma versão; é obra compendiada. Devido a falhas na tradução da Septuaginta, Orígenes, grande erudito da igreja primitiva, compôs, em Cesaréia, a Héxapla, ou versão de 6 colunas, em 228 d.C.

As seis colunas estão dispostas da direita para a esquerda, assim: 1^a O texto hebraico; 2^a O texto grego traduzido do hebraico; 3^a A versão de Áquila; 4^a A versão de Símaco; 5^a A Septuaginta; 6^a A versão de Teodocião.

13.2.10 Revisões Depois da Hexapla

Fizeram ainda revisões na Septuaginta Luciano – fez seu trabalho mais ou menos pelo ano 300, pois foi martirizado em 311. Para esta revisão usou manuscritos hebraicos superiores aos usados por Orígenes e Hesíquio – sua revisão se processou na cidade de Alexandria e foi somente aceita no Egito.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

13.2.11 Versões Siríacas

É provável que a primeira versão do Novo Testamento tenha sido feita na língua siríaca. Dentre as versões siríacas são dignas de nota as seguintes:

Siríaca Antiga. É uma versão dos quatro Evangelhos, conservada hoje com grandes lacunas nestes dois manuscritos. Embora estes manuscritos fossem copiados no 5º e 4º séculos respectivamente, a forma de texto que eles preservam data do fim do segundo século ou início do terceiro. O texto dos Evangelhos sofreu influências do Diatessaron de Taciano. Seu tipo de texto pertence ao grupo Ocidental.

Versão Peshita. Em siríaco a palavra peshita significa simples, comum, vulgar. Crêem alguns que a tradução foi feita por Rabbula, bispo de Edessa (411-432), cognominado o São Jerônimo da Igreja Síria. Outros afirmam que o autor é desconhecido, mas que a tradução foi feita para que o cristianismo pudesse propagar-se entre aquele povo. Por ser um trabalho muito bem feito, foi chamada "a rainha das versões". Contém todo o Velho Testamento sem os livros apócrifos. Do Novo Testamento não foram traduzidos II e III João, II Pedro, Judas e Apocalipse. Mais de 350 manuscritos da Peshita são conhecidos hoje, diversos dos quais datam do 5º e 6º séculos.

Versão Filoxênia. Esta é outra tradução bastante difícil de ser explicada pela Crítica Textual. Crê-se que Filóxeno, bispo de Mabugue, comissionou a tradução da Bíblia inteira baseada no grego, em 508 a.D.

Versão Siríaca da Palestina. É conhecida principalmente por um dicionário dos Evangelhos. Crêem os entendidos que seja uma tradução do quinto século.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

14 - VERSÕES LATINAS E INGLESAS

14.1 Versões Latinas

O latim era um idioma dominante nas regiões ocidentais do Império Romano desde muito antes dos dias de Jesus. Foram nas regiões ocidentais ao sul da Gália e na África do Norte que apareceram as primeiras traduções da Bíblia em latim. Segundo Philip W. Confort (1998, p. 235) “em cerca de 160 d.C., Tertuliano notoriamente usou uma versão das Escrituras em latim. Não muito tempo depois, o texto em latim antigo parece ter estado em circulação, o que nos é evidenciado pelo uso de Cipriano antes de sua morte, em 258 d.C.”. A versão em latim antigo era uma tradução da Septuaginta. Manuscritos completos do texto em latim antigo não subsistiram. Depois que a versão latina, a Vulgata, foi completada por Jerônimo, o texto mais primitivo caiu em desuso.

14.1.1 A Vulgata latina

Segundo Philip W. Confort (1998, p. 236) “por volta do século III d.C., o latim começou a substituir o grego como língua de ensino no vasto mundo romano. Um texto uniforme e confiável era extremamente necessário para uso teológico e litúrgico”. Para preencher essa necessidade, o papa Dâmaso I (336-384 d.C.) encarregou Jerônimo, eminentemente erudito no latim, grego e hebraico, de fazer a tradução. Jerônimo começou o seu trabalho com uma tradução da Septuaginta em grego, considerada inspirada por muitas autoridades da Igreja, inclusive Agostinho. Contudo, mais tarde, e sob risco de grande crítica, voltou-se para o texto hebraico que então estava em uso na Palestina, como texto base para sua tradução. Durante o período de 390 a 405, Jerônimo fez sua tradução latina do Antigo Testamento hebraico. Não obstante, a despeito de ter se voltado para o original hebraico, Jerônimo dependia grandemente das diversas versões gregas como auxílio à tradução. Por conseguinte, a Vulgata espelha as outras traduções gregas e latinas tanto quanto o texto hebraico fundamental.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

14.1.1.1 Autor da Vulgata

Sofrônio Eusébio Jerônimo (c. 340-420) nascera de pais cristãos, em Estridão, na Dalmácia. Havia sido educado na escola local até sua ida a Roma, com a idade de doze anos. Durante os oito anos seguintes, Jerônimo estudou latim, grego e autores pagãos, antes de tornar-se cristão, com a idade de dezenove anos. Logo após sua conversão e batismo, Jerônimo devotou-se a uma vida de rígida abstinência e de serviço ao Senhor. Passou muitos anos perseguindo uma vida semi-ascética de eremita. De 374 a 379, empregara um rabino judeu para que lhe ensinasse o hebraico, enquanto estivesse residindo no Oriente, perto de Antioquia. Foi ordenado presbítero em Antioquia antes de partir para Constantinopla, onde passou a estudar sob a orientação de Gregório de Nazianzo. Em 382, foi convocado por Roma para ser secretário de Dâmaso, bispo de Roma, e nomeado membro de uma comissão para revisar a Bíblia latina.

14.1.1.2 A Data e o Lugar da Tradução da Vulgata Latina

Jerônimo recebeu a incumbência em 382 e iniciou seu trabalho quase imediatamente. A pedido de Dâmaso introduziu uma ligeira revisão nos evangelhos, completada em 383. Logo após ter terminado a revisão dos evangelhos, morre-lhe o mecenas (384), tendo sido eleito novo bispo de Roma. Jerônimo, que aspirava a esse cargo, já havia terminado uma revisão rápida do chamado Saltério romano quando regressou ao Oriente e se estabeleceu em Belém. De volta a Belém, Jerônimo voltou sua atenção a uma revisão mais cuidadosa do Saltério romano, que completou em 387. Essa revisão é conhecida como Saltério galileu, empregado atualmente no Antigo Testamento da Vulgata. Baseou-se de fato nos Héxapla de Orígenes, a quinta coluna, sendo mera tradução dos Salmos. Tão logo havia terminado sua revisão dos Salmos, Jerônimo iniciou a revisão da LXX, embora esse trabalho não fizesse parte de seus objetivos iniciais. Estando em Belém, Jerônimo havia iniciado seu trabalho de aperfeiçoar seus conhecimentos do hebraico, de modo que pudesse executar uma nova tradução do Antigo Testamento diretamente das línguas originais. Os amigos ao redor aplaudiram seus esforços, mas outros,



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

muito longe, começaram a suspeitar que Jerônimo estaria judaizando; alguns se enfureceram quando Jerônimo lançou dúvidas sobre a “inspiração da Septuaginta”. Traduziu o Saltério hebraico com base no texto hebraico usado na época, na Palestina. Finalmente, em 405, completou sua tradução latina do Antigo Testamento hebraico. Nos últimos quinze anos de vida, Jerônimo continuou escrevendo, traduzindo e revisando sua tradução do Antigo Testamento.

Jerônimo pouca atenção deu aos apócrifos; só com grande relutância produziu uma tradução apressada de algumas passagens de Judite, de Tobias e do resto de Ester, mais as adições de Daniel - antes de morrer. O resultado foi que a versão dos livros apócrifos, pertencente à Antiga latina, foi adicionada à Bíblia chamada Vulgata latina na Idade Média, sobre o cadáver de Jerônimo.

14.1.2 Versões, Traduções e Paráfrase em Inglês

Segundo Philip W. Confort (1998, p. 361), “no século VI, o Evangelho foi levado para a Inglaterra pelos missionários de Roma. A Bíblia que levaram foi a Vulgata Latina. Nessa época, os cristãos que viviam na Inglaterra dependiam dos monges para qualquer tipo de instrução relacionada à Bíblia. Os monges liam e ensinavam a Bíblia latina”. Depois de alguns séculos, quando mais mosteiros foram fundados, surgiu a necessidade de traduções da Bíblia em inglês. A mais antiga tradução em inglês, até onde sabemos, é a que foi feita por um monge do século VII, chamado Cedmon, que fez uma versão métrica de partes do Antigo e do Novo Testamento. Acredita-se que outro clérigo inglês, chamado Bede, traduziu os evangelhos para o inglês. Diz a tradição que, em 735, esse clérigo estava traduzindo o Evangelho de João em seus últimos momentos de vida. Outro tradutor foi Alfredo, o Grande (que reinou de 871 a 899), considerado por todos como um rei muito letrado. Incluiu em suas leis trechos dos Dez Mandamentos traduzidos para o inglês e também traduziu os Salmos.

14.1.2.1 Desenvolvimento da Língua Inglesa

Segundo Norman Geisler (1997, p. 219), “não se sabe com certeza como a língua inglesa se desenvolveu, mas a maioria dos estudiosos segue a orientação de Beda,



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

o Venerável (c. 673-735), que data seu início em cerca de 450 da era cristã". O período de 450 a 1100 é denominado anglo-saxônico, ou do antigo inglês, por ter sido dominado pela influência dos anglos, dos saxões e dos jutos em seus vários dialetos. Após a invasão normanda de 1066, a língua sofreu a influência de dialetos escandinavos, e o período do médio inglês apareceu de 1100 a 1500. Esse foi o período de Geoffrey Chaucer (1340-1400) e de John Wycliffe. Após a invenção da prensa móvel por Johann Gutenberg (c. 1454), o inglês entrou em seu terceiro período de desenvolvimento: o do inglês moderno (1500 até o presente). Esse período de desenvolvimento foi precipitado pela grande mudança vocálica no século que se seguiu à morte de Chaucer e precedeu ao nascimento de William Shakespeare.

14.1.2.2 As Traduções Parciais para o Antigo Inglês (450-1100)

Segundo Norman Geisler (1997, p. 220), "as primeiras traduções de partes das Escrituras basearam-se nas traduções da *Antiga latina* e da *Vulgata*, e não nas línguas originais, o hebraico e o grego, e nenhuma delas continha o texto da Bíblia toda. Não obstante, elas ilustram a maneira pela qual a Bíblia entrou para a língua inglesa".

Aldhelm (640-709). Aldhelm foi o primeiro bispo de Sherborne em Dorset. Logo depois do ano 700, ele traduziu o *Saltério* para o antigo inglês. Foi a primeira tradução direta de qualquer parte da Bíblia para a língua inglesa.

Egberto (700). Egberto da Nortúmbria tomou-se arcebispo de Iorque pouco depois da morte de Beda. Ele foi também o mestre de Alcuíno de Iorque, que foi mais tarde chamado por Carlos Magno para estabelecer uma escola na corte de Aix-la-Chapelle (Aachen). Por volta de 705, Egberto traduziu os evangelhos para o antigo inglês pela primeira vez.

Beda, o Venerável (674-735). Maior estudioso da Inglaterra e um dos maiores de toda a Europa dos seus dias, Beda residiu em Jarrow-on-the-Tyne, na Nortúmbria. De lá, ele escreveu sua famosa *História eclesiástica* e outras obras. Entre essas obras encontrava-se uma tradução do evangelho de João, cujo propósito foi provavelmente o de suplementar os três outros traduzidos por Egberto. Segundo relatos tradicionais, Beda terminou a tradução na hora da morte.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Alfredo, o Grande (849-901). Alfredo foi um estudioso de primeira, além de ter sido rei da Inglaterra (870-901). Durante seu reinado, a Lei Danesa foi estabelecida sob o Tratado de Wedmore (878). O tratado continha somente duas estipulações para os novos súditos: batismo cristão e fidelidade ao rei. Juntamente com sua tradução da *História eclesiástica* de Beda do latim para o anglo-saxão, ele também traduziu os *Dez mandamentos*, excertos do *Êxodo*, 21-23, de *Atos*, 15.23-29, e uma forma negativa da *Regra áurea*. Foi durante o seu reinado que a Inglaterra experimentou um reavivamento do cristianismo.

Aldred (950). Outro elemento foi introduzido na história da Bíblia inglesa quando Aldred escreveu um comentário nortumbriano entre as linhas de uma cópia dos evangelhos escrita no latim do final do século VII. É da cópia latina de Eadfrid, bispo de Lindisfarne (698-721), que a obra de Aldred recebe seu nome, os *Evangelhos de Lindisfarne*.

Aelfric (1000). Aelfric foi bispo de Eynsham, em Oxfordshire, Wessex, quando traduziu partes dos sete primeiros livros do Antigo Testamento. Essa tradução e outras partes do Antigo Testamento que ele traduziu e citou em suas homilias basearam-se no texto latino. Mesmo antes da época de Aelfric, os *Evangelhos de Wessex* foram traduzidos para o mesmo dialeto. Esses elementos constituem a primeira tradução existente dos evangelhos para o antigo inglês.

14.1.2.3. As reduções parciais para o médio inglês (1100-1400)

Segundo Norman Geisler (1997, p. 221), “a conquista normanda (1066) deu-se graças à disputa em torno do trono de Eduardo, o Confessor. Com ela, o período do domínio saxônico na Inglaterra chegou ao fim, e um período de influência normando-francesa se fez sentir sobre a língua dos povos conquistados. Durante esse período de domínio normando foram feitas outras tentativas de traduzir a Bíblia para o inglês”.

Orm ou Ormin (1200). Orm foi um monge agostiniano que escreveu uma paráfrase poética dos evangelhos e de Atos acompanhada de comentário. Essa obra, o *Ormulum*, é preservada em um único manuscrito de 20.000 palavras. Embora o



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

vocabulário seja puramente teutônico, a cadência e a sintaxe mostram a influência normanda.

Guilherme de Shoreham (1320). Shoreham freqüentemente recebe o crédito de ter produzido a primeira tradução em prosa de uma parte da Bíblia para um dialeto sulista do inglês, embora exista alguma dúvida quanto a ele ter sido realmente o tradutor dessa obra de 1320.

Ricardo Rolle (1320-1340). Rolle é conhecido como o "Eremita de Hampole". Foi responsável pela segunda tradução literal das Escrituras para o inglês. Vivendo perto de Doncaster, em Yorkshire, fez sua tradução da *Vulgata latina* para o dialeto inglês do norte. Sua tradução do *Saltério* foi amplamente divulgada e reflete o desenvolvimento da tradução da Bíblia inglesa até a época de John Wycliffe.

14.1.2.4 As Traduções Completas para o Médio Inglês e para o Inglês Moderno em Fase Inicial

Embora não houvesse nenhuma Bíblia completa em inglês antes do século XIV, diversos indícios apontavam para o aparecimento iminente de uma. A ampla circulação do *Saltério* literal de Rolle na exata época em que a corte papal passava por lutas se associou ao chamado cativeiro babilônico (1309-1377). Esse acontecimento e suas conseqüências formaram o pano de fundo para a obra de outros tradutores bíblicos.

A Bíblia de Wycliffe. João Wycliffe (c. 1329-1384) - O mais eminente teólogo oxfordiano de seus dias - e seus associados foram os primeiros a traduzir a Bíblia inteira do latim para o inglês. Segundo Philip W. Confort (1998, p. 363), "Wycliffe foi chamado de a *Estrela da Manhã da Reforma*", porque audaciosamente questionou a autoridade papal, criticou a venda de indulgências, negou a realidade da transubstancialização (doutrina que diz que a substância do pão e do vinho é mudada em corpo e sangue de Jesus Cristo durante a missa) e falou abertamente contra as hierarquias eclesiásticas. O papa condenou Wycliffe por seus ensinamentos "heréticos" e pediu que a Universidade de Oxford o demitisse. Mas Oxford e muitos líderes governistas permaneceram ao lado de Wycliffe, de modo que conseguiu sobreviver aos ataques do papa.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Wycliffe acreditava que o caminho para prevalecer em sua luta contra a autoridade abusiva da Igreja Católica era tornar a Bíblia acessível às pessoas em sua própria língua. Desse modo, poderiam ler por si mesmas acerca da forma como cada uma poderia ter um relacionamento pessoal com Deus através de Jesus Cristo - independente de qualquer autoridade eclesiástica. Wycliffe, com seus associados, completaram o Novo Testamento por volta de 1380 e o Antigo Testamento em 1382. Enquanto Wycliffe concentrava seus esforços no Novo Testamento, um de seus associados, Nicolau de Hereford, fazia uma parte importante do Antigo Testamento. Wycliffe e seus companheiros, desconhecedores do hebraico e do grego originais, traduziram o texto do latim para o inglês. Depois de Wycliffe ter terminado seu trabalho de tradução, organizou um grupo de paroquianos pobres, conhecido como lolardos, para irem por toda a Inglaterra pregando as verdades cristãs e lendo as Escrituras na língua materna a todos os que ouvissem a Palavra de Deus. O resultado desse empreendimento foi que a Palavra de Deus, através da tradução de Wycliffe, tornou-se acessível a muitos ingleses.

Um dos associados mais chegados de Wycliffe, João Purvey (c. 1353-1428), continuou a obra de Wycliffe, lançando, em 1388, uma revisão de sua tradução. Purvey era um excelente erudito. Seu trabalho foi muito bem recebido por sua geração e pelas que se seguiram. Menos de um século depois, a edição revista de Purvey havia substituído a Bíblia inicial de Wycliffe.

William Tyndale (1492-1536). Após tentativas malfadadas de fazer sua tradução na Inglaterra, William Tyndale embarcou para o Continente em 1524. Após outras dificuldades, finalmente imprimiu o Novo Testamento em Colônia, no fim de fevereiro de 1526. Seguiu-se uma tradução do Pentateuco, em Marburgo (1530), e de Jonas, na Antuérpia (1531). Conforme Norman Geisler (1997, p. 224) “as influências de Wycliffe e de Lutero eram evidentes no trabalho de Tyndale e o mantiveram sob constantes ameaças. Além disso, essas ameaças eram tantas, que as traduções de Tyndale tiveram de ser contrabandeadas para a Inglaterra. Tendo chegado lá, exemplares foram comprados por Cuthbert Tunstall, bispo de Londres, que as fez queimar publicamente em St. Paul's Cross”. Conforme Norman Geisler (1997, p. 224) “em 1534, Tyndale publicou sua revisão do Gênesis e começou a trabalhar numa revisão do Novo Testamento. Pouco depois de completar essa revisão, foi seqüestrado na Antuérpia e levado à fortaleza de Vilvorde, em Flandres. Ali continuou a traduzir o Antigo Testamento”.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

A Bíblia de Coverdale. Miles Coverdale era graduado de Cambridge e, como Tyndale, havia sido forçado a fugir da Inglaterra, porque fora grandemente influenciado por Lutero, à medida que audaciosamente pregava contra a doutrina católica. Enquanto estava no exterior, Coverdale encontrou-se com Tyndale e então passou a servi-lo de assistente - sobretudo ajudando-o na tradução do Pentateuco. Pela época em que Coverdale publicava uma tradução completa (1537), o rei da Inglaterra, Henrique VIII, rompia todas as relações com o papa e estava pronto para aceitar a publicação de uma Bíblia em Inglês.

A Bíblia de Rogers e a Bíblia Grande (1537). No mesmo ano em que a Bíblia de Coverdale foi endossada pelo rei (1537), outra Bíblia foi publicada na Inglaterra. Tratava-se do trabalho de alguém chamado Thomas Matthew, pseudônimo de João Rogers (c. 1500-1555), amigo de Tyndale. Obviamente, Rogers usou a tradução inédita dos livros históricos do Antigo Testamento feita por Tyndale, outras porções traduzidas por Tyndale e ainda outras porções da tradução de Coverdale para formar uma Bíblia inteira. Esta Bíblia também recebeu a aprovação do rei. A Bíblia de Rogers foi revisada em 1538 e impressa para distribuição nas igrejas de toda a Inglaterra. Conhecida como a Bíblia Grande por causa do seu tamanho e preço elevado, tomou-se a primeira Bíblia em inglês autorizada para uso público.

A Bíblia de Genebra (1524-1579). Os ingleses exilados em Genebra, Suíça, escolheram William Whittingham (1524-1579) para lhes fazer uma tradução em inglês do Novo Testamento. Whittingham usou a tradução latina de Teodoro Beza e consultou o texto grego. Essa Bíblia tornou-se muito popular, porque era pequena e de preço moderado. O prefácio e suas muitas anotações estavam impregnadas por forte influência evangélica, bem como pelos ensinamentos de João Calvino. Calvino foi um dos maiores pensadores da Reforma, renomado comentarista bíblico e o principal líder em Genebra durante essa época.

A Bíblia do rei Tiago – A King James Version (1611). Em janeiro de 1604, Tiago I foi convocado a comparecer à Conferência de Hampton Court. Na ocasião John Reynolds, presidente puritano da Faculdade Corpus Christi, em Oxford, levantou a questão de ser feita uma versão autorizada da Bíblia para todos os partidos dentro da igreja. Foi nomeada uma junta. Seis grupos de tradutores foram escolhidos: dois em Cambridge para revisar de 1Crônicas a Eclesiastes e os livros apócrifos; dois em Oxford para revisar de Isaías a Malaquias, os evangelhos, Atos e o Apocalipse; dois



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

em Westminster para revisar de Gênesis a 2Reis e de Romanos a Judas. Apenas 47 dos 54 homens escolhidos trabalharam de fato nessa revisão da *Bíblia dos bispos*.

As notas marginais acompanharam a nova revisão, e a chamada *Versão autorizada* nunca chegou a ser de fato autorizada, nem ser de fato uma versão. Ela substituiu a *Bíblia dos bispos* nas igrejas porque nenhuma edição dessa Bíblia foi publicada depois de 1606.

Três edições da nova tradução apareceram em 1611. Outras edições foram publicadas em 1612. Durante o reinado de Carlos I (1625-1649), o Parlamento Longo estabeleceu uma comissão para deliberar sobre a revisão da chamada *Versão autorizada* ou produzir uma tradução totalmente nova. Somente revisões insignificantes resultaram em 1629, 1638, 1653, 1701, 1762, 1769 e duas edições posteriores. Essas três últimas revisões foram feitas pelo Dr. Blayney de Oxford. Elas variaram em cerca de 75 mil pormenores do texto da edição de 1611. Pequenas mudanças continuaram a surgir no texto até datas recentes como 1967 no texto da *Versão autorizada* que acompanha a *New Scofield reference edition* [Nova edição de referência de Scofield]. Entretanto, foram feitas tentativas de trazer amplas alterações e correções às traduções inglesas da Bíblia em virtude de novas descobertas textuais e por conta da natureza mutável da própria língua (GEISLER, 1997, p. 231).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

15 - TRADUÇÕES E VERSÕES CASTELHANAS E PORTUGUESAS

15.1 Traduções Castelhanas

A primeira tradução que se fez em castelhano foi o Novo Testamento surgido em 1543. Foi obra do jovem reformador Francisco de Enzinhas. Filho de pais nobres e ricos foi enviado a estudar nos Países Baixos, onde recebeu decisiva influência dos reformadores. Dirigiu-se posteriormente à Alemanha para conhecer Melanchton, em cuja casa se hospedou. Estudando na Universidade de Wittenberg e encorajado por Melanchton dedicou-se à sublime tarefa de traduzir o Novo Testamento do original grego para a sua língua nativa.

A segunda tradução para o espanhol é a conhecida "Bíblia de Ferrara" que em realidade não contém senão o Antigo Testamento. Esta versão foi obra de certos eruditos judeus, que por questões religiosas foram desterrados da Península Ibérica. Radicaram-se na Itália, onde havia maior liberdade em questões religiosas. Reunidos em Ferrara quatro bons convededores do hebraico e do espanhol, com manuscritos originais a sua disposição não lhes foi muito difícil concluir a tarefa a que se propuseram.

A primeira tradução completa da Bíblia para a língua castelhana foi obra de Casiodoro de Reina, que nascera ao sul da Espanha em 1520.

Após ter estudado para sacerdote, tornou-se pregador evangélico, razão porque teve de fugir da Espanha. Trabalhou 12 anos nesta tradução, que foi publicada em Basileia no ano de 1569. Baseou seu trabalho em manuscritos originais, mas teve auxílio de traduções anteriores, como a grande versão de Ferrara (1533).

15.2 Traduções Portuguesas

Neste capítulo apresentaremos um breve histórico da tradução da Bíblia em português, tanto em Portugal quanto no Brasil.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

15.2.1 Período das Traduções Parciais

D. Diniz (1279-1325) foi a primeira pessoa a traduzir para a língua portuguesa o texto bíblico. Grande conhecedor do latim clássico, e leitor da Vulgata, D. Diniz resolveu enriquecer o português traduzindo as Sagradas Escrituras para o nosso idioma, tomando como base a Vulgata Latina. Embora lhe faltasse perseverança e só conseguisse traduzir os vinte primeiros capítulos do livro de *Gênesis*, esse seu esforço o colocou em uma posição historicamente anterior a alguns dos primeiros tradutores da Bíblia para outros idiomas, como João Wycliff, por exemplo, que só em 1380 traduziu as Escrituras para o inglês.

Fernão Lopes disse em seu curioso estilo de cronista do século XV, que D. João I (1385-1433), um dos sucessores de D. Diniz no trono português, “fez grandes letados tirar em linguagem os Evangelhos, os Atos dos Apóstolos e as epístolas de São Paulo, para que aqueles que os ouvissem fossem mais devotos acerca da lei de Deus”. (Crônica de D. João I, 2^a. Parte). Esses “grandes letados” eram vários padres que também se utilizaram da Vulgata Latina em seu trabalho de tradução.

Enquanto esses padres trabalhavam, D. João I, também conhecedor do latim, traduziu o livro de *Salmos*, que foi reunido aos livros do *Novo Testamento* traduzidos pelos padres. Seu sucessor, D. João II, outro grande apoiador das traduções do texto bíblico, mandou gravar no seu cetro a parte final do versículo 31 de Romanos 8: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”.

Como nessa época a imprensa ainda não havia sido inventada, os livros eram produzidos em forma manuscrita, fazendo-se uso de folhas de pergaminho. Isso tornava sua circulação extremamente reduzida. Por ser um trabalho lento e caro, era necessário que ou a Igreja Romana ou alguém muito rico assumisse os custos do projeto. Ninguém mais indicado para isto do que os nobres e os reis.

Outras figuras da monarquia de Portugal também realizaram traduções parciais da Bíblia. A neta do rei D. João I e filha do Infante D. Pedro, a Infanta D. Filipa, traduziu do francês os *Evangelhos*. No século XV surgiram publicados em Lisboa o *Evangelho de Mateus* e porções dos demais *Evangelhos*, um trabalho realizado pelo frei Bernardo de Alcobaça, que pertenceu à grande escola de tradutores



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

portugueses da Real Abadia de Alcobaça. Ele baseou suas traduções na Vulgata Latina.

A primeira harmonia dos *Evangelhos* em língua portuguesa, preparada em 1495 pelo cronista Valentim Fernandes, e intitulada *De Vita Christi*, teve os seus custos de publicação pagos pela rainha Dona Leonora, esposa de D. João II. Cinco anos após o descobrimento do Brasil, D. Lenora mandou também imprimir o livro de *Atos dos Apóstolos* e as *epístolas universais* de Tiago, Pedro, João e Judas, que haviam sido traduzidos do latim vários anos antes por frei Bernardo de Brinega.

Em 1566 foi publicada em Lisboa uma gramática hebraica para estudantes portugueses. Ela trazia em português, como texto básico, o livro de Obadias.

15.2.1.1 Outras Traduções

Outras traduções em língua portuguesa, realizadas em Portugal, são dignas de menção: Os quatro Evangelhos, traduzidos em elegante português pelo padre jesuíta Luiz Brandão. No início do século XIX, o padre Antônio Ribeiro dos Santos traduziu os Evangelhos de Mateus e Marcos, ainda hoje inéditos.

É fundamental salientar que todas essas obras sofreram, ao longo dos séculos, implacável perseguição da Igreja Romana, e de muitas delas só escaparam um ou dois exemplares, hoje raríssimos. A Igreja Romana também amaldiçoou a todos os que conservassem consigo essas traduções da Bíblia em idioma vulgar (BÍBLIA THOMPSON, 1992, p. 1379).

15.2.2 Tradução de João Ferreira de Almeida

A Edição Comemorativa do Terceiro Centenário da Tradução da Bíblia em língua portuguesa apresentou para João Ferreira de Almeida as seguintes informações: "Nascido em Torres de Tavares, Conselho de Mangualde, Portugal, em 1628, faleceu, João Ferreira de Almeida, em 1691". Temos aqui 63 anos que se dignificaram na vida do consagrado servo de Deus. É consagrado no campo da cultura secular, versado na lingüística, incansável na comparação das línguas que aprendeu e usou, valeu-se de sua língua nativa, a portuguesa, para a expressão



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

geral e ampla de suas obras principais, destacando-se, dentre elas, a tradução que fez da Bíblia, dos originais hebraico e grego para a língua portuguesa.

João Ferreira de Almeida foi quem primeiro traduziu a Bíblia para o nosso vernáculo. Português ele, de três séculos idos, é certo que ainda falando e escrevendo corretamente, com segura inteligência das proposições, das frases e das palavras teve linguagem que hoje seria distante e até, não raro, diferente para as sucessivas edições da Bíblia, segundo ele a traduziu, porque a evolução semântica da linguagem, por vezes, impõe mudanças de palavras para que se não mude o sentido das mensagens.

Há 300 anos (1681) João Ferreira de Almeida traduziu o Novo Testamento, em Amsterdã; e daí avante, sua publicação (Batávia, 1693), novamente em Amsterdã (1712); em Trangambar, 1760; e outra vez em Batávia, 1773.

Incansável no trabalho traduziu também o Antigo Testamento, mas até o versículo 12 do capítulo 48 de Ezequiel.

Em 1656, Almeida foi ordenado pastor da Igreja Reformada, mas sempre desejoso de promover a Reforma em Portugal. De 1656 até 1658 foi missionário no Ceilão, depois na Índia, e foi o primeiro ordenado a pregar em português. De volta a Batávia, pastoreou a comunidade portuguesa ali existente.

Faleceu, dissemos, em 1691, todavia João Ferreira de Almeida até hoje influiu com as traduções que deixou da Bíblia. A mais antiga versão usual no Brasil, entre os evangélicos, mereceu da Sociedade Bíblica do Brasil certa atualização na linguagem, pois distam três séculos a tradução do Almeida.

Na seção de Livros Raros da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, há um exemplar do Novo Testamento impresso em Amsterdã (1712).

15.2.2.1 A Tradução de Almeida Revisada

Duas entidades – Comissão Revisora e Comissão Consultiva – foram organizadas entre nós, sob os auspícios das Sociedades Bíblicas Unidas para se desincumbirem da sagrada responsabilidade de rever a Tradução de Almeida e atualizar a sua linguagem. Estas duas comissões em sua reunião inaugural, no dia 14 de abril de



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

1943, sob a presidência do destacado Pastor César Dacorso Filho, tratavam das "Razões por que necessitamos de uma revisão das atuais versões da Bíblia em Português". Os brasileiros contaram com o apoio irrestrito e a sábia experiência dos Secretários Executivos das Sociedades Bíblicas Unidas nesta primeira reunião, mas posteriormente o Secretário de Tradução da Sociedade Bíblica Americana, Dr. Eugene A. Nida visitou o nosso país com a finalidade precípua de orientar os trabalhos de tradução e revisão.

Depois de ponderados e minuciosos estudos das três traduções mais divulgadas no Brasil, ou sejam: Almeida, Figueiredo e da Tradução Brasileira de 1917, a comissão decidiu pela revisão da tradução Almeida, observando os seguintes tópicos: fidelidade ao texto original; tradução e não interpretação; clareza, correção e elegância de linguagem; cunho espiritual da linguagem; aproveitamento de outras versões e acesso às línguas originais.

De acordo com a Sociedade Bíblica do Brasil, o trabalho feito não foi uma nova tradução, mas uma revisão da tradução de João Ferreira de Almeida. Os textos originais foram Nestle, para o Novo Testamento e Letteris para o Velho Testamento.

As modificações feitas em Almeida se basearam, especialmente, nestes aspectos: infidelidade ao original, ou em desacordo com o melhor texto; palavra ou frase antiquada demais; palavra ou frase que apresentasse alguma impropriedade; construção gramatical inferior.

Nesta revisão, talvez tenha permanecido, no máximo, 30% da linguagem de Almeida, não sendo de admirar este corte se levarmos em consideração que a linguagem de Almeida, que estava sendo atualizada, tinha quase 200 anos.

O renomado vernaculista, Antônio de Campos Gonçalves, secretário e relator da Comissão nos científica de que a Sociedade Bíblica do Brasil desejou conservar o mais possível a linguagem de Almeida, mas este objetivo era difícil de ser alcançado, por ser muito antiga a sua linguagem e por serem diferentes os originais seguidos por Almeida (*Textus Receptus*) e pela Comissão Revisora (Letteris e Nestle).

Outros aspectos contestados por entendidos na arte de traduzir sobre a Almeida Atualizada são os termos eruditos e rebuscados, desconhecidos até por pessoas cultas. Preciosismos literários idênticos aos seguintes deveriam ser evitados: coudelaria (Et 8.10), excogitar (Sl 64.6), acrisolar (Sl 66.10), espelta (Is 28.25), sachar (Is 5.2), prevaricações (Ez 33.0), gazofiláceo (Mc 12.41), recalcitrar (At 2614),



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

inculcando-se (Rm 1.22), adágio (2Pe 2.22). Não nos esqueçamos de que a linguagem é correta e o estilo agradável de se ler.

Como bem destacou o Dr. Bittencourt, no livro O Novo Testamento, páginas 244 e 245: "Nenhuma tradução é perfeita, nem quanto ao presente, nem futuro. E a última revisão de Almeida não poderia escapar a este destino.

A crítica aponta-lhe sérios lapsos de tradução, que seria cansativo enumerar. E, ao comentar o fato sobre o Antigo Testamento o ilustre professor de línguas da Universidade de São Paulo, disse que os Salmos, especialmente, poderiam ser bem melhorados, quer quanto à tradução propriamente dita, quer quanto à métrica.

Embora a espaços largos no correr do tempo, a semântica de alguns vocábulos varia. Novos vocábulos vão sendo criados e outros abandonados, tornando-se arcaicos.

E para que determinada tradução não envelheça, ela deve ser revista, não só quanto à língua, mas quanto à tradução propriamente dita, levando-se em conta as descobertas no campo da crítica textual que sempre trazem novo material para o aperfeiçoamento do texto sagrado nas línguas originais. E esta revisão, tão recente, já pede outros labores que a tornem bem melhor.

15.2.3 Tradução de Figueiredo

Por um decreto de 1757, no tempo do Papa Bento XIV, a Bíblia era reconhecida como útil para robustecer a fé. Esta nova atitude da Igreja Católica Romana deu impulso à tradução da Bíblia com a Vulgata como base. Entre estes se encontrava o Padre Antônio Pereira de Figueiredo, nascido perto de Lisboa em 1725. Por ser exímio latinista, e como ele mesmo confessa: "Não sendo eu nem ainda medianamente instruído nas línguas originais, hebraica e grega, em que foram escritos, respectivamente, o Velho Testamento e os Evangelhos, mal poderia sair exata e perfeita esta minha tradução."

A sua tradução se baseou na Vulgata. Por 18 anos ocupou-se deste trabalho, que foi submetido a duas revisões cuidadosas antes de ser publicado. A primeira edição do Novo Testamento saiu em 1778 em seis volumes e o Velho Testamento foi publicado em 17 volumes, seguidamente, desde 1783 a 1790.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

A edição de sete volumes completada em 1819 é considerada o padrão das versões de Figueiredo. A tradução de Figueiredo em um só volume foi publicada pela primeira vez em 1821.

A principal objeção que se faz à Bíblia de Figueiredo é esta: apresenta deficiências que se verificam numa tradução de tradução.

Dr. Benedito P. Bittencourt apresentou ainda as seguintes falhas nesta tradução:

O uso de algumas palavras em Português demonstra como foi tendenciosa a tradução de Figueiredo. Em 1 Pedro 5.5 ele traduz: 'apomando a honra dos padres'. Nas revisões feitas pelas sociedades Bíblicas esta tradução foi mudada para 'obedecei aos mais velhos' em harmonia com o original. Em João 11.57 ele traduz 'pontífice' em lugar de 'sumo-sacerdote', bem como na maioria dos lugares em que o termo aparece na carta aos Hebreus. A palavra padre, no sentido usado pela Igreja Romana, é usada, como no exemplo dado, para traduzir a palavra grega presbíteros em muitos lugares, o que não representa o sentido original. Figueiredo foi acusado de tradução perifrástica e livre. Em 2Co 4.8b ele traduz: 'Somos cercados de dificuldades insuperáveis e a nenhuma sucumbimos', que Almeida revista traduz: 'perplexos, porém não desanimados'. Não é somente tradução perifrástica, mas a segunda parte não guarda o significado original. Ele faz duas pequenas sentenças coordenadas em vez de adversativas. Não foi influência da Vulgata que ele tinha diante de si, pois esta traz: aporiamur, sed non destituimur, mas seu próprio modo de traduzir [...] Dezenas de exemplos se poderiam citar, mas estes poucos dão idéia de como Figueiredo fez sua tradução: melhor linguagem que a de Almeida, mas pior tradução." (O Novo Testamento. Cânon – Língua – Texto, p. 220).

A tradução de Figueiredo foi a primeira a verter a expressão "kuriakē hemera" de Ap 1.10 para domingo.

15.2.4 Edição Trinitária de 1883

Tão logo se fundou a Trinitarian Bible Society, em Londres, cuidou de verter o Livro Santo em vários idiomas, inclusive em português, que saiu a lume em 1883. Esta primeira edição da Trinitária é muito disputada pelos adventistas da fala portuguesa,



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

ao ponto de se pagarem somas fabulosas por um exemplar, hoje raríssimo. E por quê? Porque ela registra assim Lc 23.43: 'E Jesus lhe disse: Na verdade te digo hoje, que estarás comigo no Paraíso'. E Ap 22.14: 'Bem-aventurados aqueles que guardam os seus Mandamentos, para que tenham acesso à árvore da vida, e para que entrem na cidade pelas portas'. E assim Jo 3.4: '... pecado é quebrantamento da Lei'. Estes três textos, assim traduzidos, casam-se maravilhosamente com certos aspectos da doutrina adventista. Também Is 42.21: '... engrandecerá Ele a Lei, e a fará ilustre'.

Entretanto, tirando esta aparente vantagem para os adventistas, a tradução, nos demais, do ponto de vista técnico e diante de novas descobertas da Crítica Textual, deixa muito a desejar, não é recomendável como um todo. A crítica especialmente aponta-lhe sérios deslizes tradutórios no Velho Testamento, principalmente em alguns Salmos. A parte do Novo Testamento baseou-se no texto Receptus de 1624, que não é bom, e foi superado pelo trabalho de Tischendorf e posteriormente por Westcott and Hort, pelos papiros de Beatty, e mais recentemente pelo famoso e atualíssimo texto de Ebberard Nestle. Ora, os textos gregos modernos estão escoimados de interpolações e inexatidão dos textos antigos, pois o trabalho da Crítica Textual consiste em restaurar, tanto quanto possível o texto original.

O português desta primeira edição da Trinitária é simplesmente horroroso, arcaicíssimo e deselegante. É freqüente o emprego de termos obsoletos e desusados, como, 'capros' (Lv 16.8), 'hum', 'humo' (em vários passos), 'olíbano' (Is 66.3), 'graça' (Sl 1.4)... e, sobretudo a inadmissível grafia dos verbos no futuro ('virão', por exemplo).

Cacófatos dos piores encontram-se, por exemplo, em 2Sm 1.3; Gn 25.30; Ez 45.24; 46.11; Sl 102.6; Is 62.8; 2Co 11.33; Hb 11.27. E um verbo de sentido chulo em Lc 2.6 e 7. A Versão Trinitária em 1883 jamais é referida pelos eruditos, que a consideram destituída de valor crítico.

15.2.5 Trinitária Revisada

Circula em Portugal, há algum tempo, uma edição revista da Trinitária, com a linguagem melhorada e atualizada, de acordo com a reforma ortográfica oficializada pela Academia de Ciências de Lisboa. Mas não melhorou o conteúdo, e foram



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

alteradas certas redações, inclusive de Lc 23.43, que agora está como as demais versões: "na verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso". E ainda conserva boa parte dos cacófatos, e incorreções tradutórias. Os próprios evangélicos brasileiros não a apreciam.

15.2.6 Traduções parciais da Bíblia no Brasil

Nazaré. Em 1847 publicou-se, em São Luís do Maranhão, *O Novo Testamento* traduzido por frei Joaquim de Nossa Senhora de Nazaré, que se baseou na Vulgata. Este foi, portanto, o primeiro texto bíblico traduzido no Brasil. Essa tradução tornou-se famosa por trazer em seu prefácio pesadas acusações contra as "Bíblias protestantes", que, segundo os acusadores, estariam "falsificadas" e falavam "contra Jesus Cristo e contra tudo quanto há de bom". Em 1879, a Sociedade de Literatura Religiosa e Moral do Rio de Janeiro publicou a que ficou conhecida como "A Primeira Edição Brasileira" do Novo Testamento de Almeida. Essa versão foi revista por José Manoel Garcia, lente (professor de escola superior ou secundária) do Colégio D. Pedro II; pelo pastor M. P. B. de Carvalhosa, de Campos, RJ, e pelo primeiro agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil, pastor Alexandre Blackford, ministro do Evangelho no Rio de Janeiro.

"Harpa de Israel" foi o título que o notável hebraísta F. R. dos Santos Saraiva deu à sua tradução do *Livro dos Salmos*, publicada em 1898.

Em 1909, o padre Santana publicou sua tradução do *Evangelho de Mateus*, vertida diretamente do grego. Três anos depois Basílio Teles publicou a tradução do *Livro de Jó*, com sangrias poéticas. Em 1917 foi a vez de J. L. Assunção publicar *O Novo Testamento*, tradução baseada na Vulgata Latina.

Traduzido do velho idioma etíope por Esteves Pereira, *O Livro de Amós* surgiu isoladamente no Brasil em 1917. Seis anos depois, J. Basílio Pereira publicou a tradução do *Novo Testamento* e do *Livro dos Salmos*, ambos baseados na Vulgata. Por essa época surgiu no Brasil (infelizmente, sem indicação de data) a *Lei de Moisés* (O Pentateuco), edição bilíngüe hebraico-português, preparada pelo rabino Meir Masiah Melamed.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

O padre Huberto Rohden foi o primeiro católico a traduzir no Brasil o *Novo Testamento* diretamente do grego. Publicada pela instituição católico-romana Cruzada Boa Esperança, em 1930, essa tradução, por estar baseada em textos considerados inferiores, sofreu severas críticas.

15.2.6.1 Traduções completas

Em 1902, as sociedades bíblicas empenhadas na disseminação da Bíblia no Brasil patrocinaram nova tradução da Bíblia para o português, baseada em manuscritos melhores que os utilizados por Almeida. A comissão constituída para tal fim, composta de eruditos nas línguas originais e no vernáculo, entre eles o gramático Eduardo Carlos Pereira, fez uso de ortografia correta e vocabulário erudito. Publicado em 1917, esse trabalho ficou conhecido como Tradução Brasileira. Apesar de ainda hoje apreciadíssima por grande número de leitores, essa Bíblia não conseguiu se firmar-se no gosto do grande público.

Coube ao padre Matos Soares realizar a tradução mais popular da Bíblia entre os católicos na atualidade. Publicada em 1930 e baseada na Vulgata, essa tradução possui notas entre parêntesis defendendo os dogmas da Igreja Romana. Por esse motivo recebeu apoio papal em 1932.

Em 1943, as Sociedades Bíblicas Unidas encomendaram a um grupo de hebraístas, helenistas e vernaculistas competentes uma revisão da tradução de Almeida. A comissão melhorou a linguagem, a grafia de nomes próprios e o estilo da Bíblia de Almeida.

Em 1948 organizou-se a Sociedade Bíblica do Brasil, destinada a “Dar a Bíblia à Pátria”. Esta entidade fez duas revisões no texto de Almeida, uma mais aprofundada, que deu origem à Edição Revista e Atualizada no Brasil, e uma menos profunda, que conservou o antigo nome “Corrigida”.

Em 1967, a Imprensa Bíblica Brasileira, criada em 1940, publicou a sua Edição Revisada de Almeida, cotejada com os textos em hebraico e grego. Essa edição foi posteriormente reeditada com ligeiras modificações.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Mais recentemente, a Sociedade Bíblica do Brasil traduziu e publicou a Bíblia na Linguagem de Hoje (1988). O propósito básico desta tradução tem sido o de apresentar o texto bíblico numa linguagem comum e corrente.

Em 1990, a Editora Vida publicou a sua Edição Contemporânea da Bíblia traduzida por Almeida. Essa edição eliminou arcaísmos e ambigüidades do texto quase tricentenário de Almeida, e preservou, sempre que possível, as excelências do texto que lhe serviu de base.

Enquanto a edição da Bíblia Thompson estava sendo preparada, uma comissão constituída de eruditos em grego, hebraico, aramaico e português, coordenada pelo São Luiz Sayão trabalhava em uma nova tradução das Escrituras para a língua portuguesa, sob o patrocínio da Sociedade Bíblica Internacional.

São, também, dignas de referência: A Bíblia traduzida pelos monges de Meredsous (1959); A Bíblia de Jerusalém, traduzida pela Escola Bíblica de Jerusalém (padres dominicanos), e editada no Brasil por Edições Paulinas em 1981, com notas, e a Edição Integral da Bíblia, trabalho de diversos tradutores sob a coordenação de Ludovico Garmus, editado por Editora Vozes e pelo Círculo do Livro, também com notas.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

16 - ERROS NO TEXTO, CRÍTICA TEXTUAL E TEXTO RECEPTUS

16.1 Causas dos Erros na Transmissão do Texto Bíblico

Antes da invenção da imprensa, no século XV, a transmissão de qualquer escrito, apenas poderia ser feita copiando, pacientemente, à mão, palavra por palavra. Podemos imaginar quantas probabilidades de erro tal método comporta. Experimente-se pedir a 20 pessoas que copiem determinado trecho, copiando sucessivamente, cada uma da outra cópia, no final ficaremos estupefatos diante do resultado obtido. Nos manuscritos tiravam-se cópias e apesar do estrito cuidado, as variantes logo apareciam.

16.1.1 Erros Involuntários

16.1.1.1 Erros provenientes de uma visão deficiente

O escriba atingido por astigmatismo achava difícil distinguir as letras gregas que se pareciam, especialmente se o copista anterior não escreveu com cuidado. Assim num manuscrito uncial, onde o sigma era feito como sigma lunar, era fácil confundi-lo com o épsilon, o teta e o ómicron C E Y O. Se dois lâmbdas fossem escritos muito juntos poderiam ser tomados pela letra Mi, como aconteceu em Romanos 6.5, em muitos manuscritos está A L L A (mas), outros está AMA (juntos). Há divergência em alguns manuscritos com a parte final de 1Co 12.13. A maioria traz: "E a todos nós foi dado beber de um só Espírito"; contudo em alguns aparece: "E a todos nós foi dado beber de uma bebida". Esta variante surgiu quando alguns copistas leram erradamente IMA (a contração comum da palavra INEYMA – espírito, como IIOMA (bebida).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

16.1.1.2 Erros provenientes de igual terminação

Tecnicamente, este erro chama-se homoioteleuton = final igual de duas linhas. Pelo fato de duas linhas seguidas terminarem com a mesma palavra ou sílabas, os olhos do copista podiam pular da primeira para a segunda, omitindo accidentalmente várias palavras. Assim é explicada a curiosa tradução de João 17.15 no Códice Vaticano, onde não aparecem as palavras aqui colocadas entre parênteses: "Não peço que os tires do (mundo, mas que os livres do) mal". Algumas vezes, os olhos do escriba, apanhavam a mesma palavra ou grupo de palavras uma segunda vez e como resultado copiava duas vezes, o que deveria ter feito apenas uma. Em Atos 19.34 a expressão: Grande é a Diana dos efésios, aparece duas vezes no Códice Vaticano. Chama-se ditografia a repetição daquilo que ocorre apenas uma vez e haplografia a falta da repetição de uma letra ou palavra.

16.1.1.3 Erros provenientes de audição deficiente

Era comum ditarem ao copista e ele escrever uma outra palavra parecida, como as nossas imersão e emersão, despercebido e desapercebido, comprimento e cumprimento. Outro problema com o ditado encontrava-se nas homônimas não homógrafas, como ilustram as palavras portuguesas: sinto e cinto, incipiente e insipiente, cocho e coxo. A confusão entre épsilon e eta, ômega e ómicron era muito comum em ditados. Um problema desta natureza está em Romanos 5.1, onde a variante tenhamos se alterna com temos, em grego ecwnen e econen. Dr. Benedito de Paula Bittencourt, em seu trabalho pioneiro de Crítica Textual em Língua Portuguesa fez a análise crítica deste versículo e a quem pedimos vénia para citar algumas de suas conclusões.

Crítica externa – Quantitativamente e qualitativamente as evidências externas parecem favorecer o subjuntivo. No entanto, descoberta recente, a do fragmento do MS 0220, vem suprir o que falta a P. 46, que começa em 5.17. Este manuscrito, cuja leitura é dificultada pelo estado em que se encontra, parece indicar que o verbo está escrito com ómicron e não com ômega, sendo, no caso, um indicativo e não subjuntivo, como indicam os escribas primários do Sinaítico e Vaticano. Crítica interna – Se a Teologia de Romanos e dos escritos paulinos como um todo for



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

examinada, poderá o crítico chegar a uma conclusão final, na qual os elementos já compulsados das evidências externas darão sua colaboração conclusiva. O indicativo dá idéia de algo ativo no presente, enquanto o subjuntivo é modo exortativo e que traz em si a idéia de ação volitiva no tempo futuro. Há no subjuntivo também a idéia de ordem, imperativa. O subjuntivo coloca o Apóstolo exortando o homem justificado pela fé em Cristo a alcançar por seus esforços sua paz com Deus. Mas, isto é contra o pensamento paulino. Para Paulo não há necessidade de esforços humanos para alcançar paz com Deus, pois o homem é incapaz de realizar sua própria salvação e mesmo manter sua paz. Cristo, e somente Cristo, é seu Salvador e só Ele é capaz de reconciliar o homem com seu Deus e lhe dar paz. Esta é a idéia do indicativo (O Novo Testamento, p. 199-200).

No grego Coinê os ditongos oi, ui, e as simples vogais h, i, u não apresentavam diferença de pronúncia soando todos como o nosso "i" resultando daí trocas entre hmeiv = nós e umeiv = vós; eieroiv = outros e elairoiv = companheiros (Mt 11.16). Em Hebreus 4.11 o escriba do Códice Claromontano escreveu aletheias = verdade, por apeitheias (desobediência) com resultados desastrosos para o sentido. A declaração de Paulo de 1Co 15.54: "tragada foi a morte na vitória (nicós em Grego)" está no papiro 46 e Códice B: "tragada foi a morte no conflito (neicós)".

16.1.1.4 Erros de Memória

Estes erros surgiram porque a memória falhava enquanto o copista olhava para o manuscrito e procurava escrever o que lá se encontrava. Este tipo de erro explica a origem de um grande número de mudanças, especialmente nos evangelhos sinóticos, envolvendo a substituição de sinônimos, variação na ordem das palavras, troca de palavras por influência de outra passagem paralela, talvez conhecida do escriba. A substituição de sinônimos aparece em exemplos como: eipen por efe, ec por apó, etc. Um exemplo de troca de palavras temos em Mt 19.16-17, onde alguns copistas alteraram o relato para que este concordasse com Mc 10.17 e Lc 18.18. À declaração de Cl 1.14 copistas acrescentaram em alguns manuscritos, "através do seu sangue", por influência da passagem paralela de Ef 1.7.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

16.1.1.5 Erros de Julgamento

Encontramos alguns erros que apenas podem ser explicados por culpa de copistas pouco inteligentes ou descuidados. Palavras ou notas explicativas, encontradas na margem, eram muitas vezes, incorporadas ao texto do Novo Testamento. Ao copista encontrar na margem, notas explicativas como sinônimos de palavras difíceis, correções, comentários pessoais, ficava perplexo sem saber o que fazer com elas. Alguns resolveram o problema da seguinte maneira – colocaram a nota no texto que estavam copiando. Há manuscritos que trazem acrescentadas a Rm 8.1 as seguintes palavras: "que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito". Esta era uma nota explicativa na margem do primeiro versículo, talvez tirada do verso quatro.

Somente descuido em alto grau pode justificar alguns absurdos perpetrados por escribas pouco perspicazes. Talvez um dos piores desatinos cometidos por um escriba se encontra no manuscrito 109 do século XIV. Este manuscrito, dos quatro evangelhos, agora no Museu Britânico, foi transscrito de uma cópia que deve ter tido a genealogia de Jesus era duas colunas de 28 linhas cada uma. Em vez de transcrever o texto seguindo as colunas em sucessão, o escriba do 109 copiou a genealogia seguindo as linhas através das duas colunas, surgindo como era de se esperar um resultado desastroso. Quase todos os filhos estão com os pais trocados; Deus é dado como filho de Adão e Fares é a fonte de toda a raça e não Deus.

16.1.2 Erros Intencionais

Por estranho que pareça, os escribas que pensavam, eram mais perigosos do que aqueles que se limitavam a copiar o que tinham diante de si. Muitas das alterações, que podem ser classificadas como intencionais foram, sem dúvida, introduzidas de boa fé por copistas que criam estar corrigindo erros ou infelicidades de linguagem, que se haviam introduzido no texto sagrado e precisavam ser retificados. A despeito da vigilância de eclesiásticos zelosos, alguns escribas, chocados com erros reais ou imaginários, de ortografia, gramática e fatos históricos, deliberadamente, introduziram mudanças no que estavam copiando.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

16.1.2.1 Correções na Ortografia, Gramática e Estilo

O livro de Apocalipse, com seus freqüentes semitismos e solecismos, apresentava muitas tentações aos escribas ciosos da correção gramatical.

Para melhorar a sintaxe do nominativo depois da proposição apó (Ap 1.4), eles inseriram tou, Qeou ou Kurivon. O escriba culto era tentado a melhorar a linguagem.

16.1.2.2 Correções Harmonizadoras

Intencionalmente ou não, procurando harmonizar passagens paralelas ou relatos idênticos, os copistas alteravam algumas passagens bíblicas.

Os exemplos são muitos, mas aqui serão apresentados somente dois: Em João 19.20 encontra-se a expressão – Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus, estava escrito em hebraico, latim e grego. Em muitos manuscritos, os copistas acrescentaram no texto de Lucas 23.38, isto foi escrito em hebraico, latim e grego; a forma mais curta da Oração do Senhor em Lc 11.2-4 foi alterada, em muitas cópias, para concordar com a forma mais familiar e mais longa encontrada em Mateus 6.9-13.

16.1.2.3 Acréscimo de Complementos Naturais e Semelhantes

A obra dos copistas na amplificação e arremate das frases é evidente em muitas passagens.

Vários escribas, supondo que algo estava faltando na declaração de Mt 9:13 "Pois não vim chamar os justos, mas os pecadores" acrescentavam "ao arrependimento". Outros copistas achavam difícil deixar a palavra escriba, sem acrescentar fariseu, como aconteceu em Mt 27.41. Em Cl 1.23 há um interessante exemplo ilustrando como os copistas não resistiram à tentação de realçar a dignidade do Apóstolo



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Paulo. Neste verso Paulo diz que ele se tornou ministro do Evangelho, em grego está "diácono". Sendo que a palavra grega "diácono" significa, literalmente, aquele que serve ministro, passou a designar uma ordem inferior do ministério, isto é, aqueles que executam trabalhos mais simples na Igreja; os copistas dos manuscritos alefe a e P mudaram diáconos para querix e apóstolos, por acharem que estes títulos eram mais apropriados ao grande Apóstolo dos Gentios. O manuscrito A traz os três títulos para Paulo – arauto, apóstolo e ministro.

16.1.2.4 Esclarecimento de Dificuldades Históricas e Geográficas

A citação de Mc 1.2 é introduzida pela fórmula "Como está escrito no profeta Isaías". Acontece que a citação é proveniente dos profetas Isaías e Malaquias: Isaías 40.3 e Malaquias 3.1. Alguns escribas sentindo esta dificuldade substituíram a expressão "no profeta Isaías" por "nos profetas". Sendo que Mateus 27.9 atribui ao profeta Jeremias o que na realidade veio de Zacarias 11.12; não é de admirar que alguns copistas procurassem corrigir o erro, substituindo o nome, ou omitindo-o. Alguns copistas tentaram harmonizar o relato da cronologia da paixão com a de Marcos, pela mudança da "hora sexta" de João 19.14 para "terceira hora", que aparece em Marcos 15.25. Porque a declaração de Marcos 8.31 - "depois de três dias ressuscitará", parece envolver um problema cronológico, alguns copistas a alteraram para "ao terceiro dia".

16.1.2.5 Duplicidade de Textos

O que faria um escriba consciente quando descobria que a mesma passagem fora dada diferentemente em dois ou mais manuscritos que tinha diante de si? Em vez de fazer uma escolha entre as duas variantes (com a probabilidade de omitir a genuína) muitos incorporaram as duas na mesma cópia que estavam transcrevendo. Isto produziu a chamada duplicidade de textos ou de leituras, característica predominante da família bizantina. Os dois exemplos seguintes confirmam este fato: A declaração de Lucas de que os discípulos estavam continuamente no templo bendizando a Deus, aparece em alguns manuscritos, "estavam continuamente no



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

templo orando a Deus". Não poucos copistas concluíram que era mais seguro transcrever as duas declarações, aparecendo assim: "estavam continuamente no templo orando e bendizendo a Deus". Atos 20.28 aparece em alguns manuscritos como: "Igreja de Deus", e em outros: "Igreja do Senhor". Vários manuscritos posteriores trazem "Igreja do Senhor e Deus".

16.1.2.6 Alterações Feitas por Questões Doutrinárias

Estas alterações são difíceis de serem avaliadas.

Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Eusébio e muitos outros Pais da Igreja acusaram os heréticos de corromperem as Escrituras para apoarem suas opiniões pessoais. Por exemplo, Márcion tirou do Evangelho de Lucas todas as referências judaicas relacionadas com Jesus. A Harmonia dos Evangelhos de Taciano traz várias alterações textuais para apoiar suas opiniões ascéticas. Os manuscritos do Novo Testamento preservam traços de duas espécies de alterações dogmáticas: as que envolvem eliminação ou alteração do que era considerado doutrinariamente inaceitável ou inconveniente e as que introduziram dentro das Escrituras "provas" para uma prática ou um dogma teológico. Os exemplos são muitos, como podem ser vistos em The Text of the New Testament, página 202 e 203, mas destes apenas um será transcrito: Escribas que não podiam harmonizar a declaração de Jesus de Mt 24.36 e Mc 13.32 "que Ele não sabia o dia da sua vinda", com a sua divindade, omitiam a expressão: "nem o Filho".

16.1.2.7 Acréscimo de Pormenores:

Acréscimos feitos na margem ou em notas no rodapé, uma vez ou outra eram introduzidos para o texto. Sempre houve e ainda há grande curiosidade em saber o nome de alguns personagens que aparecem anonimamente no texto bíblico. Como a tradição dava nomes a estas pessoas, copistas eram tentados a colocá-los no texto que estavam copiando. Velhos Manuscritos latinos apresentam os seguintes nomes para os dois ladrões crucificados com Cristo: Zoatan, Camma, Magatras. Entre nós é comum ouvirmos que o nome do bom ladrão era Dimas. O nome do



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

homem rico de Lucas 16.19 aparece na versão saídica como Níneve ou Ninivita, nome comum para ricos dissolutos naquele tempo. Uma adição apócrifa num antigo manuscrito latino declara que quando Jesus foi batizado uma tremenda luz brilhou da água atemorizando a todos os que estavam presentes. Os títulos dos livros apresentam curiosidades dos amanuenses. O mais original neste aspecto é o título que o copista do manuscrito 1775 deu ao Apocalipse: "Apocalipse do todo glorioso evangelista, amigo do peito de (Jesus), virgem, amado de Cristo, João – o teólogo, filho de Salomé e Zebedeu, mas filho adotivo de Maria, a mãe de Deus, e filho do trovão".

Conclusões

Todos os estudiosos dos problemas dos copistas estão bem cientes de que o estudo comparativo de vários textos é de grande ajuda para a eliminação destes erros. Estes erros têm sido denominados de periféricos, porque não abrangem a essência dos ensinamentos divinos. Quem sabe pessoas iniciantes ou despreparadas em "Crítica Textual" pensem da seguinte maneira: este estudo não deveria ser apresentado, porque pode levar pessoas a descreverem da Palavra de Deus e a concluírem que os escribas eram descuidados, caprichosos e tendenciosos. Verdades e realidades não podem e não devem ser escondidas.

Todos devem ter em mente esta verdade fundamental: o que foi apresentado neste capítulo aconteceu com alguns manuscritos e com poucos copistas, o que vem mostrar a fragilidade da natureza humana. Existem muitas evidências mostrando o trabalho dedicado, cuidadoso, honesto e fidelíssimo da maioria dos copistas, bem como abundante messe de manuscritos não alterados, que nos levam a crer firmemente na fidelidade da transmissão das Santas Escrituras. A Crítica Textual não abate os fundamentos da nossa crença, antes os solidifica.

16.2 A Crítica Textual e a Bíblia

A palavra crítica origina-se do verbo grego "krino" que significa julgar. A crítica textual tem como primeiro objetivo conhecer a exatidão de um texto. Muitos dignos



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

cristãos, bem intencionados, mas mal esclarecidos têm protestado energicamente contra qualquer aplicação da crítica textual à Bíblia. Para eles é simplesmente absurda a idéia de aplicar a crítica em relação à Bíblia. Perguntam eles: Como submeter a Palavra de Deus, obra do Espírito Santo, aos critérios humanos? Esta simples frase resolveria todos os problemas: O texto original (ou melhor, o autógrafo) da Bíblia é totalmente isento de erros, mas não as cópias feitas por copistas susceptíveis às falhas humanas. Até à invenção da imprensa, no século XV, os manuscritos eram produzidos por copistas, que freqüentemente cometiam erros de transcrição. Quando sabemos que os manuscritos eram recopiados uns dos outros, sem ser possível a conferência com o texto original é fácil concluir, que os erros tendiam a multiplicar-se nas cópias posteriores.

A finalidade essencial da crítica textual é restabelecer em toda a sua pureza o texto como saiu das mãos do autor, escoimando-o de erros dos copistas, tais como adições indevidas, notas marginais que foram inseridas no texto ou correções tendenciosas visando atenuar, ou torcer o sentido de uma frase, modificar o estilo, transformar o pensamento de um escritor. Os que atacam a crítica textual demonstram o seu despreparo nesta ciência. Para que o trabalho da crítica textual seja efetivo é necessário em primeiro lugar possuir razoável conhecimento das línguas bíblicas; seguindo-se um inventário tão completo quanto possível dos manuscritos, como a sua classificação em famílias; a judiciosa aplicação dos métodos da crítica textual, até chegar às causas primordiais dos erros na transmissão do texto bíblico.

Entende-se por crítica textual toda pesquisa científica em busca da verdadeira forma de um documento escrito no original, ou, pelo menos, no texto mais próximo do original. No que diz respeito aos autores dos últimos quatro séculos, depois da genial invenção de Gutenberg, podemos estar certos de possuirmos suas obras exatamente como foram escritas, salvo raras exceções, particularmente quanto a erros tipográficos de menor importância. Já não se pode dizer o mesmo a respeito das obras que circularam em manuscrito, antes da invenção da imprensa. Não é de admirar que os escritos copiados múltiplas vezes, umas cuidadosamente, mas outras sem maiores cuidados, e isto durante séculos, sofressem múltiplas e variadas alterações. Isto constitui, nos diferentes documentos conhecidos da mesma obra, o que se chama de variantes ou textos divergentes. E a crítica textual, particularmente a do Novo Testamento, tem por objetivo a escolha do texto, entre todos os encontrados nos vários manuscritos, que possua a maior soma de probabilidades de ser o original ou a forma primitiva do autógrafo, já que não possuímos nenhum dos



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

autógrafos do Novo Testamento, mas apenas cópias e algumas delas distantes mais de dois séculos do original. Esta busca científica dos originais ou dos textos que lhes sejam mais próximos é de extrema dificuldade, cheia de problemas de vasta complexidade. A regra geral nos leva a concluir que, quanto mais distante dos autógrafos, tanto quanto ao tempo como quanto ao número de cópias, maior a corrupção do texto, maior a soma de erros. No entanto, esta regra não é absoluta. Há obras, e o Novo Testamento é deste tipo, onde a matéria em si leva o copista a correções intencionais, e a corrupção, neste caso, não estaria em função da distância que separa a cópia de seu original, nem quanto ao número de cópias, nem mesmo quanto ao tempo, mas em função direta e inequívoca a matéria a ser copiada. Entretanto, o maior número de cópias torna os labores do crítico mais suaves, pois o pequeno número de manuscritos conduz à probabilidade de perda, nalguns lugares, da verdade original, que só pode ser alcançada mediante conjectura, processo deveras precário. Dr. Benedito P. Bittencourt, já várias vezes citado, inquestionavelmente, uma das maiores autoridades em crítica textual no Brasil, assim escreveu no capítulo "A Tarefa da Crítica Textual".

O Novo Testamento leva, quanto ao tempo que separa os mais antigos manuscritos de seus originais, grande vantagem sobre os clássicos. Possui o Novo Testamento cópias completas dentro do quarto século. Há partes, como as do Papiro Chester Beatty, por exemplo, que se situam na primeira metade do século terceiro e até mesmo no último quartel do segundo, como o caso do Papiro de Bodmer. Há mesmo um fragmento bem perto de seu autógrafo: é o fragmento de papiro P52, situado na primeira metade do século segundo, e mesmo no seu primeiro quartel por alguns paleógrafos, distando, assim, menos de cinqüenta anos de seu original, se colocarmos o Evangelho de João, que P52 representa, na última década do primeiro século. A tarefa do crítico é reagir contra os erros dos copistas. Ninguém deve recear a tarefa, nem mesmo menosprezá-la, quando se pode afirmar, com os entendidos do assunto, que não só os grandes manuscritos, mas também os mais antigos papéis atestam a integridade geral do texto sagrado. E, todavia, a insofismável autoridade da Lagrange diz que entre esta pureza substancial e um texto absolutamente igual aos originais há distância apreciável. Se nos lembrarmos de que os manuscritos e citações diferem entre si entre 150.000 e 250.000 vezes e que um estudo só do Evangelho de Lucas revelou mais de 30.000 passagens diferentes e que, como afirma a autoridade de M. M. Parvis, "não há uma só sentença do Novo Testamento na qual a tradição seja uniforme", sentiremos a grandeza e a responsabilidade da tarefa. Há uma afirmação do mesmo prof. Parvis, da Universidade de Chicago, que surge aos olhos do leigo como um choque'



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

tremendo e que só pode ser avaliada pelos estudiosos da matéria, que o presente Autor não pode deixar de transcrever: "Até que esta tarefa esteja completa, a incerteza a respeito do texto do Novo Testamento permanece". Note-se, todavia, que a elevada cifra de variantes, em sua maioria esmagadora, diz respeito a questões que não afetam o sentido profundo do texto e que o número de variantes que se revestem de importância, especialmente no que diz respeito à doutrina, é assaz reduzido. A tarefa da crítica textual do Novo Testamento é, diz Kenyon, "o mais importante ramo da ciência". Ela trata com um livro cuja importância é imensurável e vital, mais importante que qualquer outro livro do mundo, pois o Novo Testamento é único, nem mesmo comparação pode sofrer. É tarefa básica, pois dela dependem as outras ciências bíblicas. A crítica textual lança os fundamentos sobre o qual a estrutura da investigação espiritual deve ser construída. Sem um bom texto grego, tão mais próximo dos autógrafos quanto lhe permitam os labores da crítica textual, não é possível fazer segura exegese, hermenêutica, crítica histórica ou literária, nem mesmo teologia, para não falarmos em tradução. Embora seja chamada de baixa critica e bem modestos os seus esforços, é fundamental e indispensável ao estudante do Novo Testamento, desde o tradutor até o teólogo. O crítico textual tem por função, primeiro, a coleta do material documentário, que encontra no exame de vários manuscritos, versões e outro elemento muito precioso, ainda não mencionado, as citações dos chamados Padres Apostólicos. Depois se entregará ao exame crítico desse material, pela estima de seu vair. Para que ele possa realizar bem sua primeira função é necessário que esteja familiarizado com o material, terreno onde realiza suas investigações. Deve conhecer não só os vários manuscritos, versões e citações dos antigos escritores da Igreja Cristã, como também o modo pelo qual foram produzidos, os usos da escrita literária e não literária do tempo, o material usado, o destino e o objetivo final dessa mesma produção [...] Para que possa realizar a segunda parte, mais profunda, mais difícil e que requer mente bem educada e de grande acuidade intelectual, deve conhecer a própria história do texto, os métodos da crítica textual, teologia do autor cujo livro se examina, a história das doutrinas, a língua original, particularmente sua gramática, e um conhecimento cultural da época do autor e dos escritos cujas cópias considera. Por estas ligeiras indicações o leitor pode ver, não só a extensão, mas as implicações desta ciência. Isto para não falarmos em paleografia, arqueologia, conhecimento dos clássicos, como quer a escola alemã, pois se pressupõe este trabalho já realizado pelos respectivos especialistas e colocado ao alcance do crítico textual através da caracterização dos vários documentos (O Novo Testamento, Cânon – Língua – Texto, pp. 71-75).



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

16.3 O *Textus Receptus* - Seus Defensores e Opositores

Recebe o nome de "Textus Receptus" o texto grego que dominou, no campo do estudo do Novo Testamento por mais de 300 anos. Este texto é também conhecido pelos nomes de Texto Recebido ou Texto Grego Vulgarizado.

No início do século XVI dois grandes eruditos – o Cardeal Ximenes e Erasmo – lançaram-se à ingente tarefa de publicar o Novo Testamento em grego, procurando unificar os vários textos gregos existentes.

Para a boa compreensão da história do "Textus Receptus" é preciso partir do famoso editor francês Roberto Estéfano (1503-1559), que publicou quatro edições do texto grego. Sua terceira edição (1549) é o primeiro texto onde aparece um aparato crítico. Foi esta edição que se tornou o modelo para a King James Version de 1611 e até o século XIX foi o paradigma de todos os textos gregos publicados. A sua quarta edição (1551) não pode ser olvidada na história do texto bíblico, porque pela primeira vez aparece a divisão em versos numerados. Embora a expressão "Textus Receptus" se refira à terceira edição de Estéfano, esta não foi usada por ele.

Outro nome intimamente ligado com o "Textus Receptus" é o de Teodoro Beza (1519-1605), que entre 1565 e 1604 publicou nove textos bíblicos. O texto de Beza pouco difere da quarta edição de Estéfano. A importância do seu trabalho consiste no seguinte: suas edições visavam popularizar o "Textus Receptus". Os tradutores de King James fizeram largo uso das edições de Beza. Em 1624, os irmãos Elzevirs, impressores alemães, lançaram uma edição do Novo Testamento Grego, em cujo texto predominava o de Estéfano, mas havia também um pouco do texto de Beza. No prefácio da segunda edição se encontravam as seguintes palavras: "No texto que é agora recebido por todos, não apresentamos nada mudado ou alterado." A expressão "Textus Receptus" nasceu desta mesma frase em latim: "Textum ergo habes, nunc ab omnibus receptum: in quo nihil immutatum aut corruptum damus." Os autores desta simples frase jamais sonhariam que ela fosse o início de uma grande contenda na história do texto bíblico.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

16.3.1 Edições Posteriores ao "Textus Receptus" – Edições Críticas

O próximo estágio na história da Crítica Textual do Novo Testamento é caracterizado por assíduos esforços para reunir manuscritos gregos, versões e citações patrísticas, que diferissem do "Textus Receptus". Por quase dois séculos, eruditos rebuscaram as bibliotecas e museus da Europa e Oriente Médio, procurando provas para o texto do Novo Testamento. Durante este período, estudiosos publicaram Novos Testamentos baseados em melhores manuscritos, Brian Walton, que publicou a grande Bíblia Poliglota (1657) baseada no exame de 16 manuscritos. John Mill, também de Oxford, trabalhou 30 anos no preparo de sua edição de 1707, baseando-se em manuscritos, versões e Pais da Igreja. Bentley, empregando em vários lugares pessoas capazes para confrontarem manuscritos e versões, reuniu material para uma definitiva edição que suplantasse o "Textus Receptus", mas, infelizmente, por questões alheias à sua vontade, não chegou a completar sua edição do Novo Testamento.

Entre os colaboradores de Bentley estava J. J. Wettstein de Basileia, que após quarenta anos de pesquisas publicou em Amsterdam (1751) uma edição do Novo Testamento. Sua obra tem grande valor até hoje, não apenas pelas notas marginais e os seus prolegômenos (prefácio longo a uma obra científica), mas também pelo aparato crítico, onde pela primeira vez os manuscritos unciais são indicados pelas letras maiúsculas e os manuscritos minúsculos pelos números arábicos. Pertencem ainda a esta fase Semler (1725-1791) e Bengel (1687-1752), que individualmente publicaram uma edição do Novo Testamento Grego. Estes Novos Testamentos estavam baseados em manuscritos diferentes daqueles que foram usados para o "Textus Receptus". Contudo eles divergiram daquele texto e os apresentados por eles poucas variantes apresentavam relacionadas com o texto consagrado.

16.3.2 Declínio do "Textus Receptus"

O primeiro erudito a se opor frontalmente ao "Textus Receptus" foi o alemão Karl Lachmann (1793-1851). Seu objetivo ao editar o Novo Testamento não era reproduzir o texto original, pois ele cria ser isso uma tarefa impossível, mas procurar reconstruir o texto corrente no fim do IV século. Para isso usou manuscritos unciais



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

primitivos, versões latinas, a Vulgata de São Jerônimo e o testemunho de alguns Pais da Igreja. Após cinco anos de trabalho, publicou em Berlim (1831) uma edição do texto grego, com uma lista de passagens nas quais diferia do texto dos irmãos Elzevirs. Por esta divergência foi duramente atacado. No prefácio de sua segunda edição Lachmann atacou seus críticos por preferirem, cegamente, um texto familiar, mas inferior, a um primitivo muito mais exato. Seu valor está em chamar a atenção dos estudiosos para a conveniência de aceitarem um texto superior e não se contentarem com aquele, tradicionalmente conhecido e aceito por todos.

16.3.3 Constantino Tischendorf

Ninguém conseguiu fazer mais pelo texto bíblico do que este autor. Quando estudava teologia, seu professor de grego, Winer (autor de uma famosa gramática) despertou nele um desejo profundo para pesquisar manuscritos antigos, a fim de reconstruir a mais perfeita forma do Novo Testamento Grego. Com este objetivo em mente, dedicou-se de corpo e alma a esta sublime tarefa, pois escrevendo à sua noiva ele declarou: "Resolvi dedicar-me a uma tarefa sagrada – a luta para conseguir a forma original do Novo Testamento". Sem receio de contestação pode-se afirmar que ninguém fez mais do que Tischendorf para restaurar o texto original grego. Basta ter em mente que foi a pessoa que publicou mais manuscritos e produziu mais edições críticas da Bíblia Grega.

Entre 1841 e 1842 ele preparou oito edições do Novo Testamento Grego. A edição mais importante é a oitava, publicada em dois volumes, acompanhada por um rico Aparato Crítico, no qual Tischendorf reunia tudo sobre variantes textuais que ele ou seus predecessores tinham achado em manuscritos, versões e Pais da Igreja. Em virtude do grande esforço despendido, seu estado de saúde não lhe permitiu continuar o trabalho, por isso sua obra foi completada por seu discípulo – Gaspar Renê Gregory. O texto de sua oitava edição, de acordo com Nestle difere da sétima em 3.572 lugares. Foi acusado de dar excessivo valor à evidência do Códice Sinaítico, que ele tinha descoberto entre o lançamento da sétima e da oitava edição. Tischendorf deixou de lado o "Textus Receptus", não levando também em conta a classificação dos manuscritos em famílias.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

16.3.4 Samuel Tregelles

Na Inglaterra, o intelectual mais bem sucedido em afastar-se do "Textus Receptus" foi Samuel Tregelles. Desde menino, demonstrando grande talento e curiosidade intelectual, já fazia planos para uma nova edição crítica do Novo Testamento. No intervalo de 1857 e 1872 publicou um texto grego equipado com o mais completo aparato de variantes das versões que já aparecera. Dotado de extraordinária força de vontade, Tregelles conseguiu vencer a pobreza, a oposição e a saúde precária, apresentando notável trabalho no terreno da Crítica Textual. Sua dedicação ao trabalho era um ato de adoração, pois no prefácio de sua obra declarou "na crença total de que esta deve ser para o serviço de Deus e para ser útil à Sua Igreja".

16.3.5 Westcott e Hort

Estes dois intelectuais ingleses, após um dedicado trabalho de 28 anos publicaram dois volumes: O Novo Testamento no Original Grego com Introdução e Apêndice, onde os princípios críticos seguidos por ele são minuciosamente expostos. Depois de exaustivas pesquisas na procura de manuscritos antigos, os estudiosos desejaram classificá-los em grupos, assim várias tentativas foram feitas, mas quase todas infrutíferas quanto aos seus resultados. Coube a B. F. Westcott e F. J. A. Hort, dois renomados professores da Universidade de Cambridge, a classificação dos manuscritos do Novo Testamento em quatro famílias, por eles denominadas: Siríaca, Ocidental, Alexandrina e Neutra.

Para eles a mais importante destas famílias era a neutra, por estar mais próxima dos autógrafos e por contar com os dois mais famosos códices unciais – Sinaítico e Vaticano. A preferência de Westcott e Hort por esta família é partilhada por insignes vultos da Crítica Textual, mas, estudos posteriores têm indicado que eles foram otimistas demais quanto à pureza do texto neutro. Pode-se notar ainda que o texto Alexandrino não é distinto do texto neutro, por isso, hoje, aparece como Alexandrino.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

16.3.6 A Defesa do "Textus Receptus"

Os defensores deste discutido texto tornaram-se tão fanáticos, que não admitiam que ele fosse alterado ou melhorado. Aqueles que ousaram divergir foram tachados de irreverentes e sacrílegos. Sendo que Westcott e Hort rejeitaram totalmente o texto tradicional, suas idéias não foram bem aceitas pelos conservadores. Em breve, intelectuais se levantaram como denodados paladinos do texto aceito por todos durante 300 anos. Dentre esses defensores destacam-se Scrivener, Edward Miller e John Burgon. O argumento principal destes estudiosos em defesa do "Textus Receptus" era este: "Se as palavras da Escritura tinham sido ditadas pela inspiração do Espírito Santo, Deus não teria permitido que elas fossem corrompidas no decurso de sua transmissão." Os argumentos apresentados em defesa do "texto recebido" não tiveram a ressonância que eles esperavam e após a morte deles esta polêmica foi para sempre encerrada.

16.4 Edições Gregas após Westcott e Hort

16.4.1 Herman Von Soden: (1852-1913)

Graças ao apoio financeiro da Sra. Elise Koenigs, Von Soden, professor em Berlim, pôde enviar muitos estudantes que tinham sido treinados por ele para examinarem manuscritos nas bibliotecas e museus da Europa e do Oriente Médio. Ele identificou três grupos de manuscritos, designando-os pelas letras gregas K, H, I. Estas letras são iniciais das seguintes palavras: K de koinê – comum H de Hesíquio e I de Siríaco de W. H.; O H incluiria o Neutro e o Alexandrino de W. H., enquanto o I equivaleria ao Ocidental dos dois professores da Universidade da Universidade de Cambridge. Discordando da classificação dos manuscritos em unciais e minúsculos e do agrupamento em famílias de W. H. idealizou nova classificação que indicasse a idade, conteúdo e tipo de cada manuscrito. Por ser um trabalho complexo, difícil de ser aceito na prática, redundou num grande desapontamento para a Crítica Textual, por isso foi totalmente posto de lado. Como resultado de suas pesquisas e de seus muitos auxiliares, Von Soden publicou a História do Texto Bíblico em 2.203 páginas de seus prolegômenos. Este trabalho, resultado de prolongada investigação e intensivo estudo, tem sido descrito como um magnífico fracasso.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

16.4.2 *Bernard Weiss (1827-1918)*

Enquanto professor de Exegese Grega, em Berlim, editou o Novo Testamento em três volumes. Sendo um profundo exegeta tratou com eficiência de problemas teológicos e literários do texto do Novo Testamento. Seu trabalho se caracteriza pela valorização das evidências internas, discordando assim de Westcott e Hort, que se apoiavam em evidências externas, concordando, porém, com eles em classificar o manuscrito Vaticano como o melhor. Weiss discorda também dos defensores da teoria genealógica na classificação dos manuscritos bíblicos.

16.4.3 *Eberhard Nestle (1851-1913)*

A edição do Novo Testamento Grego mais amplamente usada foi preparada por Nestle, através da Sociedade Bíblica de Stuttgart (1898). Seu texto é baseado em uma comparação dos textos editados por Tischendorf, Westcott e Hort e Weiss. A obra de Nestle representa o aperfeiçoamento do texto do fim do século XIX. Sendo notável pela síntese maravilhosa do Aparato Crítico e pela precisão da grande soma de informações textuais, sua edição tem sido muito apreciada. Uma nova edição do Novo Testamento Grego de Nestle foi planejada, quando a Sociedade Bíblica Britânica comemorou seu sesquicentenário (1954). O texto foi preparado por Kilpatrick, com a ajuda de Erwin Nestle e Kurt Aland (Londres – 1958). Houve mudanças numas 20 passagens e diversas alterações na ortografia, acentuação e no uso de parênteses.

16.5 *Nova Edição para os Tradutores da Bíblia*

Em 1966, após uma década de trabalho por uma Comissão Internacional, cinco Sociedades Bíblicas publicaram uma edição do Novo Testamento Grego com a finalidade de ser usada pelos tradutores da Bíblia.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

As edições do Novo Testamento Grego, aqui apresentadas, são as mais importantes, mas o seu número exato desde 1514 até nossos dias é difícil de ser avaliado. Bruce, cuja autoridade em problemas de crítica textual ninguém discute, calcula que mais de mil edições já apareceram.

Apêndice

O Valor religioso da Bíblia. Bíblia é, sem dúvida, um dos mais apreciados legados literários da humanidade. Contudo o seu valor não se firma de maneira substancial no fato literário. A riqueza da Bíblia consiste no caráter essencialmente religioso da sua mensagem, que a transforma no livro sagrado por excelência, tanto para o povo de Israel quanto para a Igreja cristã. Nessa coleção de livros, a Lei se apresenta como uma ordenação divina (Êx 20; Sl 119), os Profetas têm a consciência de serem portadores de mensagens da parte de Deus (Is 6; Jr 1.2; Ez 2-3) e os Escritos ensinam que a verdadeira sabedoria encontra em Deus a sua origem (Pv 8.22-31).

Esses valores religiosos aparecem não só no título de Sagradas Escrituras, mas também na forma que Jesus e, em geral, os autores do Novo Testamento se referem ao Antigo, isto é, aos textos bíblicos escritos em épocas precedentes. Isso ocorre, por exemplo, quando lemos que Deus fala por meio dos profetas ou por meio de algum dos outros livros (Mt 1.22; 2.15; Rm 1.2; 1Co 9.9) ou quando os profetas aparecem como aquelas pessoas mediante as quais “se diz” algo ou “se anuncia” algum acontecimento, forma hebraica de expressar que é o próprio Deus quem diz ou anuncia (Mt 2.17; 3.3; 4.14); também quando se afirma a permanente autoridade das Escrituras (Mt 5.17-18; Jo 10.35; At 23.5), ou quando as relaciona especialmente com a ação do Espírito Santo (At 1.16; 28.25). Formas magistrais de expressar a convicção comum a todos os cristãos em relação ao valor das Escrituras são encontradas em passagens como 2Tm 3.15-17 e 2Pe 1.19-21.

A Igreja cristã, desde as suas origens, tem descoberto na mensagem do evangelho o mesmo valor da palavra de Deus e a mesma autoridade do Antigo Testamento (Mc 16.15-16; Lc 1.1-4; Jo 20.31; 1Ts 2.13). Por isso, em 2 Pe 3.16, se equiparam as epístolas de “nossa amado irmão Paulo” (v.15) às “demais Escrituras”. Gradativamente, a partir do século II d.C., foram sendo reconhecidos os 27 livros que formam o Novo Testamento a sua categoria de livros sagrados e, em consequência, a plenitude da sua autoridade definitiva e o seu valor religioso.



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

Tal reconhecimento, que implica o próprio tempo da presença, direção e inspiração do Espírito Santo na formação das Escrituras, não descarta, em absoluto, a atividade física e criativa das pessoas que redigiram os textos. Elas mesmas se referem a essa atividade em diversas ocasiões (Ec 1.13; Lc 1.1-4; 1Co 15.1-3,11; Gl 6.11). A presença de numerosos autores materiais é, precisamente, a causa da extraordinária riqueza de línguas, estilos, gêneros literários, conceitos culturais e reflexões teológicas que caracterizam a Bíblia.

A natureza da Palavra de Deus. A expressão “a palavra de Deus” (também “a palavra do Senhor”, ou simplesmente “a palavra”) possui várias aplicações na Bíblia. Obviamente, refere-se, em primeiro lugar, a tudo quanto Deus tem falado diretamente. Quando Deus falou a Adão e Eva (Gn 2.16,17; Gn 3.9-19), o que Ele lhes disse era, de fato, a palavra de Deus. De modo semelhante, Ele se dirigiu a Abraão (Gn 12.1-3), a Isaque (Gn 26.1-5), a Jacó (Gn 28.13-15) e a Moisés (Êx 3-4). Deus também falou à totalidade da nação de Israel, no monte Sinai, ao proclamar-lhe os dez mandamentos (Êx 20.1-19). As palavras que os israelitas ouviram eram palavras de Deus.

Além da fala direta, Deus ainda falou através dos profetas. Quando eles se dirigiam ao povo de Deus, assim introduziam as suas declarações: “Assim diz o Senhor”, ou “Veio a mim a palavra do Senhor”. Quando, portanto, os israelitas ouviam as palavras do profeta, ouviam, na verdade, a palavra de Deus.

A mesma coisa pode ser dita a respeito do que os apóstolos falaram no Novo Testamento. Embora não introduzissem suas palavras com a expressão “assim diz o Senhor”, o que falavam e proclamavam era, verdadeiramente, a palavra de Deus. O sermão de Paulo ao povo de Antioquia da Pisídia (At 13.14-41), por exemplo, criou tamanha comoção que, “no sábado seguinte, ajuntou-se quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus” (At 13.44). O próprio Paulo assegurou aos Tessalonicenses que, “havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus” (1Ts 2.13; At 8.25).

Além disso, tudo quanto Jesus falava era palavra de Deus, pois Ele, antes de tudo, é Deus (Jo 1.1,18; 10.30; 1Jo 5.20). Lucas, escritor do terceiro evangelho, declara explicitamente que, quando as pessoas ouviam a Jesus, ouviam na verdade a palavra de Deus (Lc 5.1). Note como, em contraste com os profetas do AT, Jesus



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

introduzia seus ditos: Eu “vos digo...” (Mt 5.18,20, 22, 23, 32,39; 11.22,24; Mc 9.1; 10.15; Lc 10.12; 12.4; Jo 5.19; 6.26; 8.34). Noutras palavras, Ele tinha dentro de si mesmo a autoridade divina para falar a palavra de Deus. É tão importante ouvir as palavras de Jesus, pois “quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação” (Jo 5.24). Jesus, na realidade, está tão estreitamente identificado com a palavra de Deus que é chamado “o Verbo” [“a Palavra”] (Jo 1.1,14; 1Jo 1.1; Ap 19.13-16; Jo 1.1). A palavra de Deus é o registro do que os profetas, apóstolos e Jesus falaram, isto é, a própria Bíblia. No Novo Testamento, quer um escritor usasse a expressão “Moisés disse”, “Davi disse”, “o Espírito Santo diz”, ou “Deus diz”, nenhuma diferença fazia (At 3.22; Rm 10.5,19; Hb 3.7; 4.7); pois o que estava escrito na Bíblia era, sem dúvida alguma, a palavra de Deus. Mesmo não estando no mesmo nível das Escrituras, a proclamação feita pelos autênticos pregadores ou profetas, na igreja de hoje, pode ser chamada a palavra de Deus. Pedro indicou que, a palavra que seus leitores recebiam mediante a pregação, era palavra de Deus (1Pe 1.25), e Paulo mandou Timóteo “pregar a Palavra” (2Tm 4.2). A pregação, porém, não pode existir independentemente da Palavra de Deus. Na realidade, o teste para se determinar se a palavra de Deus está sendo proclamada num sermão, ou mensagem, é se ela corresponde exatamente à Palavra de Deus escrita.

O que se diz de uma pessoa que recebe uma profecia, ou revelação, no âmbito do culto de adoração (1Co 14.26-32)? Ela está recebendo, ou não, a palavra de Deus? A resposta é um “sim”. Paulo assevera que semelhantes mensagens estão sujeitas à avaliação por outros profetas. Todavia, há a possibilidade de tais profecias não serem palavra de Deus (1Co 14.29 “E falem dois ou três profetas, e os outros julguem”).

É somente em sentido secundário que os profetas, hoje, falam sob a inspiração do Espírito Santo; sua revelação jamais deve ser elevada à categoria da inerrância (1Co 14.3).

O Poder da Palavra de Deus. A palavra de Deus permanece firme nos céus (Sl 119.89; Is 40.8; 1Pe 1.24,25). Não é, porém, estática; é A mesma coisa pode ser dita a respeito do que os apóstolos falaram no Novo Testamento. Embora não introduzissem suas palavras com a expressão “assim diz o Senhor”, o que falavam e proclamavam era, verdadeiramente, a palavra de Deus. O sermão de Paulo ao povo de Antioquia da Pisídia (At 13.14-41), por exemplo, criou tamanha comoção que, “no sábado seguinte, ajuntou-se quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus” (At



Faculdade e Seminário Teológico Nacional

Cursos Online de Teologia Ensino à Distância

13.44). O próprio Paulo assegurou aos Tessalonicenses que, “havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus” (1Ts 2.13; At 8.25).

Além disso, tudo quanto Jesus falava era palavra de Deus, pois Ele, antes de tudo, é Deus (Jo 1.1,18; 10.30; 1Jo 5.20). Lucas, escritor do terceiro evangelho, declara explicitamente que, quando as pessoas ouviam a Jesus, ouviam na verdade a palavra de Deus (Lc 5.1). Note como, em contraste com os profetas do Antigo Testamento, Jesus introduzia seus ditos: Eu “vos digo...” (Mt 5.18,20, 22, 23, 32,39; 11.22,24; Mc 9.1; 10.15; Lc 10.12; 12.4; Jo 5.19; 6.26; 8.34). Noutras palavras, Ele tinha dentro de si mesmo a autoridade divina para falar a palavra de Deus. É tão importante ouvir as palavras de Jesus, pois “quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna e não entrará em condenação” (Jo 5.24). Jesus, na realidade, está tão estreitamente identificado com a palavra de Deus que é chamado “o Verbo” [“a Palavra”] (Jo 1.1,14; 1Jo 1.1; Ap 19.13-16; Jo 1.1). A palavra de Deus é o registro do que os profetas, apóstolos e Jesus falaram, isto é, a própria Bíblia. No Novo Testamento, quer um escritor usasse a expressão “Moisés disse”, “Davi disse”, “o Espírito Santo diz”, ou “Deus diz”, nenhuma diferença fazia da palavra de Deus.

A palavra de Deus é a arma que o Senhor nos proveu para lutarmos contra Satanás (Ef 6.17; Ap 19.13-15). Jesus derrotou Satanás, pois fazia uso da Palavra de Deus: “Está escrito” (“consta como a Palavra infalível de Deus”; Lc 4.1-11; Mt 4.1-11).

Finalmente, a palavra de Deus tem o poder de nos julgar. Os profetas do Antigo Testamento e os apóstolos do Novo Testamento freqüentemente pronunciavam palavras de juízo recebidas do Senhor. O próprio Jesus assegurou que a sua palavra condenará os que o rejeitarem (Jo 12.48). E o autor aos Hebreus escreve que a poderosa palavra de Deus julga “os pensamentos e intenções do coração” (Hb 4.12). Noutras palavras: os que optam por desconsiderar a palavra de Deus acabarão por experimentá-la como palavra de condenação.